

José Roberto Herrera Cantorani

**INDIVÍDUOS EM BUSCA DE EXCITAÇÃO E PRAZER:
Análise Sociológica da Expansão das Atividades Físicas de Aventura na
Natureza.**

**Ponta Grossa
2006**

José Roberto Herrera Cantorani

INDIVÍDUOS EM BUSCA DE EXCITAÇÃO E PRAZER:

Análise Sociológica da Expansão das Atividades Físicas de Aventura na

Natureza.

Estrutura de Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas – Área de Concentração: Sociedade, Direito e Cidadania; Linha de Pesquisa: História, Cultura e Cidadania; Orientação: Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Jr., Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG.

Ponta Grossa
2006

TERMO DE APROVAÇÃO

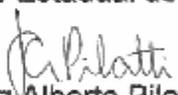
JOSÉ ROBERTO HERRERA CANTORANI

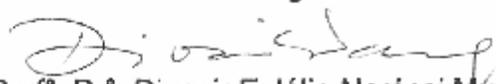
“INDIVÍDUOS EM BUSCA DE EXCITAÇÃO E PRAZER: ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA EXPANSÃO DAS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:


Orientador: Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior - UEPG
Universidade Estadual de Ponta Grossa


Prof. Dr. Gustavo Luiz Gutierrez - UNICAMP
Universidade Estadual de Campinas


Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti - UTFPR
Universidade Tecnológica Federal do Paraná


Profª. Drª. Divanir Eulália Naréssi Munhoz - UEPG
Universidade Estadual de Ponta Grossa

DEDICATÓRIA

*A opção pelo prosseguimento nos estudos
Impõe certas condições, certas renúncias.
Neste tempo dedicado ao mestrado,
A compreensão, a tolerância e a paciência
Me foram ofertados pela pessoa com quem
Divido as minhas conquistas*

Fabiana dos Santos Herrera Cantorani

HOMENAGEM

*Pela lição de vida;
Pela riqueza que me deixou:
Estrutura moral, intelectual e espiritual.*

Oswaldo Cantorani (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

*Porque o caminho somos nós
Que percorremos,
Mas não sozinhos.*

Antônio Carlos Frasson
Divanir Eulália Naressi Munhoz
Gustavo Luiz Gutierrez
Lúcia Cortes da Costa

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

*Por ter transmitido
(certamente o fez)
O valor que dava ao estudo.*

Rosa Ginez Herrera Cantorani

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

*Por ter não apenas me mostrado o caminho,
Mas por ter me encaminhado,
Me inicializado.*

Luiz Alberto Pilatti

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

*Por ter oportunizado esta etapa que aqui
Se materializa, o mestrado.*

Constantino Ribeiro de Oliveira Jr.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo principal a compreensão do desenvolvimento das atividades físicas de aventura na natureza. O caminho adotado para se chegar a esse objetivo passa pela exploração das transformações dos hábitos sociais e dos desdobramentos que tais transformações acarretaram à vida moderna. O processo civilizacional, a modernização e as necessidades desencadeadas por tais acontecimentos são aqui desnudados com o propósito de verificar a sua relação com as atividades de lazer. Este propósito é balizado no fato de que algumas das atividades de lazer, sobretudo miméticas, foram, factualmente, transformadas – por um processo cego, isto é, não pensado, não direcionado, não planejado, desenvolvido sócio-históricamente, assim como o próprio desenvolvimento do processo civilizacional – em um meio de se alcançar a satisfação frente a essas necessidades. Este estudo objetiva mostrar que essas necessidades dizem respeito à busca por um equilíbrio frente ao desconforto encontrado pelo homem em seu local de convívio e respectivo posicionamento na evolução civilizacional. Em tempos hodiernos, o convívio, muitas vezes, é com um dia-a-dia corrido, agitado, estressante e também rotineiro. Neste contexto, algumas atividades de lazer acabam apresentando melhores condições para a satisfação e equilíbrio desses desconfortos do que outras. Assim, com base neste contexto, e frente ao desenvolvimento mercadológico alcançado recentemente, as atividades físicas de aventura na natureza são aqui estudadas com o propósito de verificar a sua condição de restauradora do equilíbrio frente às necessidades geradas pelo processo civilizacional e pela condição de vida em um contexto amplamente urbano.

Palavras-chave: lazer, aspectos sociais.

ABSTRACT

The following research has as the main goal the comprehension of development of physical adventure in nature. The way adopted to achieve this goal, goes through the exploration on the transformation in the social habits and the consequences that such transformation cause the modern life. The civilization process, the modernization and the necessities unchained for such events here are opened with the intention of verifying its relation with the activities of leisure. This purpose is marked out with the fact that some activities of leisure, on all mimetic, had been, indeed, transformed by a blind process, that was not thought, not directed, not planned, developed social-historically, as well as the own development of civilization process in a way of reaching the satisfaction throughout these necessities. The goal of this study is to show that these necessities are related to the search for a balance due to the uncomfortable found by the man in its place of living and respective positioning in the civilization evolution. In modern times, the sociability, many times, is based on running days, agitated, stressful and also routine. In this context, some activities of leisure end up presenting better conditions for the satisfaction and balance to these discomforts than others. Based on this context, front to the marketing development reached recently, the physical activities of adventure in the nature are here studied with the purpose of verifying its condition of restorative of the balance front the necessities generated by the civilization process and the condition of life in a widely urban context.

Key-words: Leisure, social aspects.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFAN	Atividade Física de Aventura na Natureza
CGP	Campos Gerais do Paraná
MTur	Ministério do Turismo
OMC	Organização Mundial do Comércio
OMT	Organização Mundial do Turismo
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa

SUMÁRIO

Resumo	x
Abstract	xi
Lista de abreviaturas e siglas	xii
Iniciando a aventura	01
I – Teoria eliasiana e seus conceitos fundamentais	08
1. Conceitos fundamentais da teoria de Elias.....	08
2. Conseqüências do processo civilizador: a aventura da modernidade.....	15
2.1 Rotinas da vida cotidiana.....	29
3. Catarse em atividades miméticas.....	46
II – O significado do lazer	55
1. O lazer enquanto mecanismo de equilíbrio.....	55
2. A sociedade e a evolução das formas de lazer.....	61
3. O surgimento de necessidades.....	67
4. A modernidade e a evolução das necessidades de lazer.....	74
III – As AFANs	82
1. Atividades físicas de aventura na natureza – AFANs.....	82
2. Caracterização e consolidação das AFANs.....	89
3. A tecnologia e a evolução das AFANs.....	96
4. Especificidades e atividades mais praticadas.....	101
IV – Procedimentos Metodológicos	111
V – Aventura Empírica	119
1. O local da aventura.....	119

1.1 A aventura em Itararé.....	126
1.2 A aventura em Tibagi.....	136
1.3 A aventura em Prudentópolis.....	145
VI – Análise e discussão da aventura.....	154
Fim da aventura.....	165
Referências.....	169
Apêndices.....	172
1. Apêndice I – Roteiro das Entrevistas.....	173
1. Apêndice II – Questionário.....	175
1. Apêndice III – Termo de consentimento de participação no estudo.....	177
1. Apêndice IV – Carta de Agradecimento.....	178

INICIANDO A AVENTURA

As atividades físicas de aventura na natureza encontram-se dispostas entre as várias opções de lazer disponíveis na sociedade. A sua constituição enquanto fenômeno plausível de ser comprado e/ou utilizado por parte significativa da população como fonte de satisfação é recente. Esta pesquisa preocupa-se justamente com a contextualização dessas atividades, ou seja, com o desenvolvimento das atividades físicas de aventura na natureza, sua consolidação na atualidade e a ligação deste fenômeno com o gosto e o hábito de determinados grupos da sociedade.

Para entender o desenvolvimento e a consolidação deste fenômeno buscou-se, por intermédio de uma longa conversa com os escritos de Norbert Elias¹, uma aproximação das teorias das transformações dos hábitos sociais e dos desdobramentos que tais transformações acarretaram à vida moderna. Afinal, é plausível que se diga que a compreensão de fenômenos ligados às necessidades humano-sociais, como é o caso deste recente fenômeno, passa pela compreensão do próprio processo civilizador. Este estudo, uma vez que diz respeito a aspectos ligados ao interesse e/ou comportamento humano, é construído levando-se em conta a sua interação com a totalidade constituída e que constitui o ser humano.

A apresentação do trabalho aqui realizado passa pela contemplação de alguns procedimentos apontados por Elias. Esses procedimentos se constituem em formas de se evitar a compartimentalização daquilo que para ser devidamente compreendido é preciso ser estudado em seu contexto complexo. Elias entende que para se estudar as diferentes manifestações dos seres humanos – visto que estas respondem a um contexto em que todas

¹ Norbert Elias (22/6/1897 - 1º/8/1990) nasceu na Alemanha filho de judeus burgueses. Conviveu com problemas como a exclusão – em virtude de sua origem judaica – e também com os problemas originários da guerra – em virtude de ser um jovem de nacionalidade alemã. Tais experiências dão um pano de fundo a suas obras, que vão discutir os problemas relacionados aos “estabelecidos e outsiders” e, principalmente, aos relacionados ao “processo civilizador”. Elias iniciou como docente de sociologia com Karl Mannheim em Frankfurt em 1933.

estão em conexão, ou melhor, em estado de interdependência – é preciso fazê-lo no esteio da relação entre a sociogênese e a psicogênese. A preocupação de Elias consiste no estudo “global” dos seres humanos e não apenas em aspectos particulares de suas vidas. Para Elias,

[...] permanece sem reconhecimento o fato de que uma psicologia social histórica, um estudo simultaneamente psicogenético e sociogenético, é necessária para traçar as conexões entre todas essas diferentes manifestações dos seres humanos. Os que se interessam pela história da sociedade, como os que estudam a história da mente, encaram a “sociedade” e o mundo das “idéias” como duas formações diferentes que pode haver sentido em separar. (ELIAS, 1993, 2v, p. 234-235).

De acordo com Elias (1993, 2v, p. 235), é como se ambos – historiadores e psicólogos – acreditassem “que há uma sociedade fora das idéias e pensamentos, ou idéias fora da sociedade”. E, não obstante, “[...] simplesmente discutem qual desses dois reinos é mais ‘importante’, dizendo uns que são as idéias, sem a sociedade, que põem esta última em movimento, e outros que é uma sociedade sem idéias que deflagra as idéias”.

A organização teórica e metodológica de Elias, além de contribuir profundamente para este estudo, elucida os caminhos e cuidados tomados neste trabalho. Elias atribui prioridade à síntese em relação à análise e esforça-se por

[...] evitar a compartimentalização das pessoas e das sociedades humanas segundo categorias como “econômico”, “político” e “social” – como se “o econômico” e “o político” não fizessem parte, de algum modo, da “sociedade” – ou “biológico”, “psicológico” e “sociológico” – como se as pessoas pudessem existir sem corpos, como se seus “espíritos” fossem de alguma maneira fenômenos não físicos ou biológicos, ou como se as “sociedades” pudessem existir, de certa forma, independentemente e separadas do homem e da mulher individuais que as constituem. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 21, tradução nossa²).

² Traduzido da versão portuguesa cuja frase assim se encontra: [...] evitar a compartimentalização das pessoas e das sociedades humanas segundo categorias como “econômico”, “político” e “social” – como se “o econômico” e “o político” não fizessem parte, de algum modo, da “sociedade” – ou “biológico”, “psicológico” e “sociológico” – como se as pessoas pudessem existir sem corpos, como se seus “espíritos” fossem de alguma maneira fenômenos não físicos ou biológicos, ou como se as “sociedades” pudessem existir, de certa forma, independentemente e separadas do homem e da mulher individuais que as constituem.

Essa é a perspectiva pensada para este estudo a respeito do crescimento das atividades físicas de aventura na natureza: um olhar que contemple os fenômenos biológicos, psicológicos e sociológicos relacionados ao desenvolvimento – ao longo do processo civilizador – de determinadas necessidades, hoje íntimas ao objeto desta pesquisa.

Elias ressalta a importância da “psicologia social histórica” para a superação da compartimentalização. Segundo Elias (1993, 2v, p. 234), “na atual estrutura da pesquisa histórica, uma nítida linha divisória costuma ser traçada entre o trabalho dos historiadores e o dos psicólogos”.

Exatamente porque o psicólogo pensa não-historicamente, porque aborda as estruturas psicológicas dos homens de nossos dias como se fossem algo sem evolução ou mudança, os resultados de suas investigações de pouco servem ao historiador. E porque, preocupado com o que chama de fatos, evita problemas psicológicos, o historiador pouco tem a dizer ao psicólogo. (ELIAS, 1993, 2v, p. 234).

Contudo, de acordo com Elias, no caso da sociologia a situação é um pouco melhor. Tal fato, porém, só se verifica na medida em que esta chega a se interessar por problemas históricos e aceita “sem reservas a linha divisória traçada pelo historiador entre a estrutura aparentemente imutável do homem e suas diferentes manifestações” (ELIAS, 1993, 2v, p. 234).

Este, o caminho aqui adotado, não obstante, tem que passar pela transposição da frágil barreira da reificação de conceitos, que obscurece e distorce a compreensão da própria vida em sociedade. Tal reificação “é um encorajamento constante à idéia de que a sociedade é constituída por estruturas que nos são exteriores – os indivíduos – e que os indivíduos são simultaneamente rodeados pela sociedade e separados dela por uma barreira invisível” (ELIAS, 1980, p. 15). Neste contexto, é preciso que se tenha em mente a relação mútua entre a sociogênese e a psicogênese: aspectos interdependentes do mesmo processo de longo prazo.

O objetivo implícito, ou até mesmo explícito, nas teorizações de Elias é a contribuição para o desenvolvimento de uma síntese mais adequada ao objeto, com base tanto na teoria quanto na observação, e para um retrato das pessoas e da sociedade em que estas possam ser descritas como realmente são e não como se supõe que sejam. Ou seja, o aperfeiçoamento de um método que seja adequado ao estudo da integração natural do nível humano-social.

O caminho, de acordo com o que foi mostrado por Elias (1993, 2v, p. 225-235) ao estudar o processo civilizador é levar em conta o processo de interdependência e a dinâmica imanente das configurações. Pois,

[...] todas as investigações que consideram apenas a consciência do homem, sua “razão” ou “idéias”, ignorando ao mesmo tempo a estrutura das pulsões, a direção e a forma de emoções e impulsos humanos, só podem ser, por princípio, um valor bastante limitado. Uma parte enorme do que é indispensável para compreender o homem escapa desse enfoque. A racionalização da atividade intelectual, bem como de todas as mudanças estruturais nas funções do ego e do superego, de todos esses níveis interdependentes da personalidade do homem, serão muito pouco acessíveis ao pensamento, enquanto as indagações se limitarem a mudanças nos aspectos intelectuais, a mudanças de idéias, e pouca atenção se der ao equilíbrio e padrão mutáveis das relações entre pulsões e sentimentos, por um lado, e o controle dos mesmos, por outro. (ELIAS, 1993, 2v, p. 236).

Com o devido amparo neste ideário eliasiano, firma-se a constatação de que para uma aproximação – tanto quanto possível – da compreensão do significado das atividades de lazer e, sobretudo, das atividades físicas de aventura na natureza, é preciso muito mais do que um estudo compartimentalizado. É preciso levar-se em conta tanto as mudanças dos padrões de comportamento social e relações sócio-humanas ao longo dos tempos quanto apurar as conseqüências dessas mudanças: a direção e a forma das emoções e impulsos humanos.

Diante da proposta firmada para este estudo, o primeiro capítulo: “Teoria eliasiana e seus conceitos fundamentais” vai, ao apresentar esses conceitos, tratar das conseqüências do processo civilizador. Neste capítulo são apresentados dados sobre os problemas

civilizacionais, que, proporcionalmente à sua evolução, impuseram transformações no comportamento humano/social rumo ao controle cada vez maior sobre as formas de conduta. Primeiramente por mecanismos de coação exteriores, depois por mecanismos interiores, a evolução das sociedades acarretou em uma internalização de padrões de conduta e em uma disciplinarização crescente das emoções.

O estudo desse controle e de suas conseqüências nas sociedades contemporâneas acaba por ampliar o foco para aspectos ligados também ao *habitus*, à rotina nas sociedades hodiernas e aos seus desdobramentos. Esses desdobramentos – a evolução civilizacional – mostraram uma capacidade muito grande em tecer teias nas quais as pessoas se vêem cada vez mais comprometidas com atividades de caráter sério e de grande carga de tensão.

Com base neste contexto o estudo avança ao segundo capítulo: “O significado do lazer”. Nele, são compilados dados sobre o ideário de que as atividades de lazer surgem e evoluem amparadas por uma função implícita de equilíbrio entre esse tipo de tensão e tensões prazerosas. E procura mostrar que a grande carga de rotina, de controle e de stress, e a falta de possibilidade de viver situações de emoções fortes e de satisfação, assim como também o afastamento contínuo de ambientes naturais, são responsáveis pela potencialização da sensação de vazio, de insatisfação e pela geração de necessidades específicas para esta situação.

Ao se considerar que a busca pela satisfação das necessidades é uma mola propulsora para a evolução das sociedades, fundamenta-se de forma factível a interpretação de que as atividades de lazer evoluíram, e se modificaram e/ou foram reestruturadas em função de seu papel frente às necessidades humano-sociais. Sob este ângulo apresenta-se a visão de que elas desenvolveram-se de forma a satisfazer as mais diferentes facetas das necessidades geradas pela vida em sociedade.

Com amparo nessa base de argumentação é apresentado o terceiro capítulo: “As AFANs”. Neste capítulo, após se valer das orientações iniciais, têm-se uma base teórica para argumentar em favor de que as atividades físicas de aventura na natureza, e a sua evolução, têm relação direta com determinados modos de vida em sociedade e necessidades geradas pela vida neste meio. As transformações ocorridas no processo civilizacional resultaram não apenas em aspectos positivos – esta realidade é incontestável –, mas também em aspectos negativos, problemas com os quais as sociedades hodiernas passaram a ter que conviver, como, por exemplo, o afastamento da natureza, níveis bastante elevados de pressão, ritmos de vida estressantes, agitados, corridos e também rotineiros.

A ciência do processo evolutivo desses aspectos negativos desencadeados pelo processo civilizacional, juntamente, com o entendimento do papel das atividades de lazer para as sociedades hodiernas permitem o reconhecimento da condição *sine qua non* das atividades físicas de aventura na natureza para a satisfação das necessidades geradas por tais problemas.

O quarto capítulo é destinado a apresentação dos procedimentos metodológicos. Já o quinto capítulo: “Aventura empírica” apresenta o processo de coleta de dados empíricos. Diante da perspectiva da fertilização cruzada entre o raciocínio teórico e a investigação empírica indicada por Elias³, são apurados dados junto aos turistas em busca de atividades físicas de aventura na natureza e confrontados com o referencial teórico construído. O sexto capítulo é responsável pela análise e discussão desses dados.

É preciso salientar ainda que o foco desta pesquisa está nas atividades de aventura desenvolvidas dentro da perspectiva do lazer – as quais são oferecidas por ramificações do turismo⁴. Tal fato se dá em função dessas atividades serem praticadas por pessoas comuns⁵.

³ Este é um método de trabalho que Norbert Elias sugere para os estudos em sociologia para se evitar o problema da compartimentalização das pessoas e/ou das sociedades. Maiores detalhes a respeito desse procedimento metodológico estão no capítulo destinado aos procedimentos metodológicos deste estudo ou ainda em: ELIAS, N., DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: DIFEL, 1992.

⁴ A atenção ao turismo, ou melhor, à ramificação do turismo que agencia as atividades de aventura se justifica por ser esta a instituição através da qual as pessoas comuns verificam a possibilidade de praticar as atividades de

Ou seja, por homens, mulheres e adolescentes que, na grande maioria das vezes, enquadrados em um sistema social que dita comportamentos e direciona as atitudes para eventual enquadramento, podem ser identificados como modelos de uma vida ativa e sedentária, ao mesmo tempo. Dito de outra forma, o fato é que esse tipo de atividade de aventura desenvolvida dentro do segmento turístico destaca-se porque é destinada às pessoas que vivem uma vida rotineira, com poucas oportunidades para atividades de relativa destreza física, pautadas em fortes emoções e em meio à natureza. Essas pessoas estão, normalmente, habituadas ao conforto e à segurança⁶. Contudo, procuram por atividades que pressupõem certo grau de risco, de incerteza, de tensão emocional.

Um último esclarecimento é preciso para pontuar que, muito embora esteja este estudo tratando das atividades de aventura praticadas dentro da estrutura turística – que em teoria se enquadram todas as modalidades encontradas em oferta –, a investigação empírica se dará em torno das atividades mais praticadas na região que foi estabelecida para esta investigação.

aventura. Não obstante, é oportuno também o momento para esclarecer que as atividades de aventura em questão são aquelas praticadas na natureza, ou seja, atividades como rafting, canioning, rapel, tirolesa, ou uma simples caminhada por trilhas (o trekking) que levam à cachoeiras, cânions e outros atrativos naturais. É preciso ter em mente que, para muitos, uma simples caminhada em meio à natureza é por si só um desafio, uma aventura.

⁵ O termo pessoas comuns carrega em si a finalidade de evidenciar a diferença entre a grande maioria dos cidadãos – ou seja, pessoas extremamente adequadas a um sistema rotineiro e gerador de pressões que anulam a espontaneidade e a possibilidade da prática de atividades esportivas de satisfação emocional – e indivíduos que, apesar do sistema, encontram, na condição de esportistas, maneiras de satisfazer suas necessidades físicas e emocionais de forma mais autônoma.

⁶ A tecnologia e as formas de controle alcançadas pelo seu avanço, principalmente, as formas de controle do meio natural, atuaram, paulatinamente, e em conjunto com outros aspectos provenientes desse mesmo avanço tecnológico, como por exemplo, a sofisticação dos modos de vida na evolução das sociedades, em prol do afastamento do homem do convívio da natureza. Dessa forma, o simples fato de estar neste meio já é uma aventura para muitos. Cabe ainda acrescentar que o controle aqui citado se refere ao domínio que o homem sobre o meio que ocupa, o ambiente que o rodeia, transformando-o e adequando-o às suas necessidades. O controle aqui – apesar da evidência achamos conveniente registrar o esclarecimento – difere-se daquele que, mencionado anteriormente, diz respeito ao controle exercido ao próprio homem, ou pela sociedade, ou por ele próprio.

I – TEORIA ELIASIANA E SEUS CONCEITOS FUNDAMENTAIS

1 **Conceitos fundamentais da teoria de Elias**

A teoria eliasiana vêm sendo meritória e qualificadamente apreciada nos últimos trinta anos. A relevância dos estudos de Norbert Elias está na busca pela compreensão do “processo civilizador” e, por conseguinte, na tentativa de entender os problemas sociais como decorrentes de uma relação de interdependência entre o indivíduo e a sociedade.

De acordo com Eric Dunning, em apresentação à “Conversas sobre Norbert Elias”, por Ademir Gebara (2005), “[...] Elias oferece as armas com as quais podemos lutar”. Dunning diz também que de acordo com o que fora retratado a ele por Gebara, Elias “[...] tem ajudado os sociólogos brasileiros a avançar em relação a Marx inclusive incorporando sua contribuição e por outro lado, evitando Foucault”. E isso, segundo o mesmo, estaria ajudando a “[...] evitar a metafísica, mantendo-se uma perspectiva científica” (DUNNING in: GEBARA, 2005). Esse pensamento sobre a obra de Elias, comungado por Dunning e Gebara, fundamenta-se no fato de que, se para os marxistas o trabalho é a base fundamental para a compreensão dos fenômenos sociais e históricos, para Elias, como o próprio Gebara relata, “se além de produzir seus meios de subsistência, o homem não se defender, ele se torna também caça alimento” (GEBARA, no prelo). Ou seja, para além das relações de produção, o homem vive em teias de interdependência, e que estão em processo de mudanças, rearticulando relações de poder entre os indivíduos e a sociedade.

Eric Dunning, hoje Professor Emérito do Departamento de Sociologia da Universidade de Leicester foi orientando de pós-graduação, depois amigo e colaborador de

Elias. Ficou fascinado desde o começo pelas sínteses de Elias nas aproximações dos objetos. Particularmente, pelo fato de estar procurando fazer “um grande e tenaz esforço para construir os fundamentos de uma síntese: de um lado, entre a Sociologia, a Psicologia e a História; e de outro entre as idéias centrais de Comte, Marx, Weber, Simmel, Mannheim e Freud” (DUNNING in: GEBARA, 2005).

O respeito e o reconhecimento sobre a contribuição de Elias somente foi alcançado nas décadas de 70 e 80. Foi somente então que sua obra mais extensa, “Sobre o Processo da Civilização - Investigações Psicogenéticas e Sociogenéticas”¹, atingiu um grande público (WAIZBORT, 1997). O livro havia sido publicado em 1939. Mas, “escrito em alemão por um judeu, o livro não pôde ser vendido nem na Alemanha, nem na Áustria, e, por essa simples razão, permaneceu quase desconhecido” (WAIZBORT, 1997). Somente em 1969, “ao ser reeditado na Alemanha, começou a chamar a atenção, e, ao aparecer como livro de bolso, em 1976, tornou-se um espetacular best seller” (WAIZBORT, 1997). Surgiram também as traduções para o francês e o inglês. E, a partir de então, “Elias saiu do ostracismo e começou a circular bastante e publicar ininterruptamente, até sua morte em 1990” (WAIZBORT, 1997).

O problema da civilização é o que motivava Elias em sua vasta produção acadêmica. No entanto, registro seja feito para o fato de que o fenômeno da civilização – objeto de investigação trabalhado sistematicamente por Elias – recebeu certa influência de

¹ A preocupação, nesta parte inicial do trabalho, é extrair ao máximo os conceitos fundamentais da teoria eliasiana. Para tanto, estão convidados os leitores a acompanhar o distanciamento entre o título original da obra mais conhecida de Elias e o título da tradução brasileira. O título original, em alemão, é: *Über den Prozeß der Zivilisation. Soziogenetische und psychogenetische Untersuchungen*, volume I e volume II. Na tradução brasileira, o título fica da seguinte forma: *O processo civilizador. Uma história dos costumes* para o volume I e *O processo civilizador. Formação do estado e civilização* para o volume II. O fato se justifica por ter sido a obra traduzida da versão inglesa, cujos títulos para o primeiro e segundo volumes assim se encontram, respectivamente: *The Civilizing Process. The History of Manners* e *The Civilizing Process. State Formation and Civilization*. A versão portuguesa, no entanto, traz uma aproximação fidedigna ao título original: *O processo civilizacional. Investigações sociogenéticas e psicogenéticas*, volume I e volume II. O destaque em relação ao título ou, mais precisamente ao subtítulo, se deve justamente por estar no subtítulo da obra um dado bastante importante, ou seja, a apresentação e o destaque de dois conceitos que amparam o estudo de Norbert Elias: a sociogênese e a psicogênese.

Alfred Weber – irmão mais jovem de Max Weber² –, “com quem Elias foi estudar sociologia em Heidelberg entre 1925 e 1930” (WAIZBORT, 1997). Desde pelo menos o começo da década de 1920, “todos os esforços de A. Weber estavam centrados na análise da ‘civilização’”; o que significava, para ele, “[...] compreender nada menos do que o ‘processo da civilização’, que seria, justamente, objeto da sociologia” (WAIZBORT, 1997).

Elias, como já mostra o título de seu livro, estava próximo dessas idéias. O diferencial, no entanto, é apresentado no subtítulo. Nele aparece sua originalidade: “investigações psicogenéticas e sociogenéticas”. Lido sob essa perspectiva, o fenômeno ganha contornos absolutamente novos.

É justamente por esta perspectiva que a teoria dos processos civilizadores colabora na busca de entender como e por que as práticas do esporte e do lazer se apresentam como questão relevante para a compreensão das relações sociais. Afinal, como descreve Dunning no prefácio de *A Busca da Excitação*, obra escrita em conjunto com Elias,

[...] o esporte pode ser utilizado como uma espécie de “laboratório natural” para a exploração de propriedades das relações sociais, como, por exemplo, a competição e a cooperação, o conflito e a harmonia, que parecem ser, segundo a lógica e os valores correntes, alternativas que se excluem mutuamente, mas que, neste contexto, no que se refere à estrutura intrínseca do esporte, possuem uma interdependência evidente e muito complexa. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 18-19, grifo do autor, tradução nossa³).

E isso é o que demonstram nitidamente os trabalhos incluídos no volume citado acima, pois, trata-se de uma teoria que “permite avaliar o significado social do esporte e que,

² A base para tal colocação a respeito da condição de parentesco entre Max Weber e Alfred Weber, com quem Elias trabalhou por alguns anos, pode ser encontrada no site da Fundação Norbert Elias: http://www.norberteliasfoundation.nl/index_NE.htm.

³ Traduzido da versão portuguesa cuja frase assim se encontra: [...] o desporto pode ser utilizado como uma espécie de “laboratório natural” para a exploração de propriedades das relações sociais, como, por exemplo, a competição e a cooperação, o conflito e a harmonia, que parecem ser, segundo a lógica e os valores correntes, alternativas que se excluem mutuamente mas que, neste contexto, no que se refere à estrutura intrínseca do desporto, possuem uma interdependência evidente e muito complexa.

nessa linha, se esforça, entre outras coisas, por estabelecer os fundamentos da teoria sociológica das emoções” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 19, tradução nossa⁴).

Elias estava preocupado com as estruturas e mecanismos de regulação e controle dos afetos/impulsos, com a formação social do “superego”. Suas análises abordam, sobretudo, o processo da passagem dos mecanismos de coação exteriores para mecanismos interiores: uma espécie de internalização de padrões de conduta, uma disciplinarização das emoções e de si. Assim, a psicogênese estaria relacionada ao desenvolvimento – sempre dentro da perspectiva da longa duração – das estruturas da personalidade humana e às transformações do comportamento.

Um dado bastante interessante no trabalho de Elias é a escolha dos materiais de análise. Ao preparar seu trabalho sobre a sociedade da corte, Elias conversa com os manuais de etiqueta, com a regulação dos modos de se comportar. Dessa forma, ao estudar o processo da civilização, ele utiliza um material pouco convencional, e por vezes inusitado, para apontar os mecanismos de coação e auto-coação como, por exemplo, o uso dos talheres, as restrições a cuspir, os hábitos higiênicos, etc. Sobretudo nas investigações psicogenéticas, Elias demonstra uma sensibilidade privilegiada e uma percepção sempre atenta para os micro-fenômenos. O resultado dessa percepção é uma conjugação original de perspectivas micro e macro-sociológicas.

A sociogênese, por sua vez, responde pelo desenvolvimento – também na perspectiva do longo prazo – das estruturas sociais. Elias, fruto de uma época em ebulição, estava também preocupado com as transformações da sociedade. Pôs-se, então, ao trabalho de relacionar o processo da civilização com o processo de formação e consolidação do Estado moderno. Um estado que em sua obra é visto como um processo, contínuo, porém de avanços e retrocessos, e que caminha, sobretudo, rumo à centralização e à monopolização do território,

⁴ Traduzido da versão portuguesa cuja frase assim se encontra: “permite avaliar o significado social do desporto e que, nessa linha, se esforça, entre outras coisas, por estabelecer os fundamentos da teoria sociológica das emoções”.

do uso da violência e do direito a cobrança de impostos. O que implica, por sua vez, um crescente grau de dependência e funcionalização, coordenação, regulação e integração do conjunto dos processos sociais.

Não obstante, há ainda, no entender de Elias, uma relação mútua de dependência entre sociogênese e psicogênese. Estes seriam aspectos interdependentes do mesmo desenvolvimento de longo prazo. Pautado nessas duas dimensões e em suas dependências mútuas, Elias desenvolve uma teoria da civilização – enquanto teoria das transformações do comportamento e das estruturas da personalidade – e uma teoria da formação do Estado – enquanto teoria do desenvolvimento social; ambas em processo de interdependência. Elias enxerga a sociedade como sendo formada por indivíduos em teias de interdependência e entrelaça, portanto, a psicogênese do indivíduo com a sociogênese do Estado.

Os homens, neste contexto, só aparecem enquanto pluralidade, e em processo de configuração. Dessa forma, cabe a sociologia estudar este processo, as configurações, ou seja, o todo, considerado enquanto processo, e resultante das infinitas interdependências que se tecem sem parar entre os indivíduos. De acordo com Elias,

Não podemos imaginar uma pessoa isolada e absolutamente sozinha num mundo que é, e sempre foi, desligado dos outros. A imagem do homem que necessitamos para o estudo da sociologia não pode ser a da pessoa singular, do *Homo Sociologicus*. Tem que ser antes a de pessoas no plural; temos obviamente que começar com a imagem de uma multidão de pessoas, cada uma delas constituindo um processo aberto e interdependente. (ELIAS, 1980, p. 132, grifo do autor, tradução nossa⁵)

As configurações são, por conseguinte, modelos que nos permitem pensar os processos sociais de longa duração enquanto mudanças estruturais das configurações que vários homens interdependentes formam entre si. O conceito de configurações serve, portanto,

⁵ Traduzido da versão portuguesa cuja frase assim se encontra: Não podemos imaginar uma pessoa isolada e absolutamente sozinha num mundo que é, e sempre foi, desligado dos outros. A imagem do homem que necessitamos para o estudo da sociologia não pode ser a da pessoa singular, do *Homo Sociologicus*. Tem que ser antes a de pessoas no plural; temos obviamente que começar com a imagem de uma multidão de pessoas, cada uma delas constituindo um processo aberto e interdependente.

de “simples instrumento conceitual que tem em vista afrouxar o constrangimento social de falarmos e pensarmos como se o ‘indivíduo’ e a ‘sociedade’ fossem antagônicos e diferentes” (ELIAS, 1980, p. 141, grifo do autor, tradução nossa⁶).

O conceito de configurações ou, teias de interdependência, ajuda, dessa forma, a compreender o conceito eliasiano sobre a psicogênese e a sociogênese, e também o processo de interdependência entre ambos. Em verdade, são conceitos que se interpenetram e complementam um ao outro.

A compreensão desses conceitos fundamentais da teoria eliasiana ajuda a entender porque Elias demonstra preocupação com as mudanças do comportamento e com a estrutura da personalidade humana. Para ele, essas mudanças são produtos da regulamentação e do controle dos impulsos, o que culmina na crescente disciplinarização das emoções. Não obstante, Elias revela a crescente força dos mecanismos de controle ao mostrar que o controle tanto atua de fora para dentro – controle exercido pelas estruturas sociais –, como também e, principalmente, a partir de dentro – uma espécie de internalização das formas de conduta. Portanto, “as transformações da consciência tanto são históricas, no sentido de que sociedades inteiras passaram ou ainda passam por elas atualmente, quanto pessoais, no sentido de que toda criança as atravessa ao crescer” (ELIAS, 1994, p. 99-100).

Na teoria eliasiana, como se pode observar, também os conceitos encontram-se em processo de interdependência. A sociedade, para Elias, é o conjunto – em processo de coexistência e, de forma alguma reificante –, do indivíduo e da própria sociedade. Elias se mostra contrário ao pensamento sociológico no qual a sociedade e o indivíduo se encontram frente a um abismo intransponível. Para ele: “[...] toda sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo indivíduo humano só se humaniza ao aprender a agir, falar e sentir

⁶ Traduzido da versão portuguesa cuja frase assim se encontra: “simples instrumento conceptual que tem em vista afrouxar o constrangimento social de falarmos e pensarmos como se o ‘indivíduo’ e a ‘sociedade’ fossem antagônicos e diferentes”.

no convívio com outros” (ELIAS, 1994, p. 67). A sociedade sem o indivíduo ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo.

Esses são, por assim dizer, os conceitos chaves para se compreender os estudos realizados sob a luz da teoria eliasiana. Não obstante, ao se acompanhar o processo civilizador e suas conseqüências, outros conceitos – também de grande importância e, também interconectados, vão surgindo. O mesmo acontece ao se verificar os estudos sobre as medidas criadas como tentativa de restabelecer o equilíbrio para os problemas conseqüentes do processo de civilização.

Para o estudo que aqui se realiza esses dois aspectos do processo civilizador são de fundamental importância: o primeiro porque vai mostrar que o processo civilizador resulta não apenas em fatores positivos, mas também em problemas, dos quais derivam necessidades; o segundo porque vai tratar justamente dos mecanismos criados para o suprimento de tais necessidades.

2 Conseqüências do processo civilizador: a aventura da modernidade

Dentre as conseqüências geradas pelo processo de civilização, a individualização é um significativo ponto de partida para ingressar em seus estudos. A individualização, de acordo com o conceito emprestado de Elias, diz respeito ao isolamento do indivíduo ou, melhor dizendo, ao sentimento de isolamento, de estar essencialmente só – sentimento que se generaliza na sociedade.

Para destacar essa individualização, Elias faz uso do termo “estátuas pensantes”. Com essa narrativa alegórica ele se utiliza de tal conjunto de elementos para evocar, por comparação, realidades de ordem superior. De acordo com Elias, a espécie de consciência a que essa parábola se refere “certamente não é coisa do passado” (ELIAS, 1994, p. 97). Para Elias,

O sentimento que ela expressa, do indivíduo que se sente especialmente só, a sensação de existir em isolamento, em oposição ao “mundo externo” das pessoas e das coisas, e de ser, “internamente”, algo para sempre separado do que existe “do lado de fora”, talvez até se encontre com freqüência bem superior nas sociedades ocidentais de hoje do que em qualquer época do passado, mesmo na era da filosofia européia clássica, poucos séculos atrás. (ELIAS, 1994, p. 97, grifo do autor).

A individualização, portanto, estaria muito mais ligada ao sentimento de não pertencimento, e até mesmo de estranheza para com aquilo que se vivencia. O tipo de vida para o qual caminham as sociedades se revelou muito intenso, veloz em todos os aspectos e também bastante impessoal. A tal desfecho pode-se também creditar a responsabilidade pelo sentimento de insegurança que se acumula entre os indivíduos das sociedades modernas, pois muitos dos laços que existiam em sociedades menos desenvolvidas não mais são visíveis nesta época.

Marshall Berman (1986, p. 17) lembra que Rousseau perturbou seus contemporâneos ao proclamar que a sociedade européia estava “à beira do abismo”, no limite das mais explosivas conturbações revolucionárias. Berman argumenta que ele “experimentou a vida cotidiana nessa sociedade – especialmente em Paris, sua capital – como um redemoinho, *le tourbillon social*” (BERMAN, 1986, p. 17).

Pensando em uma aproximação mental do que era, para um indivíduo, mover-se e viver em meio a esse redemoinho, Berman (1986, p. 17-18) retrata o fato por intermédio dos escritos da novela *A Nova Heloísa*. Nessa romântica novela, um jovem herói, Saint Preux, realiza o movimento exploratório do campo para a cidade. O sentimento de preenchimento e vazio, concomitantes e excludentes ao mesmo tempo, é verificado quando da passagem em que o jovem escreve à sua amada, Julie, do centro do *tourbillon social*, passagem em que tenta transmitir-lhe suas fantasias e apreensões.

Ele experimenta a vida metropolitana como “uma permanente colisão de grupos e conluios, um contínuo fluxo e refluxo de opiniões conflitivas. (...) Todos se colocam frequentemente em contradição consigo mesmos”, e “tudo é absurdo, mas nada é chocante, porque todos se acostumam a tudo”. Este é o mundo em que “o bom, o mau, o belo, o feio, a verdade, a virtude, têm uma existência apenas local e limitada”. Uma infinidade de novas experiências se oferecem, mas quem quer que pretenda desfrutá-las “precisa ser mais flexível que Alcebíades, pronto a mudar seus princípios diante da platéia, a fim de reajustar seu espírito a cada passo”. (BERMAN, 1986, p. 17, grifo do autor)

O trecho de uma carta escrita pelo herói após alguns meses nesse meio expressa com bastante propriedade o sentimento de deslocamento com o qual as pessoas são vitimadas:

[...] eu começo a sentir a embriaguez a que essa vida agitada e tumultuosa me condena. Com tal quantidade de objetos desfilando diante de meus olhos, eu vou ficando aturdido. De todas as coisas que atraem, nenhuma toca o meu coração, embora todas juntas perturbem meus sentimentos, de modo a fazer que eu me esqueça o que sou e qual meu lugar. (BERMAN, 1986, p. 17)

O herói reafirma sua intenção de manter-se fiel ao primeiro amor, muito embora receie: “Eu não sei, a cada dia, o que vou amar no dia seguinte”. Ele sonha com algo sólido a que se apegar, contudo, aquele mundo agitado lhe confunde os sentimentos: “eu vejo apenas fantasmas que rondam meus olhos e desaparecem assim que os tento agarrar” (BERMAN, 1986, p. 18).

Essa é a atmosfera que dá origem à sensibilidade moderna – carregada de agitação e embriaguez, turbulência e atordoamento psíquico. É uma atmosfera de expansão das possibilidades de experiência e aniquilamento das barreiras morais e dos compromissos pessoais de auto-progresso – dada à desordem, com fantasmas nas ruas e nas almas.

Essa passagem é bastante proveitosa, e reveladora, tanto no que diz respeito à compreensão dos sentimentos e sensações que tal contexto provoca quanto para a ampliação do entendimento do significado do conceito eliasiano a respeito da individualização nas sociedades modernas.

Já foi dito anteriormente que há uma interconexão ou, até mesmo, interdependência entre os conceitos apresentados na teoria eliasiana. Pois bem, é justamente por este fato que a individualização foi eleita, entre as conseqüências do processo civilizador, a primeira a ser trabalhada. O porquê da individualização? Em primeiro lugar porque expõe já de início os contrapontos da vida nas sociedades modernas. E, depois, porque incita ao questionamento do porquê, do como se chegou à generalização desse sentimento, dessa sensação de solidão.

Para uma ampliação da compreensão desse processo, Elias oferece um largo estudo sobre o “controle”. Aliás, o controle é o ponto-chave para se compreender o processo civilizador e as conseqüências desse processo, e também o estudo que aqui se efetiva, uma vez que este, por sua vez, está ligado a ambos.

A parábola das estátuas pensantes oferece de certa forma a indicação do motivo por que “parece tão convincente, ao menos para pessoas de certos grupos sociais, a idéia de que a consciência, os sentimentos, o entendimento, ou até o próprio ‘eu’ estão localizados ‘dentro’ do ser humano” (ELIAS, 1994, p. 98, grifo do autor). Contudo, sugere também que se esteja lidando, neste caso, “com a autopercepção de pessoas a cuja conduta um grau relativamente alto de ‘cerceamento’ foi imposto pela natureza da vida social e pelo modo correspondente de criar os filhos” (ELIAS, 1994, p. 98, grifo nosso). Em outras palavras, isso significa que as pessoas têm a idéia de que a forma como se comportam ou como pensam e entendem tudo a seu redor seja algo que está dentro delas, que lhes é intrínseco, inato. No entanto, isso tudo, o próprio “eu”, é paulatinamente banhado pelo caldo cultural e social a que o indivíduo está exposto – o controle social molda as formas de conduta dos indivíduos.

De acordo com Elias,

O controle comportamental desta ou daquela espécie existe sem dúvida em todas as sociedades humanas. Mas aqui, em muitas sociedades ocidentais, há vários séculos que esse controle é particularmente intensivo, complexo e difundido; e o controle social está mais ligado do que nunca ao autocontrole do indivíduo. (ELIAS, 1994, p. 98)

A questão do controle, muito presente em toda a teoria eliasiana, colabora para com este estudo tanto por proporcionar o entendimento de como se realiza o referido processo de aumento do controle em nível social e pessoal, como também por viabilizar uma aproximação dos efeitos que o mesmo causa na vida das pessoas. Nesse aspecto, o que se pretende em relação a este contexto é uma interpretação do significado da evolução do controle na vida das pessoas.

A importância do controle na teoria de Elias é evidenciada na ligação entre a evolução das sociedades e a evolução de determinados tipos de controle. O estágio de

evolução atingido por uma sociedade, de acordo como descrito por Elias, pode determinar-se pela “tríade dos controles básicos”, ou seja:

1. Pelo maior ou menor alcance das possibilidades de controlar séries de acontecimentos não humanos – ou seja, o controle daquilo a que normalmente se chama “os acontecimentos naturais”.
2. Pelo maior ou menor alcance das possibilidades de controlar relações interpessoais – ou seja, aquilo que usualmente se designa por “relações sociais”.
3. Pela maior ou menor facilidade com que cada um dos seus membros se controla a si próprio enquanto indivíduo – pois que, por muito dependente que seja dos outros, aprendeu desde a infância a controlar-se a um maior ou menor grau. (1980, p. 171, tradução nossa⁷)

Fazendo uma leitura da tríade dos controles básicos de uma forma mais direta: o primeiro tipo de controle “corresponde ao que habitualmente se designa por desenvolvimento técnico”; o segundo tipo “corresponde *grosso modo* ao desenvolvimento da organização social”; e um exemplo do terceiro tipo de controle “é aquilo que se conhece por ‘processo civilizador’” (ELIAS, 1980, p. 172, grifo do autor, tradução nossa⁸).

Um dos problemas centrais apontados por Elias, e também por Dunning, em relação ao alto padrão de civilização atingido pela sociedade moderna é o controle demasiado das emoções. Viabilizando a compreensão do significativo problema que o rígido controle das emoções provoca, Elias e Dunning ressaltam a diferença de resposta aos estímulos emocionais entre a criança e o adulto:

Nas nossas sociedades, de uma maneira geral, os adultos não revelam as suas emoções. As crianças de todas as sociedades fazem-no. Para elas, o estado de sensibilidade ao qual nos referimos como emoção é um aspecto de um

⁷ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: 1 Pelo maior ou menor alcance das possibilidades de controlar séries de acontecimentos não humanos – ou seja, o controlo daquilo a que normalmente se chama “os acontecimentos naturais”; 2 Pelo maior ou menor alcance das possibilidades de controlar relações interpessoais – ou seja, aquilo que usualmente se designa por “relações sociais”; 3 Pela maior ou menor facilidade com que cada um dos seus membros se controla a si próprio enquanto indivíduo – pois que, por muito dependente que seja dos outros, aprendeu desde a infância a controlar-se a um maior ou menor grau.

⁸ Traduzido da versão portuguesa cuja parte, respectivamente, assim se encontra: “corresponde ao que habitualmente se designa por desenvolvimento técnico”; “corresponde *grosso modo* ao desenvolvimento da organização social”; “é aquilo que se conhece por ‘processo civilizador’”

estado dinamizado por todo o organismo, em resposta a uma situação estimulante. Sentir e agir, nomeadamente movimentar os seus músculos, os seus braços e pernas, e talvez todo o corpo, não estão ainda divorciados. Este, pode dizer-se, é o carácter primário do estado de sensibilidade a que nos referimos como emoção. Só gradualmente aparece na experiência das pessoas como um estado de sensibilidade, quando elas aprendem a fazer aquilo que as crianças nunca são capazes de fazer, ou seja, a não movimentar os seus músculos – não agir – de acordo com o impulso emocional para agir. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 165, tradução nossa⁹)

No discurso comum, Elias e Dunning referem-se ao fato de as pessoas controlarem os seus sentimentos. Contudo, de acordo com o contexto em que estes autores apresentam os fatos, as pessoas não controlam os seus sentimentos, mas, “o movimento, a parte atuante de um estado de agitação de todo o organismo” (1992, p. 165, tradução nossa¹⁰).

Assim se desenvolve o processo do controle, passando do controle social – como uma espécie de aprendizado de normas de conduta –, ao autocontrole – uma espécie de constrangimento em não agir conforme se espera para cada local ou situação. Não obstante, a base para o entendimento desse processo está nos conceitos de psicogênese e sociogênese. Aliás, como já mencionado, os conceitos se interconectam e são interdependentes. Assim, os indivíduos, enquanto crianças, agem como sentem, falam como pensam. Contudo, à medida que vão crescendo, “os impulsos elementares e espontâneos, de um lado, e a descarga motora – os atos e comportamentos decorrentes desses impulsos –, de outro, separam-se cada vez mais” (ELIAS, 1994, p. 98).

A descarga direta dos impulsos na atividade, ou até no movimento, vai se tornando cada vez mais difícil e rara. E como descreve Elias, “desvios variados e amiúde

⁹ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: Nas nossas sociedades, de uma maneira geral, os adultos não revelam as suas emoções. As crianças de todas as sociedades fazem-no. Para elas, o estado de sensibilidade ao qual nos referimos como emoção é um aspecto de um estado dinamizado por todo o organismo, em resposta a uma situação estimulante. Sentir e agir, nomeadamente movimentar os seus músculos, os seus braços e pernas, e talvez todo o corpo, não estão ainda divorciados. Este, pode dizer-se, é o carácter primário do estado de sensibilidade a que nos referimos como emoção. Só gradualmente aparece na experiência das pessoas como um estado de sensibilidade, quando elas aprendem a fazer aquilo que as crianças nunca são capazes de fazer, ou seja, a não movimentar os seus músculos – não agir – de acordo com o impulso emocional para agir.

¹⁰ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra, respectivamente: “referimo-nos às pessoas ‘controlarem os seus sentimentos’”; “o movimento, a parte actuante de um estado de agitação de todo o organismo”.

altamente complexos dessas tendências – para longe das descargas que elas buscam espontaneamente – transformam-se em regra geral” (ELIAS, 1994, p. 99). Assim, de acordo com esse contexto,

Reagir precipitadamente, sem longos atos de ensaio, sem silenciosa antecipação de futuros movimentos de xadrez a que chamamos “reflexão”, é quase impossível para os adultos dessas sociedades. Não raro, é perigoso, passível de punição ou marginalizante; e, para quem perde o controle, a ameaça vinda dos outros é menos intensa, muitas vezes, do que a que vem de si mesmo – pelo medo, vergonha ou escrúpulo. (ELIAS, 1994, p. 99, grifo do autor)

O processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica: “[...] o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole [...]” (ELIAS, 1993, 2 v, p. 193-194). Dessa forma, o que se evidencia é:

[...] que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comunal e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada. (ELIAS, 1993, 2 v, p. 193-194)

O que a obra relata no tocante ao processo civilizador nada mais é do que o problema geral da mudança histórica. O estudo direcionado a este processo tenta dar uma resposta ao problema de como teriam surgido no mundo humano formações sociais as quais nenhum ser isolado teria intencionalmente planejado e que ainda assim teriam resultado em uma instituição bastante estruturada e de grande estabilidade. O argumento que percorre o conjunto das obras de Elias é que “[...] planos e ações, impulsos emocionais e racionais de pessoas isoladas constantemente se entrelaçam de modo amistoso ou hostil” (ELIAS, 1993, 2 v, p. 194). A compreensão de Elias a respeito do conceito de sociedade perpassa pela concepção de que as pessoas, “através de suas disposições e inclinações básicas são

orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras” (ELIAS, 1980, p. 15). A concepção eliasiana é a de que essas pessoas “constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos [...]” (ELIAS, 1980, p. 15, tradução nossa¹¹).

Ao longo desse processo de civilização, mudanças específicas na maneira como as pessoas se prendem umas às outras lhes modelam a personalidade de uma maneira civilizadora. Conhecer essas mudanças e, principalmente, as conseqüências que elas disseminaram nas atuais sociedades é de grande valia para o estudo que aqui se constrói. A conseqüência dessas mudanças, pelo menos em uma das leituras possíveis, pode ser vista como a base para o surgimento de novos tipos de necessidades. Algumas atividades de lazer desenvolvidas mais recentemente, em especial aquelas desenvolvidas na natureza e com certa carga de risco e aventura parecem ser atividades alimentadas por essas novas necessidades.

Dentre essas mudanças, a já mencionada passagem do controle social ao autocontrole e as conseqüências geradas por tal processo são fatores bastante significativos para estudos a respeito das formas de lazer em geral. A base para tal interpretação está no aumento da pressão em virtude da previdência e do autocontrole.

O mesmo acontece em relação ao processo de interdependência existente entre as pessoas, o qual modela suas personalidades rumo à civilização. Para entender as conseqüências desses processos é preciso ter a noção de sua amplitude. Elias professa que

Do período mais remoto da história do Ocidente até os nossos dias, as funções sociais, sob pressão da competição, tornaram-se cada vez mais diferenciadas. Quanto mais diferenciadas elas se tornavam, mais crescia o número de funções e, assim, de pessoas das quais o indivíduo constantemente dependia em todas suas ações, desde as simples e comuns até as complexas e raras. À medida que mais pessoas sintonizavam sua conduta com a de outras, a teia de ações teria que se organizar de forma sempre mais rigorosa e precisa, a fim de que cada ação individual

¹¹ Traduzido da versão portuguesa cuja parte, respectivamente, assim se encontra: “constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos [...]”.

desempenhasse uma função social. O indivíduo era compelido a regular a conduta de maneira mais diferenciada, uniforme e estável. (ELIAS, 1993, 2. v, p. 195-196)

É preciso entender que esse processo depende não apenas de uma regulação consciente. Depende, no início, da institucionalização de procedimentos e de normas e de instituições que exerçam pressão para uma correta e civilizada conduta. Mas, não obstante, depende do passo seguinte, que é característico das mudanças psicológicas ocorridas no curso desse processo de civilização:

[...] o controle mais complexo e estável da conduta passou a ser cada vez mais instilado no indivíduo desde seus primeiros anos, como uma espécie de automatismo, uma autocompulsão à qual ele não poderia resistir, mesmo que desejasse. A teia de ações tornou-se tão complexa e extensa, o esforço necessário para comportar-se “corretamente” dentro dela ficou tão grande que, além do autocontrole consciente do indivíduo, um cego aparelho automático de autocontrole foi firmemente estabelecido. (ELIAS, 1993, 2. v, p.196)

Trata-se de um mecanismo que visa prevenir transgressões do comportamento socialmente aceitável. Tal mecanismo tem a sua eficiência pautada na institucionalização de medos que se tornaram consideravelmente arraigados. Por operar cegamente e, pelo que, conceitualmente, Elias denomina *habitus*¹², “ele, com frequência, indiretamente produzia colisões com a realidade social” (ELIAS, 1993, 2.v, p. 196). Essas colisões são como uma luta interna entre determinada vontade, um impulso, e a forma como se deve comportar, ou seja, o seu impedimento, o seu moderador.

Este é um tipo de pressão com a qual as pessoas se vêem obrigadas a aprender a conviver. Este tipo de pressão varia conforme o grau de civilização das sociedades e, dentro

¹² O conceito de *habitus* é trabalhado de forma mais direta no capítulo seguinte. Contudo, vale acrescentar, nesse momento, que para Elias, o *habitus* está diretamente ligado ao conceito de *habitus* social. Por intermédio dessa ligação, Elias procura mostrar que o *habitus* é um estilo mais ou menos individual, uma vez que ele emerge de um contexto social em que – de uma forma mais ou menos direta – é compartilhado pelas pessoas. Explicações mais detalhadas a seu respeito são encontradas no referido capítulo e em ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

dessas, pelo modo de vida ao qual cada indivíduo se vê submetido em virtude dos postos que possa ocupar. Em outros termos, trata-se de uma postura que varia de acordo com a direção do processo de diferenciação social, da progressiva divisão de funções e pelo crescimento de cadeias de interdependência. Todo impulso, toda ação do indivíduo tornaram-se integrados, e essa integração atua de forma a predizer as formas e padrões de conduta das pessoas em cada uma das esferas ou camadas das sociedades.

De acordo com Elias, a difusão da pressão pela previdência e pelo autocontrole é um fator bastante significativo no processo de civilização. Nesse processo histórico ocorre o fortalecimento do autocontrole e, em consequência, a inibição das paixões e o controle de pulsões.

Uma das características que tornam clara a conexão da pressão interna (e também o tamanho da mesma) à rede de interdependência, por um lado, e à constituição psicológica do indivíduo, por outro, é o que Elias vai chamar de “‘ritmo’ de nosso tempo” (ELIAS, 1993, 2 v, p. 207).

Esse “ritmo” nada mais é que uma

[...] manifestação do grande número de cadeias entrelaçadas de interdependência, abrangendo todas as funções sociais que os indivíduos têm que desempenhar, e da pressão competitiva que satura essa rede densamente povoada e que afeta, direta ou indiretamente, cada ato isolado da pessoa. (ELIAS, 1993, 2 v, p. 207)

Com efeito, quanto mais complexa for a rede ou teia de interdependência – ou o estilo de vida e padrões pertinentes a este – maior o grau de pressão interna sofrida pelo indivíduo. A constituição psicológica de cada indivíduo também é relevante neste processo, pois vai responder pela maior ou menor capacidade de trabalhar com a realidade vivida.

Esse “ritmo de nosso tempo”, a grande pressão interna vivida na atualidade e a diferenciação dessa pressão, ou até mesmo do tipo de pressão, apresenta uma ligação bastante

próxima com o que Elias chamou de *Diminuição dos Contrastes e Aumento da Variedade* (ELIAS, 1993, 2 v, p. 210-215).

A diminuição dos contrastes é elevada pela difusão da civilização. A modelação das pulsões e sentimentos, formas de conduta, que inicialmente se originaram nas classes mais altas, se disseminam pelas outras camadas. Assim, os padrões de conduta das classes baixas nas sociedades civilizadas acaba se aproximando das demais, a começar pela classe média.

O aumento das variedades está relacionado ao surgimento de novos e diferentes grupos dentro das sociedades complexas. Esses grupos têm especificidades em relação ao comportamento e formas de se conduzir, nuances que os distinguem; contudo, com aproximações em relação à modelos de comportamento civilizacionalmente impostos.

Se, por um lado, as formas de conduta se aproximam e os contrastes diminuem – em relação à difusão da civilização –, por outro, aumentam as variedades de grupos e de comportamentos que são específicos a cada um deles.

Nos estudos de Elias, para caracterizar o início das transformações nas formas de conduta e o crescimento do controle e autocontrole, o autor vai buscar na história dados a respeito da transformação de guerreiros em cortesãos. De acordo com os relatos de Elias, “o autocontrole que os cavaleiros cortesões observavam na corte, portanto, era formado apenas por hábitos semiconscientes, muito diferentes do padrão característico quase automatizado de um estágio superior” (ELIAS, 1993, 2 v, p. 218).

A estrutura do autocontrole estava aí em seu início, e se desenvolveria nos períodos seguintes através do *abrandamento das pulsões: psicologização e racionalização* (ELIAS, 1993, 2 v, p. 225-241).

Com a transformação de todo o campo social, a estrutura das funções sociais e psicológicas mudou também, rumo à racionalização. Dessa forma,

Lado a lado com essa mudança gradual na totalidade das funções e instituições sociais ocorreu uma transformação da auto-orientação individual – inicialmente nos principais grupos da nobreza e da burguesia – na direção de um maior espírito de previsão e de uma regulação mais estrita dos impulsos da libido. (ELIAS, 1993, 2 v, p. 240)

A racionalização, no compêndio do processo civilizador, é “a peculiar modelação da economia das pulsões que conhecemos pelos nomes de ‘vergonha’ e ‘repugnância’ ou ‘embaraço’” (ELIAS, 1993, 2 v, p. 242). Na construção elaborada por Elias, vergonha, repugnância e embaraço são formas pelas quais se expressa o constrangimento que se sente frente um ato passível de degradação social.

O sentimento de vergonha, mediante o propósito de construção a que este trabalho se propõe, tem uma relevância bastante grande. Poucas são as oportunidades reais dos adultos se expressarem livres desse sentimento, fato que também é crucial para a complementação do já citado propósito.

O sentimento de vergonha, de acordo com a definição de Elias, é

[...] uma exaltação específica, uma espécie de ansiedade que automaticamente se reproduz na pessoa em certas ocasiões, por força do hábito. Considerado superficialmente, é um medo de degradação social ou, em termos mais gerais, de gestos de superioridade de outras pessoas. Mas é uma forma de desagrado ou medo que surge caracteristicamente nas ocasiões em que a pessoa que receia cair em uma situação de inferioridade não pode evitar esse perigo nem por meios físicos diretos nem por qualquer forma de ataque. Essa impotência ante a superioridade dos outros, essa total fragilidade diante deles, não surgem diretamente da ameaça de superioridade física que os demais realmente representem – embora, sem dúvida, tenha suas origens numa compulsão física, na inferioridade corporal da criança frente aos pais ou mestres. Nos adultos, porém, a impotência resulta do fato de que as pessoas cuja superioridade se teme estão de acordo com o próprio superego da pessoa, com a agência de autolimitação implantada no indivíduo por outros de quem ele foi dependente, que exerciam poder e possuíam superioridade sobre ele. De conformidade com isso, a ansiedade que denominamos de “vergonha” é profundamente velada à vista dos outros. (ELIAS, 1993, 2 v, p. 242)

Um outro fator a corroborar com o processo civilizador é a influência das *restrições crescentes à classe alta: pressões crescentes a partir de baixo* (ELIAS, 1993, 2 v, p. 248-262). Com esta categoria ou característica do processo civilizador, Elias mostra como a diferenciação entre as classes, a divisão da sociedade em classes superiores e inferiores vão também impulsionar as boas maneiras, as normas de conduta. No que diz respeito aos membros das classes superiores, o seu comportamento social, as restrições sociais às quais estavam submetidos, eram realçadas também pela busca da manutenção de seu status. Nessas condições, “a preservação do status elevado e das características de personalidade que os distinguia dos demais exigia uma forma de espírito de previsão, autocontrole e prudência inçados de ansiedade” (ELIAS, 1993, 2 v, p. 257). Este detalhe vem também somar na construção aqui pretendida, pois chama a atenção para o fato de que as classes mais altas estão mais sujeitas a um grau maior de pressão em sua vida cotidiana.

Esses conceitos, categorias e características do processo civilizador retratam, ao menos em parte, os contornos daquilo que pode ser identificado como exigências gerais da existência social do homem. Evidenciam, também, que essas exigências – diante de um processo de desenvolvimento – vêm aumentando e diferenciam-se nos vários estágios do desenvolvimento humano, e, que, também podem ser entendidas como diferenciadas nas diversas camadas de uma sociedade moderna.

O desfecho desse processo é que “o intervalo temporal entre o pensamento, os atos experimentais ensaiados sem nenhum movimento e a atuação dos membros, no ato em si, torna-se cada vez mais longo” (ELIAS, 1994, p. 99). Pois, deixando de lado algumas situações claramente definidas em termos sociais,

[...] os impulsos controladores socialmente instilados, reificados por palavras como “compreensão”, “razão” ou “escrúpulo”, geralmente bloqueiam o acesso direto de outros impulsos mais espontâneos, seja do instinto, dos sentimentos ou do pensamento, à descarga motora na ação. (ELIAS, 1994, p. 99, grifo do autor)

A compreensão de conceitos como individualização e controle – e conceitos, categorias e características do processo civilizador que a estes estão interconectados e os complementam – permite um avanço no entendimento do que vem a ser esse processo civilizador e, conseqüentemente, das implicações de se viver em uma sociedade moderna e de como essas implicações são historicamente geradas.

2.1 Rotinas da vida cotidiana

A familiarização com o conceito de controle, propriedade bastante presente na teoria eliasiana, é muito importante para compreender o quanto as diversas formas de controle atuam na vida das pessoas. O estudo do controle e de suas conseqüências nas sociedades contemporâneas, não obstante, amplia o foco para aspectos ligados também ao *habitus* e à rotina nas sociedades hodiernas.

Com uma pequena digressão sobre o problema do *habitus*, Elias procura mostrar que o conceito de composição ou *habitus* social, em combinação com o conceito de individualização crescente ou decrescente, “[...] favorece nossas chances de escapar da abordagem ‘ou isto/ou aquilo’ que amiúde se insinua nos debates sociológicos sobre a relação do indivíduo com a sociedade” (ELIAS, 1994, p. 150). De acordo com Elias, quando este conceito e o conceito muito similar de estrutura social de personalidade são “compreendidos – e adequadamente aplicados –, é mais fácil entender por que o velho hábito de usar os termos ‘indivíduo e ‘sociedade’, como se representassem dois objetos distintos, é enganador” (ELIAS, 1994, p. 150). Com este artifício, Elias prepara o terreno para a compreensão do fato de que cada pessoa singular, por mais diferente que seja das demais, tem especificidades de sua composição que compartilha com os demais membros da mesma sociedade. Esse *habitus*,

[...] a composição social dos indivíduos, como que constitui o solo de que brotam as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros de sua sociedade. Dessa maneira, alguma coisa brota da linguagem comum que o indivíduo compartilha com outros e que é, certamente, um componente do *habitus* social – um estilo mais ou menos individual, algo que poderia ser chamado de grafia individual inconfundível que brota da escrita social. (ELIAS, 1994, p. 150)

O conceito de *habitus* social, conforme explica Elias, “permite-nos introduzir os fenômenos sociais no campo da investigação científica, que antes lhes era inacessível”

(ELIAS, 1994, p. 150). A identidade “eu-nós [...] é parte integrante do *habitus* social de uma pessoa e, como tal, está aberta à individualização” (ELIAS, 1994, p. 151).

A idéia de hábito apresentada por Peter L. Berger e Thomas Luckmann auxilia no entendimento de como surgem as formas de conduta e como estas são institucionalizadas, ou seja, como surge o *habitus* social. Para estes autores, por conseguinte, toda atividade humana está sujeita ao hábito, pois, “o hábito fornece a direção e a especialização da atividade que faltam no equipamento biológico do homem, aliviando assim o acúmulo de tensões resultantes dos impulsos não dirigidos” (1976, p. 78). Este processo resulta em um mínimo de tomada de decisões durante a maior parte do tempo, pois, no que se refere aos significados atribuídos pelo homem à sua atividade, o hábito torna desnecessário que cada situação seja definida de novo.

Desse processo nasce a institucionalização, que ocorre sempre que há uma “tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores”. Ou seja, qualquer uma dessas tipificações é uma instituição. No entanto, as instituições “implicam, além disso, a historicidade e o controle”. Essas tipificações recíprocas das ações “são construídas no curso de uma história compartilhada” (BERGER; LUCKMANN, 1976, p. 79). Vejam que há aqui uma similitude com o processo histórico e as teias de interdependência apresentadas por Elias.

As instituições têm sempre uma história, da qual são produtos: “é impossível compreender adequadamente uma instituição sem entender o processo histórico em que foi produzida” (BERGER; LUCKMANN, 1976, p. 80). Estas, pelo simples fato de existirem, “controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis” (BERGER; LUCKMANN, 1976, p. 80).

Nesse aspecto, um mundo social está em processo de construção, contendo nele as raízes de uma ordem institucional em expansão. Contudo, observações devem ser feitas ao

fato de que “experimentam-se as instituições como se possuíssem realidade própria, realidade com a qual os indivíduos se defrontam na condição de fato exterior e coercitivo” (BERGER; LUCKMANN, 1976, p. 84); fato para o qual também Elias chama a atenção ao relatar a sensação de se existir em isolamento, em oposição ao mundo externo, sentimento que toma conta da sociedade; fato esse que também é muito bem retratado por Berman ao utilizar-se, para isso, da novela *A Nova Heloísa*, como já visto.

Todas as instituições, por conseguinte, aparecem como dadas, inalteráveis e evidentes, e este é um fato que merece destaque e atenção. Este é o paradoxo que consiste no fato do homem ser capaz de produzir um mundo que em seguida experimenta como algo diferente de um produto humano. Assim, “o homem, o produtor, e o mundo social, produto dele, é e permanece sendo uma relação dialética, isto é, o homem (evidentemente não o homem isolado mas em coletividade) e seu mundo social atuam reciprocamente um sobre o outro” (BERGER; LUCKMANN, 1976, p. 87).

Há de se destacar, diante deste contexto, a relação fundamental entre os três momentos dialéticos na realidade social: “*A sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objetiva. O homem é um produto social*” (BERGER; LUCKMANN, 1976, p. 77).

Tem-se assim um panorama de quanto a vida é complexa, bem como o são as atividades humanas. O homem cria a sociedade, cria as normas e as regras, as quais se objetivam na realidade vivida. E este homem, então, passa a ser produto daquilo que ele próprio criou, mas não mais se vê como parte integrante, viva, indissociável, daquilo que ele próprio criou.

A sociedade, as normas e regras, a institucionalização dos hábitos, o molde, o modelo de como ser e de como agir, segundo apontam Berger e Luckmann (1976), fornecem a direção e a especialização da atividade, aliviando o acúmulo de tensões resultantes dos

impulsos não dirigidos. Contudo, apesar do alívio de determinadas tensões ligadas à institucionalização do hábito, alguns conflitos podem surgir em detrimento deste mesmo processo, como vai mostrar Elias.

Com apoio em Elias, é factível a verificação de que esse processo de institucionalização exerce também o papel contrário, ou seja, atua em direção ao acúmulo de tensões, pois, os padrões de como ser e de como agir deixam poucas frestas para se comportar de maneira espontânea perante as instituições sociais. É conveniente esclarecer que a identificação de um resultado não pretende anular o outro. Na verdade, são resultados concomitantes de um mesmo processo. Assim, sem contrariar o argumento acima citado – pois também para Elias a mobilização e padronização das disposições naturais dos seres humanos, no sentido de se constrangerem por meio de aprendizagem, são indispensáveis não apenas para a sobrevivência dos grupos humanos, mas também para a sobrevivência de cada um de seus membros –, é posto em relevo o poder coercitivo deste processo; poder que é identificado também por Berger e Luckmann:

As instituições, como facticidades históricas e objetivas, defrontam-se com o indivíduo na qualidade de fatos inegáveis. As instituições estão aí, exteriores a ele, persistentes em sua realidade, queira ou não. Não pode desejar que não existam. Resistem a suas tentativas de alterá-las ou de evadir-se delas. Têm um poder coercitivo sobre ele, tanto por si mesmas, pela pura força de sua facticidade, quanto pelos mecanismos de controle geralmente ligados às mais importantes delas. (BERGER; LUCKMANN, 1976, p. 86)

A par dos fatores ligados à origem da institucionalização dos hábitos, de sua constituição que é histórica, evolutiva e enraizante, e de sua sistemática ligada não apenas ao atenuar de tensões, mas também de pólo contrário – evidenciado em um poder coercitivo e de controle –, tem-se subsídio para dialogar mais profundamente a respeito das formas de controle nas sociedades contemporâneas e também das atividades que se configuram como

meios para que se estabeleça um equilíbrio entre esse tipo de tensão e tensões de tipo prazerosa.

Em “A Busca da Excitação no Lazer” e “O Lazer no Espectro do Tempo Livre”, trabalhos/capítulos constituintes do livro “A Busca da Excitação”, mais precisamente os dois primeiros capítulos, é construído, por Elias e Dunning, um arquétipo do tempo livre em busca da superação conceitual do termo lazer. Com esses dois capítulos tem-se um avanço bastante grande no que se refere ao entendimento da evolução dos problemas gerados pela civilização gradual da sociedade e dos meios de que esta sociedade vai se valendo para contrabalancear os resultados negativos desta evolução social. A relação ou contraposição entre o tempo livre e o lazer, contidos nesses capítulos, permitem um avanço na construção teórica que aqui se desenha, pois mostram o quanto são rotineiras as atividades nas sociedades contemporâneas.

De acordo com Elias e Dunning, as deficiências nas pesquisas sociológicas que se destinam a encontrar respostas para as abordagens sobre o lazer são elucidadas pela considerável confusão que existe na utilização de certos termos. Não há, por exemplo, “uma clara distinção entre lazer e tempo livre como conceitos sociológicos” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 143, tradução nossa¹³).

A relação de antítese entre trabalho e lazer já não é capaz de dar suporte às investigações devido à sua limitação teórica. Diante desse tipo de problema – e procurando formular respostas para as questões que permeiam os conceitos de lazer –, esses pensadores criaram um quadro, uma tipologia, destinada a servir como ponto de partida para elucidações teóricas. O primeiro quadro, de caráter provisório, foi denominado “Actividades de tempo livre: classificação preliminar”¹⁴. Nesse quadro inicial foi elaborada uma classificação das

¹³ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: uma clara distinção entre lazer e tempo livre como conceitos sociológicos

¹⁴ Esse quadro foi o esboço para o que mais tarde, no segundo capítulo do mesmo volume, seria denominado “espectro do tempo livre”, uma tipologia mais precisa e compreensiva da conceituação do termo *tempo livre* e *lazer*. É preciso esclarecer que a forma apresentada é resumida. Para uma visão mais detalhada de sua configuração é sugerido verificar a fonte. Op. cit. p. 108-110, 144-149.

atividades de tempo livre¹⁵. Esta classificação vem justamente distinguir atividades de tempo livre de atividades de lazer, mas mostram também, ou, sobretudo, o quão rotineiras são as atividades que ocupam a maior parte do tempo de vida das pessoas.

Esta primeira classificação das atividades de tempo livre, apesar de um esboço preliminar, contribui em muito para compreender a lógica construtiva do pensamento arquitetado. Nela, as atividades de tempo livre são divididas em cinco categorias: *trabalho privado e administração familiar; repouso; provimento das necessidades biológicas; sociabilidade; a categoria das atividades miméticas ou jogo.*

À primeira categoria, *trabalho privado e administração familiar,*

[...] pertence a maioria das atividades da família, incluindo a própria provisão da casa. Todas as ocupações maiores ou menores, as variadas transações financeiras pessoais, os planos para o futuro pertencem a esta categoria. O mesmo se verifica no que diz respeito à orientação dos próprios filhos, toda a estratégia familiar, incluindo as controvérsias e as inúmeras tarefas relacionadas com essas questões. Todas essas atividades exigem aptidões especiais que têm de ser aprendidas. Esta tarefa, em conjunto, tende a ocupar mais tempo à medida que o padrão de vida se eleva. Com exceção de alguns problemas, tais como as despesas com as atividades familiares, a área do trabalho privado e da organização familiar continua bastante inexplorada enquanto campo de investigação. Muitas atividades relacionadas com ele constituem trabalho duro. Muito deste trabalho tem de ser realizado, quer se goste ou não. Depois de algum tempo, em maior ou menor dimensão, tende a fazer parte da rotina de cada família. Dificilmente poderemos chamar-lhe lazer. (ELIAS; DUNNING, p. 108-110, tradução nossa¹⁶)

¹⁵ A leitura conceitual do *tempo* tem sido alvo de estudo de alguns estudiosos. Gebara, em *Tempo Livre e Meio Ambiente*, desenvolveu um estudo que se aproxima do conceito formulado em Elias. Neste trabalho, o autor distingue tempo livre de tempo disponível, considerando o primeiro como um tempo individual e o segundo como tempo social. GEBARA, A. Tempo Livre e Meio Ambiente: uma perspectiva histórica. In: **Coletânea do I Encontro Nacional de História da Educação Física e do Esporte**. Campinas: FEF/UNICAMP, 1994. p. 54-59.

¹⁶ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: [...] pertence a maioria das actividades da família, incluindo a própria provisão da casa. Todas as ocupações maiores ou menores, as variadas transações financeiras pessoais, os planos para o futuro pertencem a esta categoria. O mesmo se verifica no que diz respeito à orientação dos próprios filhos, toda a estratégia familiar, incluindo as controvérsias e as inúmeras tarefas relacionadas com essas questões. Todas essas actividades exigem aptidões especiais que têm de ser aprendidas. Esta tarefa, em conjunto, tende a ocupar mais tempo à medida que o padrão de vida se eleva. Com excepção de alguns problemas, tais como as despesas com as actividades familiares, a área do trabalho privado e da organização familiar continua bastante inexplorada enquanto campo de investigação. Muitas actividades relacionadas com ele constituem trabalho duro. Muito deste trabalho tem de ser realizado, quer se goste ou não. Depois de algum tempo, em maior ou menor dimensão, tende a fazer parte da rotina de cada família. Dificilmente poderemos chamar-lhe lazer.

A esta categoria, como bem descrevem Elias e Dunning, dificilmente se pode empregar o conceito de lazer. Trata-se de atividades rotineiras, das quais não se pode desvencilhar e que em muitos casos constituem-se em trabalho pesado. Sendo esta uma categoria em que as atividades ocupam uma grande parte do tempo de quem administra e participa da administração de uma família, tem-se um cenário que começa a se mostrar consideravelmente rotineiro.

À segunda categoria, *repouso*,

[...] pertence o estar sentado e o estar a fumar ou a tricotar, os devaneios, as futilidades sobre a casa, o não fazer nada em particular e, acima de tudo, o dormir. Pode considerar-se este grupo de atividades no âmbito do lazer, mas são nitidamente distintas de um grande número de outras atividades de lazer mencionadas mais adiante como representativas da classe mimética, tais como o desporto e o teatro. (ELIAS; DUNNING, p. 108-110, tradução nossa¹⁷)

As atividades desta segunda categoria podem ser enquadradas dentro da classificação de lazer. No entanto, ligadas à concepção de repouso, como indica o próprio título desta categoria. Diferem, portanto, da outra classe de lazer a que Elias denominou mimética¹⁸, e que teriam outras funções que não a de repouso.

A terceira categoria é a de *provimento das necessidades biológicas*. Em relação a esta categoria, Elias e Dunning, para não deixar lugar a mal entendidos, explicam que

[...] todas as necessidades biológicas às quais há que entender, no nosso tempo livre e noutras circunstâncias, estão socialmente padronizados – comer e beber, bem como defecar, fazer amor, tal como dormir. Estas necessidades reaparecem: procura-se satisfazê-las. Surgem: exigem

¹⁷ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: *Repouso* – A esta categoria de actividades pertence o estar sentado e o estar a fumar ou a tricotar, os devaneios, as futilidades sobre a casa, o não fazer nada em particular e, acima de tudo, o dormir. Pode considerar-se este grupo de actividades no âmbito do lazer, mas são nitidamente distintas de um grande número de outras actividades de lazer mencionadas mais adiante como representativas da classe mimética, tais como o desporto e o teatro.

¹⁸ A categoria da classe das atividades miméticas será exposta logo em seguida, tanto nesta classificação preliminar quanto na que a sucede na sequência dos estudos de Elias. Não obstante, o conceito de mimese, assim como o de catarse que a complementa, será mais bem explorado no capítulo que segue.

satisfação. A satisfação é agradável. Estão apaziguadas e eliminadas, para despertarem de novo, mais tarde, quando o ritmo se repete. Comer, beber e fazer amor irradiam para outras categorias, directa ou indirectamente, em particular para a categoria da sociabilidade. Todas podem estar – e habitualmente assim é – até certo ponto, submetidas à rotina, mas podem ser, e poderiam ser, de facto, realizadas sem rotina, de tempos a tempos, de uma forma mais deliberada do que com frequência é o caso. Ao mesmo tempo, todas elas têm em comum com a categoria mimética o seguinte: podem proporcionar um acentuado prazer, desde que se seja capaz de obter satisfação, de uma maneira não rotineira, como comer fora de casa, a fim de introduzir-se a mudança. (ELIAS; DUNNING, p. 108-110, tradução nossa¹⁹)

Essas atividades, como se pode verificar, acabam por ser abraçadas pela doutrina da rotina. Elas são padronizadas e respeitam um ritmo de contínuos acontecimentos. Poderiam não ser assim, e quando não o são podem proporcionar satisfação e acentuado prazer. Dessa forma, é factível o entendimento de que – considerando que a mudança, a simples quebra da rotina é por si só um fator de geração de prazer – a rotina é demasiado desgastante, estressante e atua como fator de empobrecimento de sentimentos prazerosos.

A *sociabilidade*, a quarta das cinco categorias dessa classificação preliminar, também não é trabalho, embora, de acordo com Elias e Dunning, possam envolver esforços consideráveis. Conforme descrevem Elias e Dunning,

Evolui desde uma sociabilidade muito formal até uma sociabilidade bastante informal, com numerosas escalas intermédias. A esta categoria pertencem atividades que se relacionam com o trabalho, tais como visitar colegas ou superiores hierárquicos, sair numa excursão da firma, assim como outras que não estão relacionadas com o trabalho, tais como ir a um bar, a um clube, a um restaurante ou a uma festa, falar de futilidades com os vizinhos, estar com outras pessoas sem fazer nada de mais, como um fim em si mesmo. As categorias de sociabilidade como uma forma de passar o tempo livre, tanto quanto se pode ver, diferem grandemente nos diferentes estratos da

¹⁹ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: *Proveniente das necessidades biológicas* – Para não deixar lugar a mal-entendidos: todas as necessidades biológicas às quais há que entender, no nosso tempo livre e noutras circunstâncias, estão socialmente padronizados – comer e beber, bem como defecar, fazer amor, tal como dormir. Estas necessidades reaparecem: procura-se satisfazê-las. Surgem: exigem satisfação. A satisfação é agradável. Estão apaziguadas e eliminadas, para despertarem de novo, mais tarde, quando o ritmo se repete. Comer, beber e fazer amor irradiam para outras categorias, directa ou indirectamente, em particular para a categoria da sociabilidade. Todas podem estar – e habitualmente assim é – até certo ponto, submetidas à rotina, mas podem ser, e poderiam ser, de facto, realizadas sem rotina, de tempos a tempos, de uma forma mais deliberada do que com frequência é o caso. Ao mesmo tempo, todas elas têm em comum com a categoria mimética o seguinte: podem proporcionar um acentuado prazer, desde que se seja capaz de obter satisfação, de uma maneira não rotineira, como comer fora de casa, a fim de introduzir-se a mudança.

sociedade. Tal como sucede em 1) e 2), esta categoria de atividades de tempo livre continua largamente inexplorada. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 108-109, tradução nossa²⁰)

As atividades ligadas a esta quarta categoria, além de responderem, em muitos casos, a uma dose de rotina, também podem vir carregadas de pressão e stress, oriundos de obrigações que se acumulam e do tempo de lazer que é reduzido.

Essas quatro categorias do tempo livre ilustram, de forma consideravelmente nítida, que uma parte demasiado grande do tempo livre das sociedades contemporâneas não pode ser identificada como lazer. Tal fato vem confirmar que aquela polarização do lazer e do trabalho na sua forma tradicional – como citada anteriormente – é inadequada. Essa tipologia vem mostrar o equívoco de se pensar que todo o tempo que não é despendido ao trabalho – enquanto ocupação remunerada –, ou seja, todo o tempo livre, pode ser dedicado a atividades de lazer.

De acordo com essa classificação, o trabalho remunerado ou profissão, “[...] é apenas mais uma das esferas que reclamam a subordinação regular e equilibrada dos sentimentos pessoais, por mais fortes e apaixonados que possam ser, às necessidades sociais impessoais e a tarefas” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 110). E de acordo com essa mesma classificação fica evidenciado que a eficácia e a organização especializada, características das sociedades complexas, não apenas fazem parte da grande maioria das atividades das pessoas, como avançam inclusive para a esfera domiciliar, para o próprio círculo familiar. Nas sociedades contemporâneas, “[...] o manto relativamente equilibrado

²⁰ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: *Sociabilidade* – Também não é trabalho, embora possa envolver esforços consideráveis. Evolui desde uma sociabilidade muito formal até uma sociabilidade bastante informal, com numerosas escalas intermédias. A esta categoria pertencem actividades que se relacionam com o trabalho, tais como visitar colegas ou superiores hierárquicos, sair numa excursão da firma, assim como outras que não estão relacionadas com o trabalho, tais como ir a um bar, a um clube, a um restaurante ou a uma festa, falar de futilidades com os vizinhos, estar com outras pessoas sem fazer nada de mais, como um fim em si mesmo. As categorias de sociabilidade como uma forma de passar o tempo livre, tanto quanto se pode ver, diferem grandemente nos diferentes estratos da sociedade. Tal como sucede em 1) e 2), esta categoria de actividades de tempo livre continua largamente inexplorada.

das restrições estende-se até o campo das atividades de tempo livre” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 110-111, tradução nossa²¹).

A última categoria, *a categoria das actividades miméticas ou jogo*, se contrapõe às demais. As atividades nela contidas não se caracterizam pela condição de rotina, pelo contrário, estão inclinadas a se disporem como um contraponto para aquelas atividades que se enquadram neste tipo. A respeito desta categoria, de acordo com Elias e Dunning,

Numerosas investigações e discussões acerca das atividades de lazer incidem sobre atividades deste tipo. Essa investigação preocupa-se, em particular, com esta categoria; ainda que um número crescente de pesquisas lhe seja dedicado, as características distintivas desta categoria de atividades não surgem à nossa compreensão, em nenhuma delas, com muita clareza. Tem-se dedicado muita atenção a aspectos ou a problemas singulares, relativamente pequenos para a estrutura básica, para as características comuns desta categoria de atividades. As próprias atividades apresentam uma enorme diversidade. A esta categoria pertencem atividades de lazer, tais como a ida ao teatro ou a um concerto, às corridas ou ao cinema, à caça, à pesca, jogar bridge, fazer montanhismo, apostar, dançar ou ver televisão. As atividades deste tipo são atividades de tempo livre que possuem o caráter de lazer, quer se tome parte nelas como ator ou como espectador, desde que não se participe como se participasse numa ocupação especializada através da qual se ganha a vida; neste caso, deixam de ser atividades de lazer e tornam-se uma forma de trabalho, implicando todas as obrigações e restrições características do trabalho em sociedades do tipo da nossa – mesmo que as atividades como estas possam ser sentidas como sendo muito agradáveis. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 108-110, tradução nossa²²)

²¹ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: [...] o manto relativamente equilibrado das restrições estende-se até o campo das actividades de tempo livre.

²² Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: *A categoria das actividades miméticas ou jogo* – Numerosas investigações e discussões acerca das actividades de lazer incidem sobre actividades deste tipo. Essa investigação preocupa-se, em particular, com esta categoria; ainda que um número crescente de pesquisas lhe seja dedicado, as características distintivas desta categoria de actividades não surgem à nossa compreensão, em nenhuma delas, com muita clareza. Tem-se dedicado muita atenção a aspectos ou a problemas singulares, relativamente pequenos para a estrutura básica, para as características comuns desta categoria de actividades. As próprias actividades apresentam uma enorme diversidade. A esta categoria pertencem actividades de lazer, tais como a ida ao teatro ou a um concerto, às corridas ou ao cinema, à caça, à pesca, jogar bridge, fazer montanhismo, apostar, dançar ou ver televisão. As actividades deste tipo são actividades de tempo livre que possuem o carácter de lazer, quer se tome parte nelas como actor ou como espectador, desde que não se participe como se participasse numa ocupação especializada através da qual se ganha a vida; neste caso, deixam de ser actividades de lazer e tornam-se uma forma de trabalho, implicando todas as obrigações e restrições características do trabalho em sociedades do tipo da nossa – mesmo que as actividades como estas possam ser sentidas como sendo muito agradáveis.

A categoria das atividades miméticas responde às atividades que produzem nas pessoas uma agradável excitação-prazer e representam assim, ao mesmo tempo, o complemento e a antítese do empobrecimento emocional verificado nas rotinas da vida nas sociedades modernas.

A investigação realizada por Elias e Dunning preocupa-se em particular com esta última categoria. Neste sentido, a tipologia apresentada, mesmo que preliminar, realça alguns pontos em relação ao tempo livre e ao trabalho, e em relação ao tempo de lazer e o de não lazer. Esta tipologia mostra, de forma ímpar, que parte considerável do tempo livre não é destinada a atividades de lazer, e sim a ocupações rotineiras, inerentes ao tipo de vida das sociedades complexas.

Para a compreensão da estrutura que se apresenta é preciso que o esquema seja vislumbrado em um âmbito mais alargado, é preciso visualizar a dimensão deste contexto social, que é complexo, rotineiro e carregado de pressões. Este é o contexto ao qual as pessoas estão submetidas.

É possível justificar, com este modelo, que, nas sociedades modernas avançadas, as atividades de lazer, sobretudo as do tipo miméticas, constituem um dos poucos – se não o único – meios aprovados no quadro social, desencadeadores de um comportamento moderadamente excitado em público. A esfera mimética²³, diante deste contexto, se conforma como parte integrante da realidade da sociedade moderna.

A conformação dessa configuração, de forma elucidativa, possibilita enxergar, com maior clareza, o problema básico com o qual se deparam aqueles que se dedicam a estudar o lazer enquanto um fenômeno social significativo.

²³ Os conceitos, na teoria eliasiana, como já mencionado anteriormente, estão interconectados. Este fato pode ser mais uma vez notado neste momento. Ao distinguir conceitualmente o tempo livre e o lazer, inevitavelmente as linhas se misturam à esfera mimética. Em relação ao conceito de mimese, estão lançadas nas linhas que seguem informações sucintas para o acompanhamento do ideário. Mas, em um tópico a frente este conceito será trabalhado mais sistematicamente.

Assim, na seqüência, por meio de uma abordagem das características comuns das atividades de lazer – apresentada por Elias e Dunning –, são exploradas de forma mais completa algumas características que distinguem não apenas o tempo livre do tempo de ocupação rotineira, mas também os diferentes tipos de ocupação e os diferentes tipos de atividades de lazer.

No “espectro do tempo livre”²⁴ é apresentada uma ampla tipologia das atividades de tempo livre. O detalhamento dessas atividades, que não se caracterizam como atividades remuneradas, tem como objetivo o esclarecimento e a elucidação de conceitos que visam eliminar a confusão conceitual entre tempo livre e lazer.

A tipologia apresentada no “espectro do tempo livre” é dividida em três esferas de atividades: rotinas do tempo livre, atividades intermediárias e atividades de lazer; e cada uma dessas esferas é ainda subdividida em especificidades.

A primeira esfera de atividades, as “rotinas do tempo livre”, é dividida em: *provisão rotineira das próprias necessidades biológicas e cuidados com o corpo*, a qual compreende atividades como “comer, beber, descansar, dormir, fazer amor, fazer exercícios, lavar-se, tomar banho, resolver questões relativas a alimentos e a doenças” e o *governo da casa e rotinas familiares*, à qual estariam ligadas as atividades como,

[...] conservar a casa em ordem, organizar as rotinas, cuidar das lavagens de roupa, comprar alimentos e roupas, fazer preparativos para uma festa, resolver assuntos de impostos, administração da casa e outras formas de trabalho (isto é, não profissional) privado para si próprio e para a sua família; lidar com tensões e fadigas familiares; alimentar, educar e cuidar das crianças; tratar dos animais. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 146-149, tradução nossa²⁵)

²⁴ O “espectro do tempo livre” é a tipologia retratada no segundo capítulo de “A busca da excitação”. Esta tipologia é a seqüência daquela apresentada no primeiro capítulo deste mesmo livro, intitulada “Actividades de tempo livre: classificação preliminar”. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 108-110)

²⁵ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: [...] conservar a casa em ordem, organizar as rotinas, cuidar das lavagens de roupa, comprar alimentos e roupas, fazer preparativos para uma festa, resolver assuntos de impostos, administração da casa e outras formas de trabalho (isto é, não profissional) privado para si próprio e para a sua família; lidar com tensões e fadigas familiares; alimentar, educar e cuidar das crianças; tratar dos animais.

Essas são as atividades compreendidas em uma esfera de rotina e que são inerentes às sociedades complexas da contemporaneidade. Em relação a essas atividades, ao se pensar sobre o tempo que é despendido para o planejamento e execução das mesmas, tem-se a noção do quanto estão envolvidas em rotinas as pessoas das sociedades hodiernas.

A segunda categoria de atividades é identificada como “Atividades intermediárias de tempo que servem, principalmente, necessidades de formação e, ou também, auto-satisfação e auto-desenvolvimento” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 146-149, tradução nossa²⁶).

As atividades intermediárias estão subdivididas em:

- a) *Trabalho particular (isto é, não profissional) voluntário para outros*, por exemplo, participação em questões locais, eleições, igreja e atividades de caridade;
- b) *Trabalho particular (isto é, não profissional) antes de tudo, para si próprio, de uma natureza relativamente séria e com frequência impessoal*, por exemplo, estudo privado com vista a progressos profissionais, passatempos técnicos sem valor profissional óbvio, mas que exigem perseverança, estudo especializado e competência, tais como construir rádios ou ser amador de astronomia;
- c) *Trabalho particular (isto é, não profissional) antes de tudo, para si próprio, de um tipo mais ligeiro e menos exigente*, por exemplo, passatempos como fotografia amadora, trabalho em madeira e coleção de selos;
- d) *Atividades religiosas*;
- e) *Atividades de formação de caráter mais voluntário, socialmente menos controlado e com frequência de caráter acidental*, ordenadas a partir de formas de conhecimento mais sérias, menos divertidas, para formas menos sérias e mais interessantes de adquirir conhecimento, com muitas tonalidades intermédias, tais como a leitura de jornais e de periódicos, audição de debates políticos, assistência a conferências de educação de adultos, visão de programas de televisão informativos. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 146-149, tradução nossa²⁷)

²⁶ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: Atividades intermediárias de tempo que servem, principalmente, necessidades de formação e, ou também, auto-satisfação e autodesenvolvimento.

²⁷ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: a) *Trabalho particular (isto é, não profissional) voluntário para outros*, por exemplo, participação em questões locais, eleições, igreja e atividades de caridade; b) *Trabalho particular (isto é, não profissional) antes de tudo, para si próprio, de uma natureza relativamente séria e com frequência impessoal*, por exemplo, estudo privado com vista a progressos profissionais, passatempos técnicos sem valor profissional óbvio mas que exigem perseverança, estudo especializado e competência, tais como construir rádios ou ser amador de astronomia;

As atividades contidas nessa segunda classificação carregam em si um grau de rotina seguramente menor do que aquelas que as antecedem no quadro de classificação. Contudo, ainda que menores, os traços de atividades rotineiras podem ser observados também nessas atividades.

Por fim, a esfera das atividades de lazer. As atividades contidas nesta esfera, dentro da tipologia apresentada por Elias e Dunning, são classificadas em três tipos diferentes, sendo que estas são ainda subdivididas em suas especificidades.

O primeiro tipo de atividades de lazer, *atividades pura ou simplesmente, sociáveis*, compreende:

- (i) Participar como convidado em reuniões mais formais, como casamentos, funerais ou banquetes; ser convidado para jantar em casa de um superior;
- (ii) Participar em Lazer-gemeinschaften²⁸ relativamente informal, com um nível emocional manifesto e amigável consideravelmente acima de outras atividades de tempo livre e de trabalho, por exemplo, reuniões no bar ou em festas, encontros familiares, comunidades de conversa banal. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 146-149, tradução nossa²⁹)

Ao segundo tipo, atividades de jogo ou “miméticas”, estão relacionados o:

- (i) Participar em atividades miméticas (relativamente) de elevado nível organizativo, como um membro da organização, por exemplo, um teatro amador, clube de críquete, clube de futebol. Em tais casos, chega-se ao

c) *Trabalho particular (isto é, não profissional) antes de tudo, para si próprio, de um tipo mais ligeiro e menos exigente*, por exemplo, passatempos como fotografia amadora, trabalho em madeira e coleção de selos;

d) *Atividades religiosas*;

e) *Atividades de formação de carácter mais voluntário, socialmente menos controlado e com frequência de carácter accidental*, ordenadas a partir de formas de conhecimento mais sérias, menos divertidas, para formas menos sérias e mais interessantes de adquirir conhecimento, com muitas tonalidades intermédias, tais como a leitura de jornais e de periódicos, audição de debates políticos, assistência a conferências de educação de adultos, visão de programas de televisão informativos.

²⁸ “Lazer-comunitário” (N. da T.)

²⁹ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: (i) Participar como convidado em reuniões mais formais, como casamentos, funerais ou banquetes; ser convidado para jantar em casa de um superior;

(ii) Participar em Lazer-gemeinschaften²⁹ relativamente informal, com um nível emocional manifesto e amigável consideravelmente acima de outras atividades de tempo livre e de trabalho, por exemplo, reuniões no bar ou em festas, encontros familiares, comunidades de conversa banal;

fulcro das atividades miméticas de destruição da rotina e de descontrolo e de experiências, através de uma concha de rotinas e de formas de controlo aceites e partilhadas voluntariamente. Nesta categoria, a maior parte das atividades miméticas envolve um grau de destruição da rotina e de alívio das restrições, por meio de movimento do corpo, isto é, por meio da mobilidade corporal;

(ii) Participar como espectador em atividades miméticas bastante organizadas sem fazer parte da própria organização, com pouca ou nenhuma participação em suas rotinas e, de acordo com isso, com a destruição relativamente diminuta da rotina, através de movimento, por exemplo, ver futebol ou ir a um jogo;

(iii) Participar como ator em atividades miméticas menos organizadas, por exemplo, dança e montanhismo. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 146-149, tradução nossa³⁰)

O terceiro e último tipo de atividades de lazer apresentado nesta classificação construída por Elias e Dunning é a *miscelânea de atividades de lazer menos especializadas, com o carácter vinculado de agradável destruição da rotina e com frequência multifuncional* (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 146-149, tradução nossa³¹). A este tipo de atividade de lazer estão relacionados, por exemplo, “viajar nos feriados, comer fora para variar, relações de amor destruindo a rotina, cuidados não rotineiros com o corpo, tais como banhos de sol, dar um passeio a pé” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 146-149, tradução nossa³²).

Com este espectro tem-se indicado os principais tipos de atividades de tempo livre. Com o seu auxílio é possível observar alguns fatos que, eventualmente, encontram-se obscurecidos pela tendência em equacionar ou ligar o tempo livre a atividades de lazer – entre

³⁰ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: (i) Participar em actividades miméticas (relativamente) de elevado nível organizativo, como um membro da organização, por exemplo, um teatro amador, clube de críquete, clube de futebol. Em tais casos, chega-se ao fulcro das actividades miméticas de destruição da rotina e de descontrolo e de experiências, através de uma concha de rotinas e de formas de controlo aceites e partilhadas voluntariamente. Nesta categoria, a maior parte das actividades miméticas envolve um grau de destruição da rotina e de alívio das restrições, por meio de movimento do corpo, isto é, por meio da mobilidade corporal;

(ii) Participar como espectador em actividades miméticas bastante organizadas sem fazer parte da própria organização, com pouca ou nenhuma participação em suas rotinas e, de acordo com isso, com a destruição relativamente diminuta da rotina, através de movimento, por exemplo, ver futebol ou ir a um jogo;

(iii) Participar como ator em actividades miméticas menos organizadas, por exemplo, dança e montanhismo;

³¹ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: c) *Miscelânea de actividades de lazer menos especializadas, com o carácter vinculado de agradável destruição da rotina e com frequência multifuncional, [...]*

³² Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: [...]viajar nos feriados, comer fora para variar, relações de amor destruindo a rotina, cuidados não rotineiros com o corpo, tais como banhos de sol, dar um passeio a pé.

os quais, o fato de que a maior parte do tempo das pessoas é tomada por atividades rotineiras e que ainda respondem bem de perto às regras de conduta e comportamento social.

De acordo com este espectro, algumas das atividades de tempo livre têm o caráter de trabalho; ainda que sejam de um tipo que se distingue do trabalho profissional, são, objetivamente, atividades de trabalho, e, portanto, com certa carga de rotina. É justo mencionar que algumas dessas atividades de tempo livre caracterizadas como trabalho são voluntárias, e que tal aspecto pode conter em si certa carga de prazer – mas também de compromisso; além disso, nem todas são agradáveis e algumas são altamente rotineiras.

No espectro do tempo livre é fundamental o grau da rotina característico das suas várias ligações. É preciso dizer que Elias e Dunning entendem as rotinas como sendo

[...] canais correntes de ação reforçada por interdependência com outros, e impondo ao indivíduo um grau bastante elevado de regularidade, estabilidade e controle emocional na conduta, e que bloqueiam outras linhas de ação, mesmo que estas correspondam melhor à disposição, aos sentimentos, às necessidades emocionais do momento. O grau de rotina pode variar. Em geral, o trabalho profissional é muito rotineiro e, deste modo, numerosas atividades de tempo livre são classificadas em 1, sendo um pouco menos aquelas que se classificam em 2 e ainda menos aquelas que se classificam em 3. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 149, tradução nossa³³)

Em sociedades nas quais a maior parte das atividades está submetida à rotina e a maior parte das necessidades emocionais submetida ao controle social e ao próprio autocontrole, as atividades de lazer proporcionam – dentro de certos limites – oportunidades para experiências emocionais normalmente excluídas dos setores altamente rotineiros da vida das pessoas.

³³ A referência feita por Elias e Dunning à classificação das atividades em 1, 2 e 3 diz respeito à classificação construída por eles no espectro do tempo livre, no qual o 1 corresponde a “rotinas do tempo livre”, o 2 corresponde a “atividades intermediárias” e o 3 a “atividades de lazer”. A citação acima foi traduzida da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: [...] canais correntes de ação reforçada por interdependência com outros, e impondo ao indivíduo um grau bastante elevado de regularidade, estabilidade e controlo emocional na conduta, e que bloqueiam outras linhas de acção, mesmo que estas correspondam melhor à disposição, aos sentimentos, às necessidades emocionais do momento. O grau de rotina pode variar. Em geral, o trabalho profissional é muito rotineiro e, deste modo, numerosas actividades de tempo livre são classificadas em 1, sendo um pouco menos aquelas que se classificam em 2 e ainda menos aquelas que se classificam em 3.

Um estudo mais detalhado a respeito do lazer e de seu papel nas sociedades hodiernas será apresentado logo mais a frente. Contudo, para um entendimento mais substancial do que foi trabalhado até aqui, e para igual compreensão do que representa o lazer na contemporaneidade, faz-se necessário aprofundar os estudos a respeito do conceito de mimese, e com ele o de catarse.

3 **Catarse em atividades miméticas**

Para a complementação do que foi retratado até aqui – conceitos eliasianos a respeito do processo civilizador e de suas conseqüências para as sociedades contemporâneas – e também para uma melhor compreensão do que será tratado na seqüência – algumas contramedidas desenvolvidas para a manutenção do equilíbrio emocional – evidencia-se a necessidade de um aprofundamento teórico acerca dos conceitos de catarse e mimese.

Para uma formulação conceitual mais apropriada ao estudo dos fenômenos de manutenção do equilíbrio emocional, Elias e Dunning vêem a necessidade de transcender os limites das especialidades acadêmicas previstos na atualidade. Seguindo essa linha de pensamento, procuraram abordar o problema à luz da disciplina que antecede ao fracionamento das diferentes especialidades, ou seja, na matriz global da filosofia.

Com esta perspectiva, Elias e Dunning buscam apoio na teoria de Aristóteles a respeito dos efeitos da música e do drama nas pessoas. A teoria de Aristóteles tem como peça central um conceito bastante sugestivo, o conceito de catarse. A palavra catarse é um termo médico ligado ao expulsar de substâncias nocivas do corpo, uma limpeza do corpo por meio de uma purga. Aristóteles argüiu em sua tese, num sentido figurado, que a música e a tragédia provocavam algo similar nas pessoas.

Com efeito, argumentou também que atividades deste tipo possuíam um efeito curativo “[...] desencadeado não através dos intestinos, mas através de ‘um movimento da alma’” (Elias; Dunning, 1992, p. 122, grifo do autor, tradução nossa³⁴). De acordo com o contexto apresentado pela teoria aristotélica,

Se as pessoas estão demasiado excitadas ou tensas, a música excitante poderá ajudar a acalmá-las. Se estão entorpecidas com o desespero e o

³⁴ A citação acima foi traduzida da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: “[...] desencadeado não através dos intestinos, mas através de “um movimento da alma”.

desânimo, podem encontrar alívio na estimulação dos seus sentimentos através de músicas melancólicas. (Elias; Dunning, 1992, p. 122, tradução nossa³⁵)

A essência do efeito curativo desses atos miméticos “consiste no fato de a excitação que produzem, em contraste com a excitação de situações críticas sérias, ser agradável” (Elias; Dunning, 1992, p. 122, tradução nossa³⁶). Não obstante, a relação entre as atividades miméticas e a catarse curativa é resgatada por Elias e Dunning e introduzida na sociologia contemporânea como um problema de grande relevância. Pois, segundo estes,

Nas sociedades relativamente bem organizadas como as nossas, a rotina abrange todas as esferas da vida, incluindo as de maior intimidade. A menos que o organismo seja intermitentemente congestionado e agitado por algumas experiências excitantes com a ajuda de sentimentos fortes, a rotina global e as restrições, como condições de ordem e de segurança, estão em condições de engendrar uma secura de emoções, um sentimento de monotonia, do qual a monotonia emocional é apenas um exemplo. Porque não é na qualidade do trabalho, mas antes na qualidade dos sentimentos engendrados nos que o executam, que se avalia o carácter da monotonia. (Elias; Dunning, 1992, p. 122, tradução nossa³⁷)

Para Elias e Dunning,

Ainda podemos ver aquilo que foi talvez suprimido, ou na maior parte esquecido na tradição do pensamento europeu, apesar da absorção do pensamento de Aristóteles pelas tradições da igreja cristã: que o prazer sob uma forma comparativamente moderada, proporcionada pelos fatos miméticos, pode ter um efeito curativo. Sem o elemento hedonista do “entusiasmo”, da excitação produzida pela música e pelo drama, nenhuma

³⁵ A citação acima foi traduzida da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: Se as pessoas estão demasiado excitadas ou tensas, a música excitante poderá ajudar a acalmá-las. Se estão entorpecidas com o desespero e o desânimo, podem encontrar alívio na estimulação dos seus sentimentos através de músicas melancólicas.

³⁶ A citação acima foi traduzida da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: consiste no facto de a excitação que produzem, em contraste com a excitação de situações críticas sérias, ser agradável.

³⁷ Nas sociedades relativamente bem organizadas como as nossas, a rotina abrange todas as esferas da vida, incluindo as de maior intimidade. A menos que o organismo seja intermitentemente congestionado e agitado por algumas experiências excitantes com a ajuda de sentimentos fortes, a rotina global e as restrições, como condições de ordem e de segurança, estão em condições de engendrar uma secura de emoções, um sentimento de monotonia, do qual a monotonia emocional é apenas um exemplo. Porque não é na qualidade do trabalho, mas antes na qualidade dos sentimentos engendrados nos que o executam, que se avalia o carácter da monotonia.

catarse é possível. (Elias; Dunning, 1992, p. 122, grifo do autor, tradução nossa³⁸)

A estimulação emocional e a renovação das energias são características essenciais das atividades de categoria mimética. Culminando em uma tensão agradável, representam um contraponto à institucionalização e padronização das restrições emocionais verificadas nas ações diárias da vida dos indivíduos das sociedades civilizadas.

Com efeito, os conceitos de catarse e de mimese se completam e se fundem – tanto no contexto em que são empiricamente verificados, quanto naquele em que são teoricamente explicados. Factualmente se acaba recorrendo ao segundo conceito para melhor explicar/entender o primeiro e ao primeiro para a explicação/compreensão do segundo. Também não se pode furtar-se, ao trabalhar com os conceitos de catarse e mimese, da apreciação da ligação destes com as atividades de lazer, atividades que podem ser miméticas, e, por essa razão, capazes de gerar a catarse – e, por conseguinte, o equilíbrio emocional.

A aproximação entre os conceitos de catarse e mimese, verificados na tese aristotélica, e os aspectos do lazer e do ritmo de vida verificados nas sociedades modernas por Elias e Dunning são fundamentais para se entender os problemas do lazer e o desenvolvimento das atividades desta categoria nas sociedades deste tipo. Conforme versam os autores,

Face às técnicas de investigação muito mais desenvolvidas do nosso tempo e do fundo de conhecimento muito maior que está hoje disponível, a teoria de Aristóteles pode julgar-se simples e sem sutileza, mas ela fornece ao pensamento aspectos do problema do lazer que hoje são frequentemente esquecidos. Um deles é o de que grande parte dos fatos de lazer desperta emoções que estão relacionadas com aquelas que as pessoas experimentam noutras esferas: despertam medo e compaixão ou ciúme e ódio por simpatia com os outros, mas de uma maneira que não é seriamente perturbante e

³⁸ A citação acima foi traduzida da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: Ainda podemos ver aquilo que foi talvez suprimido, ou na maior parte esquecido na tradição do pensamento europeu, apesar da absorção do pensamento de Aristóteles pelas tradições da igreja cristã: que o prazer sob uma forma comparativamente moderada, proporcionada pelos factos miméticos, pode ter um efeito curativo. Sem o elemento hedonista do “entusiasmo”, da excitação produzida pela música e pelo drama, nenhuma catarse é possível.

perigosa, como é o caso, com frequência, na vida real. Na esfera mimética são, por assim dizer, transpostos numa combinação diferente. Perdem o seu ferrão. Confundem-se com “uma espécie de prazer”. (Elias; Dunning, 1992, p. 124, grifo do autor, tradução nossa³⁹)

O termo mimético refere-se a este aspecto verificado em experiências de lazer. Em seu sentido literal é imitativo. No entanto, é utilizado pelos autores – primeiro, Aristóteles, depois Elias e Dunning – num sentido mais alargado e figurado. Nesse aspecto, constitui-se em uma característica comum em todas as atividades de lazer classificadas com essa denominação.

O conceito de mimese, no sentido em que Elias e Dunning o trazem, está ligado ao sentimento de prazer estimulado por situações que provocam emoções e excitações baseadas na experiência de se experimentar sentimentos e situações desencadeadores de sensações as quais se experimentaria em situações sérias, de risco. Contudo, dentro da esfera mimética, esta realidade é um simulacro.

A excitação mimética, na perspectiva individual e social, é desprovida de perigo – mesmo com a presença da sensação de risco –, e pode ter um efeito catártico – normalmente é o que acontece. Contudo, alusão seja feita para o fato de que algumas atividades miméticas apresentam riscos muito próximos daqueles que se evidenciam na vida real – e a primeira esfera pode vir a se transformar na segunda. Dito de uma outra forma, o que se verifica é que em algumas atividades da esfera mimética o limiar entre o descontrolo controlado e o descontrolo fora de controle fica muito reduzido. Exemplos deste contexto podem ser visualizados nas torcidas de futebol, que em certos momentos se tornam impossíveis de

³⁹ A citação acima foi traduzida da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: Face às técnicas de investigação muito mais desenvolvidas do nosso tempo e do fundo de conhecimento muito maior que está hoje disponível, a teoria de Aristóteles pode julgar-se simples e sem subtileza, mas ela fornece ao pensamento aspectos do problema do lazer que hoje são frequentemente esquecidos. Um deles é o de que grande parte dos factos de lazer desperta emoções que estão relacionadas com aquelas que as pessoas experimentam noutras esferas: despertam medo e compaixão ou ciúme e ódio por simpatia com os outros, mas de uma maneira que não é seriamente perturbante e perigosa, como é o caso, com frequência, na vida real. Na esfera mimética são, por assim dizer, transpostos numa combinação diferente. Perdem o seu ferrão. Confundem-se com “uma espécie de prazer”.

controlar – saem da esfera do descontrolo controlado para o descontrolo realmente descontrolado; e também em algumas atividades de aventura na natureza, nas quais os riscos a que se expõem os praticantes se encontram também muito próximos dos reais – o limiar entre o risco sob controle e a perda desse controle, em alguns casos, é bastante tênue. Nesses casos o risco fica muito mais evidenciado.

Conforme mostram Elias e Dunning,

A comparação entre a excitação gerada pelas situações da “vida real” e aquela despertada pelos fatos de lazer revela, de forma bastante clara, quer as similaridades quer as diferenças. Embora a investigação fisiológica não se encontre bem esclarecida nestas linhas, existe uma certa razão para pensar que os aspectos fisiológicos básicos de uma síndrome da excitação são os mesmos nos dois casos. Seria interessante e recompensador descobrir quais são as diferenças específicas. Psicológica e sociologicamente, a diferença é mais fácil de reconhecer. Na excitação séria, não mimética, as pessoas podem perder o autocontrole e tornarem-se uma ameaça, tanto para si próprias quanto para os outros. A excitação mimética é, na perspectiva social e individual, desprovida de perigo e pode ter um efeito catártico. (Elias; Dunning, 1992, p. 125, tradução nossa⁴⁰)

O termo mimético, ou a descrição de seu conceito aqui exposta, pode sugerir que este é aplicado para se referir à relação entre as atividades miméticas e certas situações críticas sérias às quais podem assemelhar-se. Contudo, a relação a que se refere o termo mimético, tal como é por Elias e Dunning utilizado é, antes de tudo, a relação entre os sentimentos miméticos e as situações sérias da vida.

Dessa forma,

⁴⁰ A citação acima foi traduzida da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: A comparação entre a excitação gerada pelas situações da “vida real” e aquela despertada pelos factos de lazer revela, de forma bastante clara, quer as similaridades quer as diferenças. Embora a investigação fisiológica não se encontre bem esclarecida nestas linhas, existe uma certa razão para pensar que os aspectos fisiológicos básicos de uma síndrome da excitação são os mesmos nos dois casos. Seria interessante e recompensador descobrir quais são as diferenças específicas. Psicológica e sociologicamente, a diferença é mais fácil de reconhecer. Na excitação séria, não mimética, as pessoas podem perder o autocontrole e tornarem-se uma ameaça, tanto para si próprias quanto para os outros. A excitação mimética é, na perspectiva social e individual, desprovida de perigo e pode ter um efeito catártico.

[...] os conflitos, as vitórias e as derrotas, representadas de forma dramática e trágica, numa atuação teatral como *A Mulher Troiana* de Eurípides, podem criar, ou não, qualquer relação direta com as situações da vida de um público do século XX, mas os sentimentos a que apelam podem ser imediatos, intensos, espontâneos e, se é que se pode usar esta expressão, totalmente contemporâneos. São eles, os sentimentos motivados por toda a série de fatos característicos da esfera deste nome, que têm, de uma maneira divertida e agradável, uma semelhança com sentimentos experimentados em situações críticas sérias, mesmo se os próprios sentimentos miméticos não se assemelharem, de modo algum, aos fatos “reais”. (Elias; Dunning, 1992, p. 126, tradução nossa⁴¹)

Não obstante, ao ampliar o entendimento acerca das atividades miméticas e da importância dos sentimentos por elas gerados, apresentam também os autores a sua vinculação com a existência de necessidades emocionais:

O padrão e o caráter dos fatos de representação não são, certamente, os mesmos, em todas as sociedades. A força e o padrão das necessidades emocionais diferem de acordo com o estágio que a sociedade atingiu num processo de civilização. Os fatos miméticos que servem estas necessidades diferem de acordo com eles. (Elias; Dunning, 1992, p. 126, tradução nossa⁴²)

Observações sobre o efeito catártico que formas miméticas de lazer proporcionam nas pessoas, e a significativa busca por essas formas de lazer, acentuam a concepção de que as pessoas procuram nas atividades de lazer não o atenuar das tensões, mas, uma tensão específica, uma forma de excitação normalmente vetada na vida cotidiana. A este respeito, de forma alusiva, Elias e Dunning lembram as *Confissões* de Santo Agostinho, quando ao reprovar a si mesmo, lembra o fato de ter freqüentado teatros e outros divertimentos. Santo Agostinho interrogava-se a si mesmo sobre a questão muito incisiva “de saber porque seria

⁴¹ A citação acima foi traduzida da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: [...] os conflitos, as vitórias e as derrotas, representadas de forma dramática e trágica, numa actuação teatral como *A Mulher Troiana* de Eurípides, podem criar, ou não, qualquer relação directa com as situações da vida de um público do século XX, mas os sentimentos a que apelam podem ser imediatos, intensos, espontâneos e, se que se pode usar esta expressão, totalmente contemporâneos. São eles, os sentimentos motivados por toda a série de factos característicos da esfera deste nome, que têm, de uma maneira divertida e agradável, uma semelhança com sentimentos experimentados em situações críticas sérias, mesmo se os próprios sentimentos miméticos não se assemelharem, de modo algum, aos factos “reais”.

⁴² A citação acima foi traduzida da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: O padrão e o carácter dos factos de representação não são, certamente, os mesmos, em todas as sociedades. A força e o padrão das necessidades emocionais diferem de acordo com o estágio que a sociedade atingiu num processo de civilização. Os factos miméticos que servem estas necessidades diferem de acordo com eles.

que assistimos aos divertimentos que estimulam em nós medo, ansiedade, raiva, cólera e muitos outros sentimentos que, se pudéssemos, teríamos evitado na vida real, como à praga” (ELIAS E DUNNING, 1992, p. 127, tradução nossa⁴³).

Nas sociedades mais complexas – nas quais há a exigência de uma disciplina emocional bastante atuante, e nas quais manifestações de uma série de sentimentos agradáveis são habitualmente vetadas – verifica-se no conceito de catarse, evidenciado e vivenciado por meio de atividades do tipo miméticas, um fenômeno seguramente complexo.

Nas sociedades contemporâneas, conforme o que foi acompanhado até aqui, os adultos, de uma maneira geral, não revelam suas emoções – aprendem, desde muito cedo, a se controlar. Em tais sociedades,

[...] os adultos tornaram-se, em regra, tão habituados a não agirem de acordo com os seus sentimentos que esta restrição, com frequência, lhes parece ser o normal, o estado natural dos seres humanos, em especial se, em larga medida, a auto-restrição se torna automática. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 166, tradução nossa⁴⁴).

Para os adultos dessas sociedades, as atividades miméticas caracterizam-se como antídotos para as rotinas de suas vidas, essencialmente, por despertar excitações de um tipo específico, provocadas pelos sentimentos miméticos. Os sentimentos advindos, por exemplo, do fato de derrotar um adversário – o desenrolar de manifestações por meio de expressões corporais e também verbais –, transbordando o triunfo da vitória, estão no contexto das atividades miméticas de lazer; experimentar a ansiedade causada pelo suspense de estar frente à ameaçadora derrota e/ou triunfo da vitória, numa esfera mimética, é ter a segurança de que ao fim da aventura vai se poder voltar a sua vida diária sem maiores conseqüências.

⁴³ A citação acima foi traduzida da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: [...] de saber porque seria que assistimos aos divertimentos que estimulam em nós medo, ansiedade, raiva, cólera e muitos outros sentimentos que, se pudéssemos, teríamos evitado na vida real, como à praga.

⁴⁴ A citação acima foi traduzida da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: “os adultos tornaram-se, em regra, tão habituados a não agirem de acordo com os seus sentimentos que esta restrição, com frequência, lhes parece ser o normal, o estado natural dos seres humanos, em especial se, em larga medida, a auto-restrição se torna automática”.

Experiências deste tipo contrapõem-se às rotinas de uma vida frequentemente harmoniosa e muitas vezes sem emoção. No contexto mimético, excitações agradáveis são permitidas não apenas pela sociedade, mas, acima de tudo, pela própria consciência.

A atividade mimética está relacionada ao fazer algo sobre o qual não se tem completo domínio e/ou conhecimento, o que proporciona certo grau de insegurança, cria a expectativa do inesperado e do arriscado, produzindo tensão e excitação em virtude da ansiedade que as acompanha. Estes altos e baixos de breves e alternados sentimentos antagonistas, tais como esperança e medo, exaltação e abatimento, são uma das fontes de renovação emocional de que se tem tratado neste estudo.

A importância desses sentimentos e, por conseguinte, das atividades miméticas de lazer está muito presente nos estudos de Elias e Dunning. Para estes sociólogos,

[...] a ausência de equilíbrio entre atividades de lazer e atividades de não lazer implica um determinado empobrecimento humano, uma secura de emoções que afeta toda a personalidade. Talvez aqui se possa ver com maior nitidez os perigos inerentes a qualquer classificação das atividades de lazer como irrealis. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 161, tradução nossa⁴⁵)

Esta colocação é bastante profícua no que diz respeito à compreensão do significado do lazer para a sociedade contemporânea. As várias formas de atividades de lazer não apenas são absolutamente reais, como também são de significativa importância para todas as sociedades da contemporaneidade.

Com efeito, o estudo do lazer, ou melhor, o estudo das formas de lazer caracterizadas como atividades miméticas – atividades que atuam na manutenção do equilíbrio emocional –, constitui-se em um objeto de significativa relevância no que diz

⁴⁵ A citação acima foi traduzida da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: a ausência de equilíbrio entre actividades de lazer e actividades de não lazer implica um determinado empobrecimento humano, uma secura de emoções que afecta toda a personalidade. Talvez aqui se possa ver com maior nitidez os perigos inerentes a qualquer classificação das actividades de lazer como irrealis.

respeito ao estudo dos indivíduos, das sociedades e das necessidades desenvolvidas nessas sociedades.

II – O SIGNIFICADO DO LAZER

1 O lazer enquanto mecanismo de equilíbrio

Conforme exposto no primeiro capítulo, o processo civilizador resulta não apenas em fatores positivos, mas também em problemas, dos quais derivam necessidades; não obstante, é também verificado que mecanismos são criados e/ou adotados para o suprimento de tais necessidades.

Em relação ao processo civilizador, é factível a interpretação de que se trata de um processo “não-planejado”, “cego”, mas empiricamente verificável – ponto central no qual se apóia a teoria de Elias: o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção específica; contudo, “pessoas isoladas no passado não planejaram essa mudança, essa ‘civilização’, pretendendo efetivá-la gradualmente através de medidas conscientes, ‘racionais’, deliberadas” (ELIAS, 1993, grifo do autor, p. 193). O processo ocorreu, de maneira geral, “sem planejamento algum, mas nem por isso sem um tipo específico de ordem” (ELIAS, 1993, grifo do autor, p. 193). Conforme o que foi verificado em Elias, o controle efetuado através de terceiras pessoas foi convertido, de vários aspectos, em autocontrole, e as atividades humanas mais animais foram progressivamente excluídas do cotidiano e investidas de sentimentos de vergonha, resultando, dessa forma, na regulação – cada vez mais estável, uniforme e generalizada – de toda a vida instintiva e afetiva.

A idéia muito comum de que as formas de vida social e de instituições sociais específicas podem ser explicadas principalmente pela finalidade que encerram para as pessoas que por elas são congregadas não cabe neste contexto eliasiano. Essa idéia dá a impressão de

que as pessoas, compreendendo a utilidade das mesmas, tomaram em algum momento a decisão de viver dessa maneira, e não de outra. Para Elias, essa idéia é uma ficção, e se não houvesse outra razão, bastaria essa para descartá-la como instrumento de pesquisa adequado (ELIAS, 1993, p. 193 et seq.).

Não obstante, de acordo com Elias,

Um dos trabalhos que ainda precisam ser feitos é o de explicar convincentemente a compulsão através da qual certas formas de vida comunal, como, por exemplo, a nossa, surgiram, são preservadas e mudadas. O acesso à compreensão de sua gênese, porém, será bloqueado se pensarmos nelas como tendo acontecido da mesma maneira como as obras e façanhas de indivíduos isolados: pelo estabelecimento de metas específicas ou mesmo por pensamento racional e planejamento. [...] As metas, planos e ações de indivíduos isolados constantemente se entrelaçam umas com as outras. Esse entrelaçamento que, além do mais, prossegue sem cessar de uma geração a outra, não é em si planejado. Não pode ser compreendido em termos dos planos e intenções individuais, nem em termos que, embora não diretamente propositais, são modelados de acordo com modos teleológicos de pensamento. (ELIAS, 1993, 288)

Frente a esse contexto, parece plausível a interpretação de que os numerosos outros processos sócio-históricos obedecem ao mesmo padrão não planejado de desenvolvimento.

O lazer, na condição de utensílio, de objeto utilizado como meio e instrumento para a restauração do equilíbrio emocional em sociedades amplamente rotineiras e padronizadas, pode-se dizer, responde também a esse mesmo padrão: não o plano comum de muitas pessoas, mas algo não-planejado, emergindo da convergência e colisão de necessidades e planos de muitas delas.

Pensando na apresentação dos conceitos eliasianos e, em como eles demonstram a evolução do controle, da padronização e da rotina, tem-se a sustentação para a indicação de que esse processo histórico de longo prazo – pautado na interconexão entre psicogênese e

sociogênese – tem certa influência sobre as atividades de lazer nas sociedades contemporâneas.

O fato é que o lazer é uma das poucas formas de atividades em que os seres humanos adultos podem agir de forma espontânea. Pois, se para as crianças, os impulsos instintivos, emocionais e mentais, assim como os movimentos musculares e os comportamentos a que tudo isso as impele, se encontram ainda completamente inseparáveis, para os adultos, não resta outra coisa a não ser aprender a controlar os seus impulsos para que possam ser considerados normais e se sentirem integrados na sociedade. Neste contexto contemporâneo, poucas são as oportunidades, aceitas socialmente, para os adultos se exporem dessa forma.

Mas, muitos podem se perguntar por que os adultos deveriam agir livremente e não se controlarem na plenitude de suas possibilidades. Também neste ponto, Elias é bastante elucidativo, e expõe o problema da seguinte forma:

Na nossa sociedade, como em muitas outras, faz-se sentir uma necessidade corrente de motivação de fortes emoções que aparecem e, se encontram satisfação, desaparecem, para só voltarem a manifestar-se algum tempo depois. Seja qual for a relação que esta necessidade possa ter com outras necessidades mais elementares como a fome, a sede e o sexo – todos os dados acentuam o fato de que esta representa um fenômeno muito mais complexo, um fenômeno muito menos puramente biológico –, pode bem considerar-se que o desprezo quanto à atenção dedicada a esta necessidade constitui uma das maiores lacunas na abordagem dos problemas da saúde mental. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 136-137, tradução nossa¹)

As atividades de lazer, de uma maneira simples ou complexa, a um nível baixo ou a nível elevado, proporcionam ao homem, ainda que por um breve tempo, “[...] a erupção de

¹ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: Na nossa sociedade, como em muitas outras, faz-se sentir uma necessidade corrente de motivação de fortes emoções que aparecem e, se encontram satisfação, desaparecem, para só voltarem a manifestar-se algum tempo depois. Seja qual for a relação que esta necessidade possa ter com outras necessidades mais elementares como a fome, a sede e o sexo – todos os dados acentuam o facto de que esta representa um fenómeno muito mais complexo, um fenómeno muito menos puramente biológico –, pode bem considerar-se que o desprezo quanto à atenção dedicada a esta necessidade constitui uma das maiores lacunas na abordagem dos problemas da saúde mental.

sentimentos agradáveis fortes que, com freqüência, estão ausentes nas suas rotinas habituais da vida” (ELIAS; Dunning, 1992, p. 137, tradução nossa²).

A função do lazer, por conseguinte, não é simplesmente, como muitas vezes se pensa, “uma libertação das tensões, mas a renovação dessa medida de tensão, que é um ingrediente essencial da saúde mental” (ELIAS; Dunning, 1992, p. 137, tradução nossa³). Por essa razão é que Elias e Dunning fazem menção sobre a complexidade do estudo do lazer, fenômeno em que não estão dissociados fatores ligados ao nível social e os que se encontram nos níveis psicológico e fisiológico.

Com base neste contexto torna-se factível a interpretação de que a maioria das sociedades humanas desenvolve algumas contramedidas em oposição às tensões do stress que elas próprias criam. As sociedades, ao atingirem um nível relativamente avançado de civilização – com relativa estabilidade e com forte necessidade de sublimação – vêem as restrições harmoniosas e moderadas abrangerem toda uma multiplicidade de atividades. As atividades de lazer vão, dessa forma, ter a função de libertação das tensões derivadas das pressões sociais rotineiras.

Como já exposto anteriormente, trata-se de um desenvolvimento não-planejado, emergindo da convergência e colisão de necessidades. Contudo, em virtude de muitas pessoas compartilharem de um mesmo estilo de vida, há a tendência para o desenvolvimento de necessidades comuns. Dessa forma, mesmo não sendo o plano comum dessas muitas pessoas, há certa convergência para a adoção de certas formas de satisfação dessas necessidades. Não obstante, há que se considerar ainda que, as sociedades contemporâneas são muito complexas, com diversos extratos sociais, com diversas formas de vida dentro de um mesmo extrato e

² Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: “[...] a erupção de sentimentos agradáveis fortes que, com freqüência, estão ausentes nas suas rotinas habituais da vida”.

³ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: “uma libertação das tensões, mas a renovação dessa medida de tensão, que é um ingrediente essencial da saúde mental”.

com diferentes formas individuais de se encarar as dificuldades e estresse de cada uma dessas esferas.

Em significativa ligação com essa situação, com a função de satisfação das necessidades que daí emana, tem-se o surgimento de inúmeras atividades miméticas de lazer. Muitas delas, configurando-se tão somente em variações para a satisfação de um mesmo tipo de necessidade, outras, diferenciando-se quanto ao tipo de necessidades a se satisfazer.

A esse respeito, argumentam Elias e Dunning que,

Um dos principais traços fisionômicos das sociedades altamente diferenciadas e abastadas do nosso tempo é o fato de apresentarem uma variedade de atividades de lazer superior a qualquer outra sociedade que se possa imaginar. Muitas dessas ocupações de lazer, entre as quais o desporto nas suas formas de prática ou de espetáculo, são então consideradas como meios de produzir um descontrolo de emoções agradável e controlado. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 73, tradução nossa⁴).

Essa grande variedade de atividades de lazer das sociedades complexas possibilita aos seus indivíduos uma vasta possibilidade de escolhas, e assim:

Uma ou outra podem ser adotadas, de acordo com os temperamentos, constituição física, necessidades libidinais, afetivas ou emocionais. Algumas destas atividades de lazer podem evocar, de forma mimética, arrependimento ou medo, tanto quanto alegria e triunfo, afeição e amor ou ódio. No contexto de uma peça ou de um concerto, de um quadro ou de um jogo, ao permitir-se que estes sentimentos fluam livremente no seu contexto simbólico, alivia-se o fardo global que é inerente à vida das pessoas, fora do âmbito do lazer. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 73, tradução nossa⁵).

⁴ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: Um dos principais traços fisionômicos das sociedades altamente diferenciadas e abastadas do nosso tempo é o facto de apresentarem uma variedade de actividades de lazer superior a qualquer outra sociedade que se possa imaginar. Muitas dessas ocupações de lazer, entre as quais o desporto nas suas formas de prática ou de espetáculo, são então consideradas como meios de produzir um descontrolo de emoções agradável e controlado.

⁵ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: Uma ou outra podem ser adoptadas, de acordo com os temperamentos, constituição física, necessidades libidinais, afectivas ou emocionais. Algumas destas actividades de lazer podem evocar, de forma mimética, arrependimento ou medo, tanto quanto alegria e triunfo, afeição e amor ou ódio. No contexto de uma peça ou de um concerto, de um quadro ou de um jogo, ao permitir-se que estes sentimentos fluam livremente no seu contexto simbólico, alivia-se o fardo global que é inerente à vida das pessoas, fora do âmbito do lazer.

Em síntese, sem instituições sociais que possam proporcionar, por assim dizer, a renovação emocional, a restituição do equilíbrio, que é dinâmico, entre os esforços e rotinas da vida diária nas sociedades contemporâneas – com sua inerente pressão, seus riscos e seus constrangimentos – e as tensões prazerosas de satisfação emocional – também com riscos, mas aqui na perspectiva mimética, na forma de sublimação –, a vida em sociedade vislumbra algumas ameaças, sobretudo, de quebra da estabilidade emocional.

2 A sociedade e a evolução das formas de lazer

As sociedades complexas da contemporaneidade promoveram não apenas uma grande carga cumulativa de stress – a qual se contrabalancearia com atividades quaisquer de lazer. Elas se desenvolveram de tal forma que impuseram padrões de vida amplamente civilizados e tecnologizados – resultado de uma contínua busca por satisfação e geradores de tantas outras necessidades –, que por sua vez afastaram o homem, sobretudo aqueles residentes em grandes centros, de grande parte daquilo que era ou que é inerente à sua constituição humana: uma vida ativa fisicamente, a possibilidade de expressar os seus sentimentos e a convivência com um ambiente natural.

Este contexto se dispõe de forma a fortalecer o ideário de que as atividades de lazer surgem e se aprimoram, se sofisticam e, objetivamente, são criadas para a manutenção do equilíbrio emocional do qual necessitam as pessoas. O surgimento e a aceitação de determinadas atividades de lazer estão diretamente ligados às necessidades vigentes nas sociedades em curso. As atividades de lazer, ao se configurarem numa categoria de atividades em que a restrição rotineira das emoções pode – e predominantemente é o que acontece – ser publicamente reduzida e ter a aprovação social, permitem a leitura de que tais atividades desenvolveram-se como que com uma orientação ao suprimento ou ao atenuar de necessidades específicas. Não obstante, na medida em que as sociedades se tornam mais complexas, com o nível de controle cada vez mais acentuado e com a padronização e a rotina cada vez mais amplamente estabelecidos, o nível de necessidades se modifica, se amplia, se torna mais complexo.

A complexidade das necessidades vigentes nas sociedades hodiernas favorece e/ou estimula o desenvolvimento de novos tipos de atividades miméticas de lazer. Pois, com efeito, de acordo com o que se pôde apreender da teoria eliasiana, o processo civilizador é um

processo não-planejado, e o mesmo se aplica a numerosos outros processos sócio-históricos. O lazer, ou as formas miméticas de lazer, nesse contexto – como o meio e o instrumento para a restauração do equilíbrio emocional – é reflexo desse processo histórico não-planejado, ou seja, resulta da convergência e colisão de necessidades individuais. Este é um ambiente em que há uma estimulação natural para a evolução das formas de lazer.

Para facilitar o estudo deste fenômeno e apontar um caminho para a resolução dos problemas a ele relacionados, Elias e Dunning formularam duas questões: “quais as características das necessidades individuais de lazer desenvolvidas em nossa sociedade?”; e, “quais as características das atividades específicas de lazer desenvolvidas na sociedade para a satisfação das referidas necessidades?” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 116, tradução nossa⁶). Essas questões podem ser consideradas como um norte na resolução dos problemas relacionados ao processo de interdependência entre sociedade e lazer.

De forma a facilitar um exame mais rigoroso, distanciado, porém focado no fator “necessidade”, é destacada a necessidade de um tipo particular de excitação agradável e, na seqüência, proferida a sua eleição ao centro da primeira questão: “[...] pode demonstrar-se que esta necessidade se encontra no fulcro da maior parte das necessidades de diversão”; a excitação é, por assim dizer, “o condimento de todas as satisfações próprias dos divertimentos” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 116, tradução nossa⁷). Já em relação aos objetivos e implicações da segunda questão, Elias e Dunning argumentam que não é tão fácil a sua compreensão. No entanto, esses mesmos autores, versam que

[...] uma das razões por que parece conveniente usar um termo específico para todos os fatos de lazer que podem ser justamente classificados como

⁶ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra, respectivamente: “quais as características das necessidades individuais de lazer desenvolvidas em nossa sociedade?”; e “quais as características das actividades específicas de lazer desenvolvidas na sociedade para a satisfação das referidas necessidades?”.

⁷ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra, respectivamente: “[...] pode demonstrar-se que esta necessidade se encontra no fulcro da maior parte das necessidades de diversão”; e “o condimento de todas as satisfações próprias dos divertimentos”.

miméticos foi o reconhecimento de que todos esses fatos possuem uma estrutura particular que lhes permite satisfazer as necessidades específicas de lazer. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 116, tradução nossa⁸)

Com base no reconhecimento de que a compreensão dos objetivos e implicações das atividades específicas de lazer desenvolvidas para a satisfação das necessidades é algo que envolve certa complexidade, parece factível a interpretação de que também as necessidades específicas de lazer oferecem semelhante complexidade em sua compreensão. Em outras palavras, as atividades de lazer respondem às necessidades específicas de lazer e, portanto, a complexidade está em ambas, ou melhor, no processo de interdependência entre elas.

Apesar de parecer claro que como característica central – ou o fulcro da maior parte das necessidades de lazer, como relatam Elias e Dunning – está a excitação, parece também que em sociedades complexas como as hodiernas há uma série de determinantes que vão influenciar não apenas o tipo de necessidade de excitação, mas também se de um grau menor ou maior, e, por conseguinte, o tipo de atividade para a sua satisfação.

Procede, portanto, que a complexidade das características das necessidades individuais de lazer desenvolvidas nas sociedades contemporâneas responde não apenas à complexidade da própria sociedade, mas também ao estilo de vida imposto por esta. As características das atividades específicas de lazer, desenvolvidas para a satisfação das referidas necessidades, vão responder ao já comentado fulcro comum às necessidades de lazer – a excitação –, como também vão variar em grau de intensidade e complexidade em função de determinantes diretamente ligados ao grau de complexidade das sociedades em que vive cada indivíduo.

Este é o salto que pretende este estudo em relação ao ideário construído por Elias e Dunning. Ou seja, comunga-se plenamente com o fato de se “destacar a necessidade de um

⁸ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: [...] uma das razões por que parece conveniente usar um termo específico para todos os factos de lazer que podem ser justamente classificados como miméticos foi o reconhecimento de que todos esses factos possuem uma estrutura particular que lhes permite satisfazer as necessidades específicas de lazer.

tipo particular de excitação agradável e colocá-la no centro da primeira questão” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 116, tradução nossa⁹). Concorde-se, igualmente, com o fato de que a excitação é, por assim dizer, “o condimento de todas as satisfações próprias dos divertimentos” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 116, tradução nossa¹⁰). No entanto, não parece tão correta a idéia de que – em função desses fatos – a primeira questão possa ser considerada mais simples do que a segunda em relação à compreensão de seus objetivos e implicações. Na verdade, mediante o processo de interdependência entre as questões, ambas gozam de relativa complexidade no que diz respeito a sua compreensão. Mas, com base no desenvolvimento de todo esse contexto, pautado num processo histórico não-planejado, a primeira questão configura-se no ponto chave. Essa – por ser a primeira a existir e, por conseguinte, dar existência à outra – é a questão que se apresenta com maior grau de complexidade, afinal, diz respeito à compreensão das características das necessidades individuais de lazer. Essas necessidades desenvolveram-se – e continuam se desenvolvendo – com base em todos aqueles fatores sobre os quais se constitui o processo civilizador. E, não obstante, as características das atividades específicas de lazer – desenvolvidas para a satisfação dessas necessidades – estão, em essência, ligadas à própria questão das necessidades de lazer geradas por esse processo civilizador.

Com base nesses fatos, intenta-se demonstrar que, não obstante a complexidade maior estar na primeira questão, as características das necessidades individuais de lazer desenvolvidas nas sociedades mais complexas e civilizadas da contemporaneidade vão permitir entender melhor o surgimento de atividades peculiares de lazer. Afinal, as atividades específicas de lazer são criadas, desenvolvidas e reestruturadas pelo homem, e por ele

⁹ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: “destacar a necessidade de um tipo particular de excitação agradável e coloca-la no centro da primeira questão”.

¹⁰ Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: “o condimento de todas as satisfações próprias dos divertimentos”.

escolhidas – entre um grande número de opções – individual ou socialmente motivado¹¹ pelas necessidades que emanam dessas sociedades e de suas diferentes camadas.

Uma vez entendido que as características das atividades específicas de lazer dizem respeito à satisfação das necessidades individuais de lazer, atenção especial deve ser dada às necessidades de lazer vivificadas nas sociedades modernas. Em tais necessidades pode estar a passagem para a compreensão da aceitação e difusão de muitas das atividades de lazer fecundadas nas sociedades hodiernas.

A importância do estudo dessas necessidades é sentida por Elias e Dunning, e por eles atestada, quando discorrem sobre se chegar a um ponto em que seja um hábito falar de lazer como o é falar da estrutura das fábricas ou da família. Ao se chegar a esse ponto, de acordo com os autores, “não será difícil verificar que o fulcro do problema do lazer se encontra na relação da estrutura das necessidades características do lazer, do nosso tipo de sociedades e a estrutura dos fatos designados para a satisfação dessas necessidades” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 117, tradução nossa¹²).

Com base no que foi verificado até aqui, sustenta-se o argumento de que a complexidade característica das sociedades vai predizer, por exemplo, as características das necessidades de lazer de diferentes grupos dentro dessa mesma sociedade.

As necessidades vão se diferenciar em virtude do estilo e ritmo de vida de cada indivíduo dessa sociedade e de suas camadas. Esse é um fator que vai atuar de forma a predizer quais atividades específicas de lazer vão se expandir enquanto formas de satisfação de necessidades e atividades de excitação e prazer.

¹¹ É preciso pensar na motivação social influenciada não apenas pelo estilo de vida das pessoas em um mundo industrializado e vertiginoso – ponto central para o entendimento daquilo que aqui se tem tentado expor. Mas, também em relação à mídia, pois é também um fator de grande relevância. A constituição social e econômica das sociedades de hoje recebem uma grande influência do poder midiático. Tal influência não pode deixar de ser levada em consideração: esse poder tem, por excelência, a capacidade expandir, dinamizar e direcionar as necessidades e as formas de satisfazê-las.

¹² Traduzido da versão portuguesa cuja parte assim se encontra: “não será difícil verificar que o fulcro do problema do lazer se encontra na relação da estrutura das necessidades características do lazer, do nosso tipo de sociedades e a estrutura dos factos designados para a satisfação dessas necessidades”.

As necessidades específicas de lazer são peculiares a cada indivíduo, mas a similitude no estilo de vida das pessoas em uma mesma sociedade ou camada desta sociedade faz com que haja uma semelhança no sentimento dessas necessidades e na forma encontrada para satisfazê-las.

O tipo de vida das pessoas nas sociedades hodiernas e a sua diferenciação ao longo do processo civilizador muito têm a dizer sobre as características das necessidades individuais de lazer, assim como também sobre as características das atividades de lazer criadas para a satisfação dessas necessidades.

3 O surgimento de necessidades

De acordo com o que se pôde acompanhar até este momento, as sociedades modernas se desenvolveram de tal forma que impuseram padrões de vida amplamente civilizados. Esses padrões, por sua vez, levaram parcelas populacionais a se distanciarem de um padrão de vida ativa fisicamente e também da possibilidade de expressar os seus sentimentos de forma espontânea. Não obstante, é factível a interpretação de que a vida em sociedade vem sofrendo influência não apenas desses aspectos do processo de civilização, mas, também, do conseqüente processo de modernização. Com isso, parcelas consideráveis de indivíduos se encontram também cada vez mais distanciadas de um ambiente natural.

Ao argumentar sobre as mudanças verificadas nos modos de vida produzidos pela modernidade, Giddens também se aproxima do que aqui vem sendo construído. Na tentativa de identificar as descontinuidades que separam as instituições sociais modernas das ordens sociais tradicionais, este autor destaca, entre outras coisas, o ritmo de movimento que a era da modernidade impõe. Para Giddens (1991, p. 15-16), a rapidez da mudança em condições de modernidade é extrema, o escopo da mudança, ou seja, as diferentes áreas do globo são postas, cada vez mais, em interconexão e, em função disso, “ondas de transformação social penetram através de virtualmente toda a superfície da Terra”. De acordo com Giddens, a natureza intrínseca das instituições modernas põe em vigor formas sociais sem precedentes.

Giddens discute ainda o que ele chama de dois lados da modernidade: “o lado da oportunidade” e o “lado sombrio”. Olhando pelo lado do grande número de oportunidades desencadeado pela modernidade acreditava-se que “as possibilidades benéficas abertas pela era moderna superavam suas características negativas” (GIDDENS, 1991, p. 16-17). Porém, os estudos de Giddens, assim como de outros sociólogos, mostram que essa superação não aconteceu.

Olhando pelo lado sombrio, o que se verifica são as conseqüências degradantes da disciplina a um labor maçante, repetitivo. Essas conseqüências, somadas ainda ao uso desmedido do poder político, associado ao poder militar e principalmente ideológico, dão a essa era uma característica de repressão social bastante acentuada. A pressão oriunda das formas de trabalho e de vida em sociedade conforma-se em aspectos absolutamente relevantes no que se refere à compreensão dessas sociedades. A evolução das pressões e repressões derivativas da vida social moderna e da rotina laboral é colocada em evidência nos estudos de Giddens.

O lado sombrio, como apontado por Giddens, age de forma negativa na vida de cada indivíduo das sociedades modernas. E, não obstante, mesmo o lado das oportunidades, das inúmeras oportunidades, colabora para o sentimento de não compreensão da totalidade que rodeia a todos na modernidade, para a sensação de se estar solto em um universo fora de controle – semelhante ao retratado nos relatos de Berman sobre o herói da novela *A Nova Heloísa*.

Sensibilidade semelhante em relação a este contexto é encontrada em Gilberto Freyre. Em *Além do Apenas Moderno*, este autor – colaborando com aquela idéia resgatada em Elias e Dunning a respeito da saúde mental pautada no equilíbrio entre as atividades de não lazer (rotineiras e carregadas de pressões e cerceamento emocional) e as atividades de lazer (responsáveis pela quebra da rotina e pelo vivenciar de excitações miméticas de fortes emoções e tensões prazerosas) – vai mostrar que

[...] o moderno homem civilizado, vivendo sob um sentido de tempo e dentro de um ritmo de vida matematicamente físico e, por conseguinte, uniformemente fluente, que impõe a todos os membros de uma comunidade, sob esse jugo uniformemente fluente, compromissos de caráter quantitativamente exatos, resultaria [...] em doenças cardíacas e das artérias, das quais os não-civilizados se resguardariam pela sua diferente concepção das relações de compromissos sociais – sempre retardáveis, sempre adiáveis – com aquele tempo quantitativamente exato e, por isto mesmo, angustiante, inquietante, policialesco até, para usarmos caricaturalmente expressão já

antropológica para retratar o moderno homem civilizado como submetido, em sua vida, às constantes imposições de cassetete de um polícia disfarçado em ponteiro de relógio, que o obrigasse a uma sucessão de atos em desacordo com seus pendores, quer de ordem fisiológica, quer de caráter emocional. (FREYRE, 1973, p. 113)

Freyre, não obstante a colaboração na objetivação da sensibilidade¹³ em questão, traz à tona um outro dado bastante peculiar da modernidade, o “tempo”. A dinamização do tempo é, sem dúvida, um fato bastante elucidativo da modernidade. Os relógios, as agendas, os horários marcados, todos esses instrumentos relacionados ao tempo são hoje uma exigência da qual quase ninguém consegue se desvencilhar. A consciência do tempo e dos meios humanos de orientação está tão interiorizada que imaginar a vida sem eles configura-se numa tarefa bastante difícil.

É com base nesses fundamentos, e outros mais, que Elias desenvolveu todo um estudo *Sobre o Tempo*¹⁴. A palavra “tempo”, de acordo com os relatos de Elias,

[...] designa simbolicamente a relação que um grupo humano, ou qualquer grupo de seres vivos dotado de uma capacidade biológica de memória e de síntese, estabelece entre dois ou mais processos, um dos quais é padronizado para servir aos outros como quadro de referência e padrão de medida. Alguns processos caracterizados por um desenrolar contínuo, como a maré montante e a maré descendente, ou o nascer e o pôr do Sol ou da Lua, podem desempenhar esse papel. Quando os homens consideram que esses processos naturais são imprecisos demais para servir às finalidades que eles lhes destinam, resta-lhes a opção de construir padrões de medidas mais exatos e mais confiáveis. Os relógios não são outra coisa se não “contínuos evolutivos”, processos físicos dotados de um desenrolar contínuo, elaborados pelo homem e padronizados em algumas sociedades para servir de quadro de referência e escala de medida a outros processos de caráter social ou físico. (ELIAS, 1998b, p. 39-40)

¹³ Por sensibilidade entenda-se a abertura à descobertas, pois, como disse Elias (1992, tradução nossa, p. 41): “o que legitima uma investigação científica não é o método mas, sim, a descoberta”. Para efeito de esclarecimentos: a colocação de Elias está vinculada a uma crítica que o autor faz à disputa de poder dentro das ciências e as tentativas de universalização de métodos, sobretudo, daqueles vindos das ciências naturais. Para Elias, o conhecimento e a descoberta dentro do campo da sociologia podem ser alcançados com métodos bastante diferentes daquelas utilizados por estas ciências. O caminho, segundo Elias, é uma constante fertilização cruzada entre o raciocínio teórico e a investigação empírica. Raciocínio teórico é o que se vem construindo, pautado na mencionada sensibilidade.

¹⁴ Na obra *Sobre o Tempo* Norbert Elias mostra sua vasta exploração do tempo ao longo das eras, e nos convida a refletir sobre esse aspecto fundamental do processo civilizador.

O relógio, um objeto comum nas sociedades modernas, para além de um instrumento utilizado como escala de medida, simboliza não apenas o ritmo caótico, matematicamente padronizado, rotineiro e patológico da vida moderna, mas também a maneira contemporânea de pensar a “humanidade” e a “natureza”, ou seja, como objetos distintos.

De acordo com Elias (1998b, p. 70), “adquirimos o hábito de dividir o universo, conceitualmente, segundo as linhas divisórias dos diferentes campos universitários de especialização”.

Nesse sentido, Elias relata que:

A dicotomia “natureza e sociedade” não é senão um dos inúmeros exemplos desse tipo, mas revela com muita clareza as insuficiências de tal conceituação. Na medida em que dá a impressão de que esses dois campos seriam não apenas existencialmente diferentes, mas também, de certo modo, antagônicos e irreconciliáveis, tal conceituação impede de antemão qualquer pesquisa que se refira à relação entre o que chamamos “natureza” e o que chamamos “sociedade”. Esses dois campos são colocados como independentes um do outro, como independentes gostariam de ser os grupos de especialistas que se dedicam ao estudo de um ou do outro. Na realidade, a humanidade, e portanto, também a “sociedade”, a “cultura” etc., não são menos “*naturais*” nem menos integrantes de *um único e mesmo* universo do que os átomos ou as moléculas. De fato, a “humanidade” e a “natureza” não diferem existencialmente uma da outra, no sentido como levaria a crer nossa maneira contemporânea de falar e pensar. (ELIAS, 1998b, p. 70-71)

A evolução tecnológica, para além das soluções, desenvolve também problemas inerentes ao tipo de vida que passa a embasar. Neste aspecto em particular, a lua, o sol, as estrelas não significam mais nada para o homem moderno no que se refere a parâmetros de tempo. Mais do que isso, o homem muito pouco se apercebe da existência deles. A compreensão contemporânea, de um modo geral, passa a ser de distinção entre humanidade e natureza.

Tal fato pode tanto ser compreendido pelo afastamento natural entre o homem e a natureza no percurso do processo de modernização e avanço tecnológico, quanto pelas

mudanças que tais fatos incutiram no homem moderno no que se refere à compreensão do tempo e também à necessidade de otimização desse tempo.

Ainda em relação à vida cronometrada e aos avanços tecnológicos e problemas derivativos desse processo, Gilberto Freyre aponta a importância da colaboração do Professor Northrop¹⁵. A obra de Northrop considera como dado empírico os hospitais, que “nos modernos países de mais adiantada civilização técnica, estão sobrecarregados de doentes mentais, de esquizofrênicos e de enfermos do sistema vascular” (FREYRE, 1973, p. 115-116). Com tais considerações, Northrop alerta, de acordo com os escritos encontrados em Freyre, para a

[...] necessidade do moderno homem civilizado assimilar à sua mentalidade matematicamente e mecanicamente exigente de precisão e socialmente exigente de exatidão no cumprimento de obrigações assim matemática e mecanicamente condicionadas, o que ele chama os “valores e os modos de sentir, de pensar e de proceder mais intuitivos, emotivos e impressionisticamente estéticos” [...] das sociedades e das culturas não-civilizadas, assim como das civilizadas do Oriente. (FREYRE, 1973, p. 115)

De acordo com Freyre, devidamente apoiado em Northrop, como demonstrado acima, povos menos adiantados no que se refere à modernidade, e que mantêm suas raízes, suas culturas, têm muito que ensinar aos que,

[...] tendo a eles se adiantado em aspectos tecnológicos da civilização, de tal modo associaram sua tecnologia, sua economia, sua convivência, ao sentido cronométrico e, por conseguinte, apenas mecânico, de tempo que, estabilizando-se em modernices crescentemente arcaicas – por mais que se proclamem modernas – perderam quase de todo a capacidade de viverem ludicamente o tempo livre. Parte em que – repita-se – podem receber lições dos tecnologicamente retardados povos ibéricos. Tecnologicamente retardados mas, por isto mesmo, senhores de vastas reservas de cultura folclórica, dentro da qual se conservam danças, músicas, jogos, saudáveis tanto do ponto de vista sociológico como do ponto de vista médico; e capazes de serem adaptadas a situações modernas, em correspondência com

¹⁵ Em referência à obra de Northrop, Freyre vai dizer que não é advertência que se despreze. De acordo com Freyre, Northrop é organizador de uma das mais importantes obras coletivas de caráter sociológico publicada nos últimos decênios – *Ideological Differences and World Order* (Nova Iorque, 1959).

a crescente necessidade que experimentam as sociedades civilizadas, de matéria lúdica, festiva, recreativa, com que encham o seu crescente tempo livre – admitindo-se o maior número de participantes nessas expansões de caráter lúdico – em vez de nos entristecermos em sociedades de apenas passivos espectadores de grandes jogos de futebol. Jogos para multidões imensas, porém inermes; de torneios de volibol; de corridas de automóvel. (FREYRE, 1973, p. 115)

As palavras de Freyre sintetizam de forma bastante rica esse lado negativo do avanço tecnológico e da modernidade. Auxiliam também na fundamentação de que esse avanço é desencadeador de necessidades específicas e de que o suprimento destas necessidades exige atividades miméticas também específicas.

É preciso dizer que não é a intenção fazer parecer que os grandes espetáculos esportivos não têm, de forma alguma, dentro da esfera do lazer, os fundamentos da catarse verificada anteriormente. Parece claro que espetáculos dessa natureza se enquadram dentro da esfera mimética e, por conseguinte, produzem aquela renovação emocional a que se deteve este estudo anteriormente. Mas, também é preciso não deixar passar em branco a diferença, que não é pequena, entre formas de lazer em que somos tão somente espectadores ou tele-espectadores e formas de lazer das quais participamos ativamente.

A passividade, para além do lazer, está presente em todo o contexto da modernidade. Uma significativa parcela deste contexto, é expressa por Richard Sennett (2003b, p. 273) ao lembrar a poesia de Baudelaire:

[...] a velocidade exprime uma experiência frenética; o cidadão urbano, homem ou mulher, vive apressado, quase histérico. Realmente, no século XIX, a rapidez assumiu uma característica diferente em virtude das inovações técnicas introduzidas nos transportes, a fim de dar maior conforto ao viajante. Hoje, essa é uma condição que associamos a descanso e passividade, mas foi só aos poucos que a tecnologia transformou o movimento numa experiência passiva. O corpo em movimento, anda para trás, do ponto de vista social.

A esta colocação de Sennett é pertinente acrescentar que o corpo em movimento anda para trás muito mais do que apenas do ponto de vista social. De acordo com o que se pôde observar e discutir até o momento, o corpo anda para trás também do ponto de vista da saúde física e também mental ou emocional, culminando, inevitavelmente, no social.

Um dos resultados desse longo e complexo processo histórico não-planejado – o processo civilizador, acompanhado de todo o seu potencial modernizador – é uma complexidade bastante acentuada de necessidades específicas. Essas necessidades dizem respeito à busca – também naquele contexto não-planejado – de equilíbrio para todos esses problemas e distúrbios aqui abordados.

Considerando-se todos esses problemas – de ordem emocional, e ligados também à saúde mental e física dos integrantes das sociedades contemporâneas – o que resulta é o fortalecimento do entendimento de que a evolução dessas necessidades em direção a uma maior complexidade resulta também na diferenciação das atividades miméticas de lazer na mesma direção.

4 A modernidade e a evolução das necessidades de lazer

Conforme trabalhado ao longo deste estudo, o processo civilizador direcionou a sociedade rumo a uma existência pautada no controle e autocontrole, e rotinas que diminuem de forma bastante significativa as possibilidades de experiências emocionais de relativa satisfação. A modernidade trouxe ainda consigo todo o avanço tecnológico que, por sua vez, para além do empobrecimento emocional, expôs a sociedade humana a um empobrecimento físico/motor. A evolução das sociedades e o crescente avanço tecnológico, se, por um lado, têm uma significação bastante positiva, por outro, revelam alguns aspectos que se apresentam, simultaneamente, de forma bastante negativa.

A necessidade e a insatisfação¹⁶ foram motivos para que o homem, ao longo de seu percurso histórico, produzisse profundas transformações na sociedade e no meio em que se instalava. O modo de vida das sociedades contemporâneas, em conseqüência, atingiu padrões de sofisticação e de civilização bastante avançados. Nesse sentido, o contato do homem com muito daquilo que por muito tempo foi natural, hoje é um passado que parece muito distante.

Se os avanços da sociedade proporcionam comodidades como nunca antes existiram na história da humanidade, também sujeita essa humanidade – e esta se acomoda – a viver um mundo muito mais representado do que um mundo vivido, um mundo em que os

¹⁶ O termo “sociedade insatisfeita”, como observado por Agnes Heller, foi cunhado para destacar um traço conspícuo da identidade ocidental. De acordo com a autora, “a idéia de ‘sociedade insatisfeita’ busca captar a especificidade de nossa época mundial da perspectiva das *necessidades* ou, mais particularmente, da criação, percepção, distribuição e satisfação das necessidades” (HELLER, 1998, p. 29). As observações feitas pela autora sugerem que a forma moderna de criação, percepção e distribuição de necessidades reforça a insatisfação, independente – e este é um dado que particularmente merece destaque – de alguma necessidade concreta ser ou não de fato satisfeita. Não obstante, sugere a autora que uma insatisfação geral “atua como uma vigorosa força motivacional na reprodução das sociedades modernas” (HELLER, 1998, p. 29). Dito isto, segue-se que: “[...] se as pessoas deixassem de se sentir insatisfeitas com sua sorte – sua riqueza material, posição social, relações pessoais, conhecimento e desempenho, de um lado, e, do outro, suas instituições, organizações sociais e políticas, e a condição geral de tudo no mundo – a sociedade moderna não mais poderia reproduzir-se” (HELLER, 1998, p. 29).

indivíduos se satisfazem muito mais como espectadores e tele-espectadores do que como atores.

É em função dessa alienação que Guy Debord se manifesta com relativo protesto em sua obra *A Sociedade do Espetáculo*. Para Debord (1997, p. 13), “toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos”. Ou seja, “tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação”. De acordo com Debord, “o espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não-vivo”. Esse tipo de situação é algo que também se poderia chamar – em analogia àquela situação expressa por Sennet¹⁷ – como o “andar para trás” de um corpo em movimento na sociedade moderna.

Com o devido amparo nos escritos de Debord (1997, p. 15), é verificada a improdutividade ou, impossibilidade, de se fazer uma oposição abstrata entre o espetáculo e a atividade social efetiva, pois “esse desdobramento também é desdobrado” (DEBORD, 1997, p. 15). Com efeito, o espetáculo que inverte o real é “efetivamente um produto”. E, ao mesmo tempo, “a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retoma em si a ordem espetacular à qual adere de forma positiva”. Dessa forma estabelecida, cada noção só se fundamenta em sua passagem para o oposto: “a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real”. E, não obstante, “essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente”.

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte. (DEBORD, 1997, p. 24)

¹⁷ Cf. nesta mesma obra.

O espetáculo na sociedade, de acordo com Debord, corresponde a uma fabricação concreta da alienação, é o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação, publicidade, propaganda etc – o espetáculo constitui o modelo atual do modo de vida dominante nas sociedades modernas. Dessa forma, este é um aspecto que atua na forma de afirmação onipresente da escolha, e do consumo que decorre dessa escolha.

Ao considerar os aspectos relacionados à “sociedade do espetáculo” – e por que não dizer “sociedade de consumo”, apontada por este estudo como o ápice do processo civilizacional –, não há como não pensar as atividades de lazer neste contexto. Não dá para negar que essas atividades também respondem a essa lógica. Possivelmente, muitas das pessoas que procuram por atividades deste tipo o fazem condicionadas pela lógica do espetáculo e do consumo. Parece evidente que a publicidade e a propaganda por detrás dessas atividades – como de outras quaisquer – impulsionam a sua prática. Contudo, com base em todo o referencial a respeito das necessidades humanas frente aos modos de vida amplamente condicionados e aos quais todos estão submetidos, parece que a propaganda a respeito dessas atividades tem neste contexto um fator de facilitação. Não obstante, parece também que o fator alienante observado na descrição da “sociedade do espetáculo” é mais um fator que impulsiona a busca por atividades como essas, ou seja, esse contexto é, por si só, um fator de natural estimulação de necessidades de atividades reais de efetiva satisfação.

Em conformidade com a linha de pensamento adotada para este estudo e com a compilação aqui realizada sobre todos esses aspectos da modernidade, Fritjof Capra¹⁸ presta

¹⁸ Fritjof Capra é autor de *O Ponto de Mutação*. Neste livro o autor vai nos mostrar que a dinâmica subjacente aos principais problemas de nosso tempo – o câncer, o crime, a poluição, o poder nuclear, a inflação, a carência de energia – é sempre a mesma. Ou seja, chegamos a uma época de mudança dramática e potencialmente perigosa, um ponto de mutação para o planeta como um todo. Estamos precisando de uma nova visão da realidade, que permita que as forças que estão transformando o nosso mundo possam fluir como um movimento positivo de mudança social.

também o seu auxílio ao se referir à visão cartesiana mecanicista do mundo e à influência poderosa que esta exerce sobre todas as ciências e, em geral, sobre a forma de pensamento ocidental. De acordo com este autor,

O método de reduzir fenômenos complexos a seus componentes básicos e de procurar os mecanismos através dos quais esses componentes interagem tornou-se tão profundamente enraizado em nossa cultura que tem sido amiúde identificado com o método científico. Pontos de vista, conceitos ou idéias que não se ajustavam à estrutura da ciência clássica não foram levados a sério e, de um modo geral, foram desprezados, quando não ridicularizados. Em consequência dessa avassaladora ênfase dada à ciência reducionista, nossa cultura tornou-se progressivamente fragmentada e desenvolveu uma tecnologia, instituições e estilos de vida profundamente doentios. (CAPRA, 1999, p. 226)

Em momentos anteriores do presente estudo foi feita referência à saúde mental e à sua relação com o tipo de vida que se leva nas sociedades modernas, primeiro com amparo em Elias e depois em Freyre. Uma vez mais, parece não ser ilícita a ponderação, também nesse sentido, de que os argumentos de Debord a respeito da alienação, da vida fora da realidade nas sociedades modernas, estejam, implicitamente, ligados à referida saúde mental trabalhada por Elias e por Freyre. Essas considerações atestam, igualmente, a legitimidade do caminho adotado para o estudo do significado do lazer nas sociedades contemporâneas.

Nas teóricas apreciações de Capra, os apontamentos também convergem nesse sentido, pois discorrem, igualmente, sobre os desequilíbrios resultantes dos modos de vida modernos. Com efeito, conforme argumenta Capra,

[...] a experiência de nos sentirmos saudáveis (*bealby*) envolve a sensação de integridade física, psicológica e espiritual, um sentimento de equilíbrio entre os vários componentes do organismo e entre o organismo e seu meio ambiente. Essa sensação de integridade e equilíbrio perdeu-se em nossa cultura. A visão fragmentada, mecanicista, do mundo, que se estendeu por toda parte, e o sistema de valores unilateral, sensualista e de “orientação yang”, que constitui a base dessa visão de mundo, redundaram num profano desequilíbrio cultural e geraram inúmeros sintomas doentios. (CAPRA, 1999, p. 226)

O posicionamento de Capra configura-se não apenas num apoio para o pensamento que estimula este estudo, mas também contribui para o entendimento que aqui se objetiva. A vida moderna pressupõe e praticamente impõe uma existência desarmônica, não apenas internamente em se considerando a integridade física, psicológica e espiritual, mas também de caráter externo, uma vez que se caminha cada vez mais para o desequilíbrio no que diz respeito à integração com o meio ambiente.

A problemática relacionada à ligação entre o homem e a natureza é um dos aspectos ligados a este avanço das sociedades. O avanço da tecnologia, em particular, atua de forma co-responsável na geração de algumas necessidades próprias da modernidade – muitas delas relacionadas a este distanciamento da natureza.

Este é um ponto fundamental para entender o processo. O fato é que o ser humano tem diversos tipos de relação com a natureza. Cada um deles depende do momento histórico – variável tempo – e do geográfico – variável espaço. O ser humano, dentro de seu processo de evolução histórica, pode ser compreendido, e se compreende – ou seja, ele é o que é – sempre em relação à natureza. Pois, no contexto desse processo histórico, a relação homem/natureza, pode ser vista e vivida de formas diferentes, tanto por um indivíduo como por um grupo sócio-cultural, dependendo do momento histórico e do lugar em que estejam inseridos.

Durante o processo histórico de desenvolvimento da humanidade, “a maioria dos inimigos não-humanos da humanidade foi dominada ou aniquilada” (ELIAS, 1998a, p. 42). E, assim, “os perigos de origem não humana na Terra vêm sendo progressivamente submetidos ao controle humano” (ELIAS, 1998a, p. 42). A humanidade vem impondo a sua supremacia ao ambiente terrestre.

Um exemplo para a construção dessa idéia é o fato de que para algumas culturas no mundo, e em determinada época, a natureza adquiriu o caráter de um todo envolvente, um útero que abrigava de maneira absoluta a cada ser individual e toda a sociedade. As

manifestações da natureza (raios, trovões, maremotos, vulcões etc.) e fatores a ela ligados (frutos, alimentos, calor, frio, abundância, escassez etc.), naquele momento em específico, eram entendidas como expressões da mãe natureza e tinham um significado muito mais expressivo para aquela sociedade do que têm hoje para as sociedades hodiernas. Inconstâncias da natureza podiam significar um longo período de escassez e fome, coisa que hoje se encontra sob um controle bastante eficiente.

O homem percebia-se como parte integrante da natureza e intimamente ligado a ela. Mas, este tipo de relação com a natureza, esta convergência, como se pode observar através da história do processo civilizador, tende a mudar quando o desenvolvimento da tecnologia permite ao homem realizar algumas conquistas sobre esta natureza. As culturas modernas passam a se fundamentar – ao contrário do que antes se verificava – na oposição entre homem e natureza. A natureza passa a ser vista como algo do qual era necessário extrair suas leis de funcionamento para dominá-la e torná-la útil para o homem. Todo o conhecimento passa a ter a finalidade de colocar o homem numa posição de superioridade em relação a essa natureza. O homem passa então a senhor da natureza ao invés de temente a ela. O homem moderno passa assim a criar artificialmente o curso da natureza e a estabelecer a sua própria história.

E como nos mostra Bruhns(1997, p. 90), nos dias de hoje,

A possibilidade de se vivenciar a experiência do contato com a natureza torna-se cada vez mais distante, afastando a sensibilidade das pequenas emoções do cotidiano, como uma simples chuva, a qual não mais se constitui numa aventura, sendo mal percebida ou tornando-se somente um ruído nos compartimentos fechados de trabalho.

Não há intenção aqui de dizer que a evolução tecnológica e possíveis controles das intempéries por ela alcançados são vistos de forma negativa. O que se busca é mostrar que – apesar de todos os aspectos positivos que possam ser possíveis de observação, e sem dúvida

o são – há, em meio a toda essa geração de satisfação, a geração de algumas insatisfações ou, necessidades, que nascem desse mesmo processo.

Este processo se inicia, por assim dizer, com a necessidade de preservação da própria espécie humana – fato que o legitima, isso é inegável. Contudo, a apropriação dos pensamentos dos autores que aqui fundamentam este estudo, proporciona a visualização de contrapontos desse processo de evolução civilizatória e tecnológica. Em Elias, devidamente apoiado por Dunning, verificou-se como este processo civilizador pode ser um fator de empobrecimento emocional; em uma linha bastante próxima, Freyre confirma tais posicionamentos; e em aspectos mais particulares, mas diretamente relacionados ao problema em questão, também colaboram para a depuração do problema: Giddens, Sennet, Debord e Capra. Este último reafirma que

O excessivo crescimento tecnológico criou um meio ambiente no qual a vida se tornou física e mentalmente doentia. Ar poluído, ruídos irritantes, congestionamento de tráfego, poluentes químicos, riscos de radiação e muitas outras fontes de estresse físico e psicológico passaram a fazer parte da vida cotidiana da maioria das pessoas. (CAPRA, 1999, p. 226)

Esses pontos negativos do processo de modernização dão à tecnologia um aspecto de dualidade contextual, uma dicotomia que a ela passa a ser intrínseca. Se, por um lado, os alcances proporcionados pelo avanço tecnológico, como conforto e segurança – não apenas em relação ao controle do meio natural, mas em todos os sentidos –, conduzem o homem, progressivamente, ao afastamento do meio natural, culminando em um quase total desconhecimento desse meio e conseqüente medo de muito do que antes era para ele natural; por outro, subjuga esse mesmo homem a uma necessidade crescente de restabelecimento de contato com essa natureza. Essa necessidade ganha força na necessidade do contato com a natureza em si e em todo o contexto mimético de excitação prazerosa que este meio passa a encerrar em si.

Todos esses fatores tendem a legitimizar o ideário de que as atividades miméticas de lazer foram – ao longo desse processo civilizador não-planejado – forçosamente encorajadas – também de forma não-planejada, como que ao acaso, pautadas por estímulos – a se desenvolverem. Não obstante, todo esse contexto de evolução das necessidades específicas de lazer, segundo aponta este estudo, converge para a eleição de um tipo específico de atividade em que tais necessidades podem ser satisfeitas: as atividades físicas de aventura na natureza – AFANs. Essas atividades miméticas têm a condição, por excelência, para a satisfação das necessidades que surgiram e/ou se desenvolveram na modernidade.

As AFANs – na condição de atividades miméticas – surgiram, se desenvolveram e se estabelecem significativamente enquanto atividades de lazer porque proporcionam de forma bastante satisfatória o suprimento de todo o elenco de necessidades que se reafirmam cada vez mais na modernidade – concomitantemente. Como verificado, a contemporaneidade caminha para a inatividade física, um acentuado controle das emoções e um afastamento cada vez maior do ambiente natural. As AFANs – na condição de alternativa para o restabelecimento do equilíbrio emocional – possibilitam o reencontro com a natureza e um ambiente desafiador dentro de uma esfera mimética, tanto do ponto de vista emocional, quanto do ponto de vista físico/motor, estimulando em ambos os casos uma excitação prazerosa.

Com base em todos esses aspectos funda-se o entendimento de que as recém desenvolvidas Atividades Físicas de Aventura na Natureza – AFANs se caracterizam como fenômenos desenvolvidos para a satisfação de necessidades que surgiram como o resultado do processo de civilização e modernização. As AFANs caracterizam-se, assim, como o aprimoramento e institucionalização de atividades voltadas para a satisfação das necessidades humanas.

III – As AFANs

1 **Atividades Físicas de Aventura na Natureza – AFANs**

As atividades físicas de aventura na natureza, factualmente, são atividades miméticas que, sob diversos aspectos, encontram-se em ligação com o que foi verificado acerca do processo de civilização, da modernização e das necessidades desencadeadas por essa evolução. Resumidamente, porque o alto grau de controle, a rotina e a inatividade física fundamentam a necessidade de atividades miméticas que proporcionem um desafio físico/motor e emocional.

Primeiramente na condição de atividades esportivas, e mais tarde como produtos de consumo dentro da esfera do turismo, estas atividades vêm apresentando uma significativa expansão. Dentro da primeira esfera encontram-se ao alcance de um público reduzido – mas também em expansão: apenas para esportistas com relativo conhecimento das técnicas e com destreza física. Já na segunda, essas atividades estão disponibilizadas para todos – desde que se possa pagar por elas –, independentemente de habilidade físicas ou conhecimento das técnicas.

Essas novas atividades constituem um conjunto de práticas que surgiram nos países desenvolvidos, na década de 1970. Elas se estenderam e se desenvolveram na década seguinte e se consolidaram na atualidade ao caírem no gosto e no hábito da sociedade hodierna.

Em conjunto com a propagação dessas atividades é também verificado o aparecimento de diversos nomes genéricos, todos eles com a pretensão de definir e generalizar este universo de novas práticas. As denominações encontradas têm como base as

características mais notáveis que definem essas atividades, e foram criadas com a intenção de delimitar de maneira genuína e precisa este emergente setor.

Em um levantamento realizado por Betrán¹ foram encontradas algumas várias denominações para o objeto em questão. As denominações mais usualmente relacionadas às atividades físicas de aventura praticadas na natureza, segundo a pesquisa dirigida pelo autor, são:

[...]“novos esportes” atendendo ao caráter inovador, diferente e alternativo destas modalidades em relação ao esporte, considerando estas como um segmento que evoluiu a partir do esporte clássico; “esportes de aventura”, em relação à busca da incerteza e do risco em contraposição com a tendência do esporte em reduzir sistematicamente a incerteza domesticando o espaço de jogo; “esportes tecnocológicos”, em clara mostra da simbiose de tecnologia e natureza, imprescindível para a referida prática; “esportes em liberdade”, em atenção à mínima sujeição às normas regulamentares, à mínima institucionalização, à inexistência de entidades oficiais ao estilo das federações esportivas que regulem a atividade e as amplas possibilidades de prática no meio natural; “esportes californianos”, em expressa indicação à origem de algumas práticas que conformam este âmbito; “esporte selvagem”, para remarcar o caráter natural, aberto e incerto de sua prática em oposição ao estruturado e civilizado esporte; “atividades deslizantes de aventura e sensação na natureza”, em razão de quatro parâmetros básicos que confluem na grande maioria delas: seu desenvolvimento no meio natural, o caráter deslizante de suas práticas, a produção de sensações corporais e o sentido de aventura que imprime a sua realização em grande parte de seus praticantes; “atividades esportivas de recreação e turísticas de aventura”, segundo a denominação oficial da Generalitat de Catalunya na qual se incide especialmente os termos recreação e turismo, reincidindo no ultrapassado conceito de esporte. (BETRÁN, 1995, p. 5, tradução nossa²).

¹ A referência em questão diz respeito a um texto introdutório de Javier Olivera Betrán, coordenador do dossiê a respeito das atividades físicas de aventura na natureza. Este dossiê é constituído de nove trabalhos de base conceitual e seis trabalhos com base em estudos empíricos. Trata-se de um trabalho único envolvendo o objeto em questão e está compilado na Revista Apunts: educación física y deportes. Barcelona: Institut Nacional d'Educació Física de Catalunya, n. 41, jul. 1995.

² Traduzido do espanhol cuja frase assim se encontra: [...]“nuevos deportes” atendiendo a su carácter innovador, diferencial y alternativo de dichas modalidades con respecto al deporte, siendo consideradas como una rama evolutiva del deporte clásico; “deportes de aventura”, en referencia a la búsqueda de incertidumbre y riesgo en contraposición con la tendencia del deporte de reducir sistemáticamente la incertidumbre domesticando el espacio de juego; “deportes tecnocológicos”, en clara muestra de la simbiosis de tecnología y naturaleza, imprescindible para poder practicar-se; “deportes en libertad”, en atención a la mínima sujeción de normas reglamentarias, la ínfima institucionalización, la inexistencia de entes oficiales al estilo de las federaciones deportivas que regulen la actividad y las amplias posibilidades de práctica en el medio natural; “deportes californianos”, en expresa indicación al origen de algunas prácticas que conforman este ámbito; “deporte salvaje”, para remarcar el carácter natural, abierto e incierto de su práctica en oposición al estructurado y civilizado deporte; “actividades deslizantes de aventura y sensación en la naturaleza”, en razón a cuatro parámetros básicos que confluyen en la gran mayoría de ellas: su desarrollo en el medio natural, el carácter deslizante de sus prácticas, la producción de sensaciones corporales y el sentido de la aventura que imprimía su

Ao analisar cada um dos nomes dirigidos às atividades de aventura – os quais são propostos por autores diversos, agências oficiais e associações particulares – observa-se que em todos eles há a tentativa de definir e/ou traduzir, em larga medida, a natureza e as características deste tipo de atividade. É também factível o entendimento de que cada um dos rótulos garante uma visão distinta e verdadeira dessas atividades, porém, complementar no retrato deste fenômeno.

De certa forma, o grande número de nomes que se propõem à definição e entendimento das atividades em questão acaba gerando certo incômodo conceitual. No Brasil, recentemente se desenvolveu um *Relatório Diagnóstico*³ do turismo de aventura no país. A estrutura deste relatório diagnóstico apresenta, inicialmente, uma conceituação do turismo de aventura, seu desenvolvimento e sua importância, seguida de uma análise do contexto da problemática de sua operação segura e responsável, com destaque para a questão do registro de ocorrências (acidentes e incidentes).

O documento desenvolvido pelo Ministério do Turismo – Mtur tem como preocupação central o turismo de aventura. Contudo, a aproximação deste segmento com as “atividades físicas de aventura”, de uma forma mais geral, é bastante grande. Na verdade, as atividades são as mesmas, só muda a roupagem – o termo turismo de aventura carrega em si a distinção mercadológica. No terreno de estudos sociológicos, no entanto, é preferível uma nomenclatura que abranja o todo – todas as especificidades que ao termo se enquadrem.

realización para gran parte de los practicantes; o “activitats esportives d’esbarjo i turístiques d’aventura”, según la denominación oficial de la Generalitat de Catalunya en la que se incide especialmente en los términos recreación y turismo reincidiendo en el manido concepto de deporte.

³ O documento: Regulamentação, normalização e certificação em turismo de aventura: relatório diagnóstico está disponível em: <<http://institucional.turismo.gov.br/mintur/coroot/CMS/DocumentoItem/files/94D0BFDD-AC47-89DD-917450F51D697EDF.arquivo.pdf>>.

Turismo de aventura não é a nomenclatura que melhor expressa todo o contexto dessas atividades, no entanto, não apenas esta nomenclatura, mas também o conteúdo do relatório diagnóstico ajuda a visualizar a dificuldade em relação a uma unificação conceitual⁴.

A própria definição de turismo de aventura no Brasil apresenta variação. A definição de turismo de aventura inicialmente utilizada no país foi produto da Oficina para a Elaboração do Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável do Turismo de Aventura, realizado em Caeté – MG, em abril de 2001. A definição foi a seguinte:

Segmento de mercado turístico que promove a prática de atividades de aventura e esporte recreacional em ambientes naturais e espaços urbanos ao ar livre, que envolvam riscos controlados exigindo o uso de técnicas e equipamentos específicos, adoção de procedimentos para garantir a segurança pessoal e de terceiros e o respeito ao patrimônio ambiental e sócio-cultural. (Relatório Diagnóstico, 2005)

Atualmente, a definição adotada pelo Ministério do Turismo é a seguinte: “atividades turísticas decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter não competitivo” (Relatório Diagnóstico, 2005). Isso atesta a observação de que o turismo de aventura é apenas um segmento das atividades de aventura – no que diz respeito a uma conceituação mais abrangente – pois se fundamenta nas atividades de aventura e as utiliza dentro da esfera mercadológica. No entanto, trata-se de um segmento de fundamental importância, pois é justamente essa esfera mercadológica que possibilita que tais atividades estejam ao alcance da sociedade de um modo geral – pelo menos para quem pode pagar por elas.

A esfera mercadológica é, por sua vez, retratada também na definição encontrada no Relatório Diagnóstico (2005). Nele, entendem-se como atividades de turismo de aventura

⁴ Hoje mais uma frente de discussão se abre a este respeito. O Ministério do Turismo ao encabeçar a promoção da certificação do Turismo de Aventura no Brasil esbarrou com a área afim – o esporte de aventura. A normatização e certificação deste segmento está agora sendo também discutida pelas entidades ligadas ao esporte e à Educação Física.

aquelas “oferecidas comercialmente, usualmente adaptadas das atividades esportivas de aventura, que tenham ao mesmo tempo o caráter recreativo e envolvam riscos avaliados, controlados e assumidos”.

O turismo de aventura, com efeito, é um dos componentes deste grande tema, sempre vinculado às relações comerciais das atividades compreendidas neste contexto. Contudo, diante da perspectiva do processo de interdependência, este segmento do turismo tem uma relevância bastante grande. Ele vem se estabelecendo como uma conexão entre as necessidades específicas de lazer e a satisfação dessas necessidades.

Para Betrán, este conjunto de práticas corresponde,

[...] segundo a forma de execução, natureza e oportunidade histórica, a uma nova era que se tem denominado majoritariamente como pós-modernidade, a qual tem propiciado o advento da sociedade pós-industrial, caracterizada por ser uma sociedade eminentemente consumista e de serviços. (BETRÁN,1995, p. 5, tradução nossa⁵)

Betrán (1995, p. 5-8) trabalha segundo a ótica da distinção entre modernidade e pós-modernidade⁶. Para este autor, a modernidade é marcada pela sociedade industrial, sendo o esporte um dos produtos culturais e o fenômeno social mais relevante desta era. Já a pós-modernidade é caracterizada por ser uma sociedade de consumo, sobretudo de serviços.

⁵ Traduzido do espanhol cuja frase assim se encontra: “por talante, naturaleza y oportunidad histórica, a una nueva era que se ha denominado mayoritariamente como posmodernidad la cual ha propiciado al advenimiento de la sociedad postindustrial, caracterizada por ser una sociedad eminentemente consumista y de servicios”.

⁶ Não é a intenção usar este espaço para discutir diferenças conceituais entre modernidade e pós-modernidade. No entanto, será usado para esclarecer que a este respeito as colocações de Anthony Giddens parecem mais condizentes com o referencial aqui utilizado, ou seja, pautado em uma evolução histórica, sem marco zero e sem rupturas. Giddens fundamenta-se nos embates sobre a distinção entre modernidade e pós-modernidade para construir as bases do que se pode chamar de uma abordagem diferente, abordagem esta que parece retratar de forma mais direta a realidade hodierna. A crítica de Giddens constrói-se na indicação de que o caminho é analisar como este estado de coisas veio a ocorrer, e não meramente inventar novos termos, como pós-modernidade e o resto. É preciso, dessa forma, lançar novamente os olhos à natureza da própria modernidade que, segundo o autor, foi insuficientemente abrangida, até agora, pelas ciências sociais. Assim, ao invés “de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes” (GIDDENS, 1991, p. 12-13). Destacamos, no entanto, que a divergência em relação ao posicionamento de Betrán quanto à transposição da era moderna não é sinal de desaprovação de suas idéias, principalmente no que diz respeito à vinculação das atividades de aventura à sociedade hodierna e a suas características. Apenas identificamos tais características como uma hipertonía das forças da modernidade, das conseqüências da modernidade.

É devido a tal distinção que Betrán não concorda com o apelativo “esporte” para definir tais atividades. Para o autor, estas atividades pertencem a outra época, a época atual, e se tratam de concepções físico-recreativas diferentes do esporte na motivação e nas condições de sua prática, e também nos fins e no meio utilizado para o seu desenvolvimento.

De acordo com o estudo que aqui se efetiva, a distinção apresentada por Betrán é apenas uma parte da significação dessas atividades. A sociedade de consumo, sobretudo de serviços, é de fato um fator que alavanca este segmento do turismo. Mas, a base de tudo, ou seja, o contexto social e a geração de necessidades são, sem dúvida, ingredientes que não podem ser deixados de lado.

Betrán (1995, p. 5-8, tradução nossa⁷) sugere um novo termo para definir essas atividades: “Atividades físicas de aventura na natureza” (AFAN). Esse termo – apesar de o autor o sugerir com base na distinção apresentada acima – parece bastante adequado, tanto pelo contexto que acompanha a proposta quanto pela clareza que o nome encerra, pois a congruência é para um avanço no que se refere ao trato do objeto em estudo. Essa clareza é também verificada quando levado em consideração o estudo das necessidades aqui desenvolvido: o termo refere-se a atividades físicas, à aventura e à natureza, componentes do contexto de necessidades hodiernas.

Os termos contidos neste composto semântico

[...] respondem de forma pertinente e discriminatória à concepção que estamos estudando, ainda que consideremos que, conforme os outros compostos, resulta numa denominação provisória em direção à busca de um núcleo semântico definitivo, igual ao que ocorre com o “esporte” cuja utilização lexical é universal e sua significação quase unânime. (BETRÁN, 1995, p. 6, tradução nossa⁸).

⁷ Traduzido do espanhol cuja frase assim se encontra: “Actividades físicas de aventura en la naturaleza”.

⁸ Traduzido do espanhol cuja frase assim se encontra: [...] responden de forma pertinente y discriminatoria a la concepción que estamos estudiando, aunque consideramos que al igual que los otros compuestos resulta una denominación provisional hacia la búsqueda de un núcleo semántico definitivo, al igual que ocurre con “deporte” cuya utilización lexical es universal y su significación casi unánime.

Ainda que o termo possa ser apenas uma denominação provisória, é o que mais avança em seu objetivo levando-se em conta todas as outras denominações que pretendem a definição deste objeto. O fato de o autor apresentar o termo como sendo de caráter provisório ocorre, como ele mesmo coloca, pelo fato de que uma universalização deste ou de outro núcleo semântico, a exemplo do que ocorreu com o “esporte”, responderá a um conjunto de determinantes históricos. Entre estes, a eleição e uso de termos preferenciais por parte da população, o papel de divulgação dos meios de comunicação, os acordos intelectuais e a institucionalização das siglas e nomes pelas entidades privadas e oficiais. Dito de uma outra forma, o tempo e o trato deste objeto é que definirão o melhor termo que a ele se fundirá. Por hora, parece que AFAN é o que melhor se encaixa em todo esse contexto.

2 Caracterização e consolidação das AFANs

No exterior, a cultura de atividades ao ar livre, recreação e aventura é bastante forte. Em países como Estados Unidos da América, Canadá, Nova Zelândia, Irlanda, Reino Unido e Costa Rica, programas de trabalho e volumes de informação mais amplos e razoavelmente consistentes sobre este tema são sistematicamente elaborados. Em tais programas e informações é que o Mtur se amparou para desenvolver o Relatório Diagnóstico a respeito do turismo de aventura.

Com base nos documentos e nos programas verificados em tais países, o Mtur, ciente da abrangência conceitual em que o turismo de aventura está inserido, utilizou-se de quatro conceitos – encontrados na compilação dessas informações – para o estabelecimento do panorama conceitual sobre o referido tema. São eles:

- 1) Recreação de aventura – Adventure Recreation: “uma variedade de iniciativas independentes para a prática de atividades utilizando uma interação com o meio ambiente natural, o qual contém elementos de risco, aparente ou real, em que o resultado, mesmo que incerto, possa ser influenciado pelo participante e pelas circunstâncias”.
- 2) Educação de aventura – Adventure Education: “a exposição direta e proposital de indivíduos a experiências desafiadoras, e com alto nível de aventura, com o objetivo de promover uma mudança interpessoal e intrapessoal nas relações humanas”.
- 3) Educação ao ar livre – Outdoor Education: “a educação ao ar livre é um método experiencial de aprendizado em que se usam todos os sentidos. Acontece primordialmente, mas não exclusivamente, pela exposição ao meio ambiente natural. Na educação ao ar livre, a ênfase do aprendizado está nas relações que são desenvolvidas relacionadas às pessoas e aos recursos naturais”.
- 4) Aventura – Adventure: “uma experiência em que o resultado é incerto porque alguma informação pode não estar disponível, ser imprecisa ou desconhecida. É similar ao lazer: um estado mental, escolhido livremente, intrinsecamente motivador e que pode levar a uma experiência especial”. (Relatório Diagnóstico, 2005)

Esse é o panorama em que estão inseridas as atividades ligadas ao turismo de aventura. Com base na direta ligação entre ambas as conceituações as AFANs, tem-se configurada a possibilidade de vislumbrar algumas das características dessas atividades.

Não obstante, auxiliando no alargamento do entendimento de tais atividades, Betrán se refere a elas como sendo

[...] práticas individualizadas que se fundamentam – geralmente – em condutas motrizes como o deslizar-se sobre superfícies naturais, nas quais o equilíbrio para evitar a queda e a velocidade de deslocamento aproveitando as energias livres na natureza (energia eólica, energia das ondas, energia das marés ou força da gravidade) constituem os diversos níveis de risco controlado nos quais se baseiam a aventura. (BETRÁN, 1995, p. 6, tradução nossa⁹).

De acordo com esta definição as AFANs são atividades individualizadas nas quais a dificuldade ou o nível de dificuldade estaria na tarefa de evitar a queda e na velocidade de deslocamento ao aproveitar a energia da própria natureza, que pode ser o vento, as ondas ou gravidade. Esta definição, assim como o panorama conceitual no qual se fundamenta o Mtur, mostra como as questões aventura e risco, sobretudo o risco controlado, são aspectos fundamentais dessas atividades. Por sua capacidade de síntese, alcança de forma bastante eficaz aquilo a que se propõe.

Contudo, quando Betrán se refere às AFANs como atividades individualizadas escapa-lhe uma modalidade em particular, o rafting. Esta modalidade não é praticada individualmente, apenas em grupo. No entanto, parece que o autor apenas tenha sido traído pela circunstância, pois o fato é que a maioria, e talvez seja justificável dizer que quase absoluta, a não ser por esta única modalidade, constituem atividades nas quais o que impera é o esforço individual.

⁹ Traduzido do espanhol cuja frase assim se encontra: Las “Actividades físicas de aventura en la naturaleza” son prácticas individualizadas que se fundamentan – generalmente – en conductas motrizes como el deslizarse sobre superficies naturales, en donde el equilibrio para evitar la caída y la velocidad de desplazamiento aprovechando las energías libres de la naturaleza (energía eólica, energía de las olas, energía de las mareas o fuerza de la gravedad) constituyen los diversos niveles de riesgo controlado en los que se basa la aventura.

É preciso também dizer que Betrán não a ignorou; na verdade ele a cita quando se refere a cada uma das modalidades em particular, o que reforça o entendimento de que o equívoco seja em relação à afirmação de “individualidade”. Esta característica é colocada em evidência por Betrán mesmo reconhecendo que certas atividades possam ser praticadas em companhia de outros e ainda que em situação de cooperação.

Com efeito, é justamente essa relação de cooperação que gera um ponto de discordância em relação às colocações de Betrán. Segundo parece, este é um fator central em duas modalidades, no já citado rafting e na escala. Seria até possível concordar com Betrán sobre seu ponto de vista a respeito da escalada, pois apesar desta atividade necessitar, na grande maioria de suas modalidades, da cooperação de uma segunda pessoa para se colocar na condição de ponto de segurança, fica evidente que o esforço é individual. No entanto, no rafting o trabalho só será bem realizado enquanto esforço coletivo, em equipe, apesar de cada indivíduo dispor ao grupo o seu esforço individual.

Contudo, tal posicionamento, apesar da discordância em relação ao detalhe citado acima, não compromete o cerne do trabalho em si. Dito isto, ressalta-se ainda que um outro aspecto da construção teórica de Betrán, assim como também do panorama apresentado pelo Mtur, enquadra-se naquilo que é identificado como relevante e, quem sabe, fundamental para o propósito aqui inserido. O risco controlado que o autor descreve como sendo a base da aventura se encaixa perfeitamente em tudo que foi levantado no referencial teórico e que culminou nas atividades miméticas. O risco, para Betrán,

[...] é mais um fator aparente do que real e depende basicamente de duas condições: do nível de expectativas gerado pelo praticante, o qual se configura num quadro simbólico de sensações e emoções que nutrirão o conceito de aventura; e da incerteza tácita na natureza. Este é um fator de risco intrínseco a estas atividades e um aliciente notável, um meio semi-estruturado que com a prática social massificada se tende a domesticar para convertê-la em mais fictícia que real. A aventura ofertada é o que os

empresários denominam como “risco controlado” e também “descontrole controlado”. (BETRÁN, 1995, p. 6, grifo do autor , tradução nossa¹⁰).

A denotação apresentada por Betrán a respeito do risco – fator inerente às atividades deste tipo – o coloca na condição de elemento muito mais aparente do que real. Poderia parecer uma colocação não muito coerente a princípio, mas, de posse da leitura do material compilado na primeira parte deste estudo, se torna factível de compreensão. Como bem descreve Betrán (1995, p. 6), o elemento “risco” depende, por um lado, do nível de tensão e emoção que é individualmente sentido por cada praticante frente ao seu próprio conceito a respeito da aventura e, por outro, da incerteza inerente ao meio natural. Ambos os fatores se convertem em uma característica sedutora, o ingrediente necessário ao equilíbrio emocional e, por conseguinte, responsável pela massificação dessas atividades. Afinal, quem não se seduz com as aventuras? Em edição especial: “prazer e perigo” por Diogo Schelp, a revista *Veja* argumenta que a aventura e o prazer em correr riscos são características humanas.

De acordo com o artigo:

Graças a essa característica, a tendência para andar no limite da segurança, a humanidade avançou mais do que as outras espécies. O que são, afinal, os grandes cientistas, os grandes guerreiros, os empresários criativos e os inventores que idealizaram coisas novas senão pessoas que trocam o sedentarismo mental pela aventura? Parece inútil procurar o gene desse impulso numa cabra ou num camelo. Entre os homens e as mulheres, vê-se a todo instante a cintilação da aventura por trás de todas as atividades humanas. Talvez em nenhum campo isso seja mais visível do que nos chamados esportes radicais. (SCHELP, 2005)

O artigo trás a denominação “esportes radicais”, que é também uma forma bastante comum de se dirigir as muitas das atividades com estas características. Tais variações

¹⁰ Traduzido do espanhol cuja frase assim se encontra: [...] es más bien un factor más aparente que real y depende básicamente de dos condiciones: del nivel de expectativas generado por el practicante, el cual se configura un cuadro simbólico de sensaciones y emociones que nutrirán el concepto de aventura; y de la incertidumbre que conlleva la naturaleza. Éste es un factor de riesgo intrínseco a estas actividades y un aliciente notable en un medio semiestructurado que con la práctica social masificada se tiende a domesticar para convertirla en más ficticia que real. La aventura ofertada es lo que los empresarios denominan como “riesgo controlado” y también “descontrol controlado”.

na denominação dessas atividades, mais uma vez, atestam o posicionamento de que o trato semântico dessas atividades pela sociedade em geral é que vai ser responsável pela indicação do nome que melhor representa as mesmas. Enquanto isso, “atividades físicas de aventura na natureza” parece ser o nome que melhor define as atividades com as quais se preocupa este estudo – sobretudo para indicar as atividades desenvolvidas no meio natural, uma vez que esportes radicais referem-se também aos esportes que não têm essa característica, como o skate, por exemplo.

O meio natural tem significativa relevância para o estudo das formas de lazer. A massificação desta ou daquela forma está ligada, como mostrou o estudo realizado a este respeito, à capacidade de suprir necessidades – e, não obstante, o meio natural, como também já apontado neste estudo, está intimamente ligado às necessidades contemporâneas.

Feixa (1995) aponta a possibilidade de maior presença de estímulos e sensações de prazer nas modalidades em contato direto com a natureza. Quando comparadas a outras atividades realizadas em instalações esportivas convencionais, tendo em vista as características apresentadas por tais vivências, a balança pende em favor da primeira.

Bruhns (1997) reforça a construção teórica apresentada neste estudo. A autora acredita que hoje se viva uma fase complexa, com perdas de valores e também de estilos de vida, uma fase de vazio existencial e incômodo permanentes. Em consequência, busca-se algo desconhecido e indefinido, daí o interesse cada vez maior em tais atividades, as quais estão centradas na aventura e no risco controlado.

Em relação ao desenvolvimento das AFANs, na medida em que essa massificação se adianta, a domesticação do meio também avança, convertendo-a em ainda mais fictícia do que real. Não obstante, como também aponta Betrán (1995, p. 6), a aventura ofertada pelos empresários é o que eles chamam de “risco controlado” e também “descontrole controlado”, conceitos acompanhados bem de perto ao caminharmos com Elias e Dunning.

Com efeito, no desenrolar desse processo, as atividades físicas de aventura na natureza, ofertadas, principalmente, na condição de atividades turísticas de aventura, são disponibilizadas de forma cada vez mais sofisticada, cada vez mais asseguradas por uma estruturada logística e pelo desenvolvimento de materiais específicos e de alta tecnologia para cada uma das modalidades que configuram as AFANs.

A sensação de risco, e, sobretudo, a do risco controlado, é um ponto fundamental para compreender o desenvolvimento dessas práticas na sociedade contemporânea. Afinal, o indivíduo que se lança a qualquer uma das modalidades de aventura, apesar de identificar a possibilidade do risco, tem a leitura da segurança – pautada não apenas na figura humana que ali está na condição de guia, mas também na tecnologia e na noção de segurança que o material utilizado para tais atividades encerra. A relação entre as atividades de aventura e a sociedade hodierna, neste ponto em específico, é aquela estabelecida pelo avanço tecnológico. Ou seja, as pessoas – como indicado anteriormente – habituaram-se ao controle do meio natural e aprenderam a conviver com a noção de segurança derivada do avanço tecnológico. Neste sentido, parece lógico que a grande maioria dessas pessoas não se arriscaria em tais atividades se não sentissem confiança no material utilizado.

A tecnologia configura-se, assim, num fator de significativa relação com as atividades de aventura na natureza. Se, por um lado, ela é co-responsável pela geração de todas aquelas necessidades que encontram nas AFANs o seu ponto de equilíbrio; por outro, ela também é responsável pela geração de condições em que tais atividades possam ser praticadas em situação de maior segurança, numa condição mimética.

Todos esses fatores ligados a esta situação perene de geração de necessidades desencadeadas pelo processo evolutivo da sociedade formam a base para o entendimento das características das AFANs. A sustentação para tal ideário está naquelas duas questões apresentadas por Elias e Dunning. Essas questões – ao encaminharem o pensamento para a

exploração das características das necessidades individuais de lazer desenvolvidas nas sociedades mais complexas e civilizadas e das características das atividades de lazer desenvolvidas para a satisfação dessas necessidades – acrescentam clareza aos estudos dirigidos aos problemas do lazer. Dessa forma, ao se encontrarem nas AFANs uma condição *sine qua non* para a satisfação das necessidades características da modernidade, tem-se a caracterização de que essas atividades constituem-se num aprimoramento enquanto fonte específica de satisfação no lazer.

3 Tecnologia e evolução das AFANs

As atividades físicas de aventura na natureza têm segmentos que podem ser praticados nos três planos terrestres: terra, água e ar. Contudo, quaisquer que sejam as atividades, em qualquer um desses ambientes – para a sua operacionalização dentro daquele contexto apontado como mimético, numa esfera em que há um “risco controlado” –, é imprescindível a utilização de um material de garantida qualidade e segurança, é indispensável o uso da tecnologia disponível. Os modernos equipamentos utilizados para essas atividades trazem a segurança para a sua prática e se traduzem em meios de controle do iminente risco, amenizando-o e produzindo um conforto emocional para os seus praticantes, apesar de toda a sensação de risco e de aventura que é intrínseca.

A tecnologia do equipamento em questão age então não apenas na redução e/ou controle do risco dessas práticas, mas também atua de forma a suscitar a sensação de segurança, concomitantemente à sensação de risco, fato que concede às mesmas uma característica bastante peculiar.

A confiança que os praticantes sentem em relação aos equipamentos utilizados em atividades deste tipo é um fator implícito e ao mesmo tempo fundamental no desenvolvimento da noção de risco controlado. Com efeito, não é nenhum absurdo crer que a ciência e a tecnologia são referenciais sustentadores e reguladores da cultura contemporânea. A confiança da sociedade contemporânea na tecnologia, neste contexto, é um fator fundamental para a prática das atividades em questão.

Não basta, portanto, ainda que filosoficamente, a indagação a respeito de sua natureza, alcances, limites e finalidades. Essa visão não responde definitivamente às questões suscitadas pelo exame da ciência e da tecnologia hoje. A indagação sobre ciência e tecnologia deve trilhar o caminho da significação. É preciso pensar a ciência e a tecnologia em termos do

seu significado para as sociedades hodiernas. Só assim se poderá compreendê-las enquanto elementos integrantes e modeladores desse horizonte cultural, o qual afeta a vida até mesmo dos que são excluídos diretamente de seus benefícios.

A razão e a lógica não apenas legitimam a ciência e a tecnologia, mas, num processo histórico-cultural, dão a essas esferas uma posição de destaque no desenvolvimento da postura sócio-cultural, apesar de todo o questionamento que à ciência possa ser direcionado.

Em relação ao objeto em estudo, a tecnologia, ou melhor, a confiança na tecnologia, culturalmente desenvolvida, vem proporcionar o prazer e a emoção, a diversão e a aventura; vem oferecer, a cada um, a possibilidade de reencontro com a natureza, sem distinção de sexo ou idade. As atividades deste tipo impõem restrições, mas, como em qualquer outro tipo de atividade física, de acordo com as limitações naturais de cada indivíduo.

Nas palavras de Betrán,

Não obstante, é a tecnologia que converte estas atividades em inegáveis práticas pós-modernas que possibilitam que qualquer ser humano possa deslizar-se pelo ar, pela água e pela superfície terrestre concretizando grande parte dos sonhos que o homem vem tecendo desde tempos imemoriais. (BETRÁN, 1995, p. 6, tradução nossa¹¹).

Além da íntima ligação com a tecnologia – que se apresenta como um dos suportes para o estudo da prática dessas modalidades de lazer –, também se verifica nos escritos de Betrán a capacidade destas atividades em relação à reaproximação do homem à natureza.

¹¹ Traduzido do espanhol cuja frase assim se encontra: No obstante, es la tecnología la que convierte dichas actividades en innegables prácticas posmodernas que posibilita que cualquier humano pueda deslizarse por el aire, el agua y la superficie terrestre desarrollando gran parte de los sueños que el hombre ha ido tejiendo desde tiempos inmemoriales.

O elo entre o homem e a natureza, de acordo com o material compilado, pode também ser encarado como mais uma faceta dessas atividades de aventura. Frente ao distanciamento da natureza – fato ao qual o homem vem se submetendo em virtude do processo de civilização e de modernização –, é factível a interpretação de que as atividades físicas de aventura na natureza se caracterizam também por disponibilizar ao homem urbano o reencontro com a natureza. Este é mais um dos fatores de satisfação encontrado nessas atividades.

Para Bruhns (1997, p. 90), a opção pelos denominados esportes de aventura, pode, em certa medida, “ser traduzida através do desejo de reconciliação com a natureza”. Essa reconciliação, com efeito, tem na dicotomia oriunda da própria tecnologia o seu ponto nevrálgico. O avanço tecnológico, primeiramente, dá novos rumos ao estilo de vida das pessoas, lhes oportuniza maior conforto, maiores comodidades, lhes impulsiona à sofisticação e, em contra partida, também ao distanciamento da natureza. Contudo, o próprio avanço tecnológico, se contrapondo à sua função primeira – o controle da natureza e subsequente distanciamento do homem em relação a esta –, vem proporcionar a este mesmo homem o reencontro com esta mesma natureza.

Betrán chega a dizer que essas atividades de aventura se apresentam com uma espécie de reação ao urbano e ao esporte, caracterizando-se pela busca por novas sensações – sobretudo de caráter primitivo, dentre as quais, o contato com a natureza. De acordo com sua explanação,

Ganhar, ser o número um, a estatística e o recorde não são outra coisa se não desvios que procedem do onipresente universo esportivo, porém é preciso atentar para a idiosincrasia e natureza das “Atividades físicas de aventura na natureza”, as quais surgem precisamente como reação ao urbano e ao esportivo e se interessam pela busca de sensações novas de caráter plácido,

pela plenitude pessoal, pela evasão divertida e o contato com a natureza. (BETRÁN, 1995, p. 6, tradução nossa¹²)

A colocação de Betrán a respeito das AFANs serem uma espécie de reação ao urbano, não apenas é sugestiva como se aproxima do contexto que tem substanciado o desenvolvimento deste estudo, o qual considera não apenas essas atividades em si, mas as necessidades que fundamentam o seu desenvolvimento. Este contexto diz respeito à compreensão do significado do lazer para a sociedade contemporânea.

Betrán também entende que as AFANs destacam-se na atualidade devido a valores e conceitos de grande identificação com as características do atual momento social. De acordo com suas palavras,

As “Atividades físicas de aventura na natureza” estão animadas por uma série de valores e conceitos que pertencem às novas tendências culturais características da sociedade pós-industrial, e supõem uma sólida oferta para esse marco das práticas corporais como modelo hedonista, autêntica alternativa da práxis esportiva que constitui, pelo contrário, o modelo corporal ascético. (Betrán, 1995, p. 6, grifo do autor, tradução nossa¹³).

Duas observações são pertinentes neste momento. A primeira diz respeito ao termo sociedade pós-industrial utilizado por Betrán que, como já esclarecido anteriormente, distingue a modernidade e a pós-modernidade. Para o autor, a modernidade é marcada pela sociedade industrial, sendo o esporte um dos produtos culturais e o fenômeno social mais relevante desta era; e a pós-modernidade é caracterizada por ser uma sociedade de consumo,

¹² Traduzido do espanhol cuja frase assim se encontra: Ganar, ser el número uno, la estadística y el récord no son sino desviaciones propias que proceden del omnipresente universo deportivo, pero que atentan a la idiosincrasia y naturaleza de las “Actividades físicas de aventura en la naturaleza”, las cuales surgen precisamente como reacción a lo urbano y lo deportivo y se interesan por la búsqueda de sensaciones nuevas de carácter placentero, la plenitud personal, la evasión divertida y el contacto con la naturaleza.

¹³ Traduzido do espanhol cuja frase assim se encontra: Las “Actividades físicas de aventura en la naturaleza” están animadas por una serie de valores y conceptos que pertenecen a las nuevas tendencias culturales características de la sociedad posindustrial y suponen una sólida oferta en el marco de las prácticas corporales como modelo hedonista, auténtica alternativa del deporte praxis que constituye por el contrario el modelo corporal ascético.

sobretudo de serviços e marcada pela predominância de práticas hedonistas¹⁴. A segunda observação é justamente o apontamento do hedonismo como uma característica marcante da atual sociedade. Neste contexto as AFANs são colocadas em pólo contrário ao esporte, que em geral vem sendo muito mais contemplativo.

Esta característica se aproxima muito daquela apontada por Heller (1998. p. 29), quando se refere à sociedade como uma “sociedade insatisfeita”. Nesse sentido, o consumo, a aquisição imediata e momentânea de formas de se satisfazer são fatores significativos para pensar a evolução das AFANs. Esse fator é realçado em virtude de que estas atividades são hoje comercializadas na forma de pacotes turísticos e, dessa forma, qualquer pessoa, sem qualquer tipo de conhecimento técnico a respeito de qualquer uma das modalidades que se integrem no contexto das AFANs e/ou preparo físico para essas atividades podem comprar a oportunidade de praticá-las em hora e local marcado, de acordo com sua preferência.

¹⁴ O hedonismo é citado por muitos autores como uma característica marcante da sociedade contemporânea, pois esta considera que o prazer individual e imediato é o único bem possível.

4 Especificidades e atividades mais praticadas

Conforme mostrou este estudo, o significado das atividades de lazer na contemporaneidade e a evolução das necessidades estão relacionados aos estilos de vida crescentemente limitados tanto do ponto de vista físico/motor quanto emocional. No segmento turismo de aventura, com efeito, verifica-se a possibilidade do envolvimento dessas pessoas com atividades de significativa excitação emocional. O segmento turístico apresenta-se como uma esfera mimética com ampla gama de atividades de aventura.

Esta condição denota a importância do segmento turístico de aventura dentro deste contexto das necessidades de lazer. Para o mapeamento das atividades, no entanto, são abordadas todas as modalidades: as que se encontram mais próximas da esfera esportiva – praticadas por um número mais reduzido de pessoas, os esportistas –, e as que são exploradas pelo segmento turístico de aventura, direcionadas à sociedade em geral.

O segmento do turismo de aventura, no Brasil, até bem pouco tempo atrás, não gozava de reconhecimento institucional. A Embratur regulamentava apenas as seguintes modalidades de turismo: religioso, rural, cívico e ecoturismo. Dentro da modalidade do ecoturismo era encontrado o turismo de aventura. Contudo, a evolução natural deste segmento na última década resultou na oficialização e regulamentação do segmento dentro da Embratur e Ministério do Turismo.

O turismo de aventura, de acordo o Relatório Diagnóstico do Mtur, foi se desenvolvendo, se diferenciando, adquirindo características próprias. Tornou-se fator, inclusive, de indução do desenvolvimento de destinos importantes, a exemplo de Brotas e Bonito (Relatório Diagnóstico, 2005).

As atividades incluídas neste segmento, de acordo com informações fornecidas no site da Embratur, são classificadas de acordo com o local em que são desenvolvidas (ar, terra,

água). As modalidades relacionadas ao ar incluem: pára-quedismo, sky-surf; base jump, asa-delta; parapente, balonismo e ultraleve. As modalidades que estão relacionadas à terra são: espeleologia (exploração de cavernas), excursionismo (caminhadas, trekking e hiking), rallies – classe turismo –, bung jump, rope swing (pêndulo c/ corda), cavalgada, orientação (caminhada, corrida), canionismo (rapel, tirolesa), montanhismo (escalada, caminhada), ciclismo, mountain bike (cicloturismo), off-road (fora-de-estrada), arborismo, motocross, sand board (prancha na areia). As relativas à água são: caiaque, surfe, mergulho, vela, aqua-rider, bóia-cross, rafting, outrigger (canoa havaiana), canoa, windsurf, morey-bug (body boarding).

Essa classificação elaborada pela Embratur preocupou-se em apresentar todas as atividades com características de aventura desenvolvidas em meio à natureza. Essa relação, é pertinente esclarecer, não se detém apenas às atividades desenvolvidas dentro da esfera turística. Parte delas é desenvolvida muito mais na condição de esportes do que turisticamente. É também conveniente mencionar que outras atividades podem ser aí incluídas – as atividades desenvolvidas na neve. Evidente que no Brasil a prática dessas modalidades é inexistente e, portanto, não aparecerão em estatística em território brasileiro e tampouco farão parte da representatividade das modalidades mais praticadas – mesmo que brasileiros a pratiquem em outros países. Contudo, para fins de registro, vale salientar que muitas das modalidades desenvolvidas nesse meio são também caracterizadas como atividades de aventura na natureza.

O Mtur, consciente da importância econômica deste segmento, tem procurado ampliar o seu conhecimento a respeito da atividade como um todo e também de suas especificidades. Uma das preocupações do Relatório Diagnóstico (2005) foi levantar as atividades mais oferecidas dentro do segmento turismo de aventura. De acordo com o documento as modalidades mais oferecidas são: caminhada, montanhismo, escalada, canionismo, espeleoturismo, arborismo, técnicas verticais (rapel, tirolesa, parque de cordas),

expedições fora de estrada, rafting, canoagem, acqua ride (bóia cross), cicloturismo, vôo livre (asa delta e paragliding), mergulho (livre e autônomo), cavalgadas, kitesurf e windsurf (Relatório Diagnóstico 2005).

Segundo este relatório, o turismo de aventura está amplamente disseminado no Brasil e uma grande variedade de empresas e prestadores de serviços se estabeleceram em todo o território nacional (Relatório Diagnóstico, 2005).

Números mais específicos relativos ao turismo de aventura no Brasil começam a ser elaborados e já são encontrados no Mtur. O documento TA – Mtur – IH – 09 (Relatório Diagnóstico, 2005) fornece informações quantitativas a respeito da prática das modalidades do turismo de aventura no território nacional. Os dados encontrados neste documento permitem acompanhar o panorama da preferência e fluxo de turistas entre as modalidades atualmente existentes e oferecidas no segmento turístico. Para a elaboração deste documento foram analisadas 2039 organizações que oferecem atividades turísticas de aventura no Brasil, resultando em uma tabela informativa a respeito do número de organizações que oferecem produtos e serviços para cada uma das modalidades consideradas.

As informações estão disponibilizadas na forma de tabela, exatamente como se encontra abaixo:

	MODALIDADE	N° de Organizações
1	Caminhada	454
2	Cachoeirismo/Canionismo	275
3	Rafting	257
4	Turismo de veículos fora de estrada	232
5	Mergulho	230
6	Caiaque/Canoagem	194
7	Rapel	180
8	Cicloturismo	173
9	Cavalgadas	136
10	Escalada	103
11	Montanhismo	87
12	Acqua-ride/Bóia cross	85
13	Vôo livre (Asa delta/Parapente)	78
14	Pára-queda	76

15	Passeios náuticos	73
16	Tirolesa	72
17	Técnicas verticais	68
18	Arvorismo	65
19	Espeleoturismo	59
20	Observação da vida selvagem	31
21	Flutuação	25
22	Surf/Body-boarding	20
23	Balonismo	19
24	Jet ski/Ski aquático/Wakeboard	15
25	Buggy	10
26	Bungee jump	6

Tabela 1: Número de organizações que oferecem produtos e serviços para cada uma das modalidades consideradas

A compilação desses dados mostra que o trekking, ou caminhada, é a atividade mais oferecida a turistas que buscam aventura e contato com a natureza. O segundo grupo de destaque é formado pelas atividades de cachoeirismo/canionismo, rafting, jeep tour/off road, mergulho. Um terceiro grupo, ainda com significativa relevância em número de oferta, é formado por atividades do tipo caiaque/canoagem, rapel, cicloturismo, cavalgada, escalada.

O Relatório Diagnóstico do Mtur utiliza-se ainda de um outro documento que trás também informações relevantes para o mapeamento das atividades de aventura. Este documento (TA – Mtur – IH – 12 – Pesquisa para avaliação de percepção do público da Adventure Sports Fair – Edição 2004 – sobre segurança no turismo de aventura) apresenta dados em relação à frequência com que as modalidades turísticas são praticadas e foi realizada com o público da Adventure Sports Fair 2004. Os dados desse documento permitem a percepção de quais são as modalidades mais procuradas no contexto da aventura na natureza. Os dados seguem abaixo:

	Modalidade de Turismo de Aventura	Frequência relativa à sua prática (nº de resposta)	Participação por Modalidade (%)
1	Caminhada	282	21,4
2	Cavalgada	132	10
3	Cicloturismo	110	8,4
4	Montanhismo	98	7,5
5	Técnicas verticais	88	6,7
6	Escalada	86	6,5
7	Mergulho	79	6

8	Rafting	75	5,7
9	Canoagem	58	4,4
10	Expedição fora de estrada	55	4,2
11	Espeleoturismo	54	4,1
12	Bóia cross	52	4
13	Arvorismo	50	3,8
14	Canionismo	42	3,2
15	Vôo livre	17	1,3
16	Outros (vide nota)	16	1,2
17	Windsurf	13	1
18	Kitesurf	4	0,3
19	Balonismo	4	0,3
Total		1315	100

Tabela 2: Modalidade do turismo de aventura x frequência com que são praticadas

Nota: Foram citados: Maratona, Motociclismo, Pára-quedismo, Surf, Veleiro.

Esse mapeamento, e também o cruzamento entre este e o anterior, deixam claro quais são as atividades mais procuradas e permitem uma aproximação entre a preferência pelas atividades e a característica das mesmas. Entre as dez atividades mais procuradas apenas uma, o mergulho, é desenvolvida fora do contexto da mata, do verde, do ambiente natural sobre o qual se tem aqui trabalhado e do qual as sociedades modernas estão cada vez mais distantes. Dentre essas mesmas dez atividades, apenas uma delas, a expedição fora de estrada, tem como característica o passeio motorizado. Todas as outras proporcionam o contato com o verde e pressupõem o esforço físico acompanhado de certa destreza, variando o grau de dificuldade de modalidade para modalidade.

O trekking, ou caminhada – atividade mais procurada e também a mais ofertada –, implica em trilhar por caminhos ao ar livre, vencendo os obstáculos, enfrentando os desafios naturais e apreciando as paisagens. As técnicas mais apuradas dessa prática, como orientação, técnicas de abrigo, entre outras, são também comumente realizadas no alpinismo – a quarta modalidade mais procurada –, ou montanhismo como é tratado pelo Mtur em seus documentos.

As modalidades turísticas pertencentes às citadas técnicas verticais – são mais de uma e foram consideradas por aproximação – ocupam a quinta colocação em índice de procura; entre elas está, por exemplo, o rapel. O rapel é uma técnica de descida vertical em

corda. Essa técnica foi criada pelos alpinistas tanto para a descida segura após a chegada no ponto mais alto das montanhas como para a operacionalização de resgates.

A escalada, sexta colocada nesta mesma classificação, tem nas suas técnicas de execução e equipamentos utilizados uma aproximação também bastante grande com o montanhismo. Apesar de não haver consenso quanto à identificação histórica da origem da escalada, a sua relação com o montanhismo é um ponto que não se discute. Em Creasey (2001) e Costa (2002; 2004) é possível verificar tanto a falta de consenso quanto à origem do esporte escalada quanto a sua indiscutível ligação com o montanhismo.

Para alguns autores, de acordo com a pesquisa realizada por Costa¹⁵, a escalada foi criada nos anos iniciais da década de 1970. Esta fonte indica a adoção de novas regras e tendências surgidas na Califórnia, EUA. O desenvolvimento desse esporte teria assim acontecido a partir de um movimento liderado pelo chamado Código de ética do Livre, atribuindo-se a esta ação coletiva a responsabilidade da ruptura entre os esportes do Alpinismo e da Escalada, e conseqüentemente a criação do segundo.

Para outros, no entanto, a criação do citado código de ética foi uma necessidade da evolução natural do esporte de subir montanhas. Estes sugerem que o processo desenvolveu-se com base no espírito de superação e imposição de novos desafios. Conforme os relatos de Costa (2004), com base na entrevista realizada com Theynard:

[...] após as primeiras ascensões, o motivo passou a ser conquistar os cumes Alpinos e depois os cumes do Himalaia. Superada esta etapa o objetivo passou a ser atingir os mesmos cumes por caminhos mais difíceis, e a Escalada surge como um meio de treinamento para os novos propósitos. Por isso houve o desenvolvimento de técnicas de escalada artificial e livre além de equipamentos respectivos. Ainda seguindo-se Theynard, que presenciou a fase de separação dos dois esportes, a década de 1970 representou a necessidade de motivar seus praticantes com novos objetivos. Nestas

¹⁵ A pesquisa acima citada foi desenvolvida por Cris de Souza Cerqueira Costa junto ao programa de Mestrado da Universidade Gama Filho. A pesquisa partiu da problemática da formação de guias e instrutores do esporte escalada no Brasil e teve como objetivo central propor um modelo de formação profissional. Para a coleta de material a autora utilizou-se do levantamento descritivo, da observação e análise de organizações, grupos e sujeitos do Brasil e de outros seis países.

circunstâncias, a criação de regras e competições era natural e não um momento de ruptura.

Este é o contexto no qual se fundamentam controvérsias e discussões: hoje é possível observar e distinguir com clareza os praticantes dos dois esportes, mas foram os adeptos do alpinismo que inventaram e difundiram as regras da nova versão. Controvérsias a parte, o fato é que em se constituindo em uma ruptura ou no desenvolvimento natural do alpinismo, a escalada tem a sua origem neste esporte que a antecede e, a ele, em muito, está ligada.

Aproximação semelhante em relação às técnicas e equipamentos acontece com o canionismo¹⁶. A escola francesa é a criadora desta modalidade esportiva. Essa modalidade, que gozou de grande expansão a partir dos anos 70, é caracterizada pela descida de canions seguindo o rio a pé ou a nado, por vezes descendo cascatas por rapel, deslizando entre as rochas e mergulhando nas piscinas formadas ao longo do rio.

Esta prática, segundo o Relatório Diagnóstico do Mtur, só aparece na décima quarta posição na preferência daqueles que buscam por atividades de aventura na natureza. Apesar de não estar entre as dez mais citadas no documento do Mtur, como as outras modalidades aqui destacadas, a sua exploração é justificada pela aproximação com as técnicas das atividades do vertical. Sua técnica mais apurada, o rapel – desenvolvido na maioria das vezes em cachoeiras – também advém do alpinismo.

O montanhismo tem, como se pode notar, uma relação com todas essas modalidades. Com umas de forma mais direta, com outras, menos. As atividades profissionais de montanha, de acordo com a pesquisa realizada por Costa (2004), se originaram pelo fato de que os habitantes de regiões de altitude necessitavam se deslocar entre as montanhas por uma

¹⁶ Informações sobre a história e desenvolvimento do canioning podem ser encontradas em sites como o da Escola Francesa de Descida de Cânion: <<http://www.efcanyon.net/>> e em sites destinados ao esporte e turismo de aventura, como: <<http://360graus.terra.com.br/canyoning/default.asp?did=1065&action=história>>; <<http://www.folhaturismo.com.br/esportesradicais/canyoning.php>>.

questão de sobrevivência, surgindo assim alguns especialistas nessa prática. O transporte de pessoas foi um dos primeiros sinais de atividade turística em criação. As circunstâncias promoveram assim o desenvolvimento espontâneo das atividades profissionais de montanha.

Em países como França e Espanha encontram-se relatos sobre a necessidade de estruturação e controle destes profissionais que datam desde 1807. Contudo, foi a partir de 1820, após um acidente que matou três guias, que a formalização do ofício foi posta em prática. Um ano depois o conselho da comunidade de Chamonix decidiu regulamentar a profissão de guia e, ainda que oficiosamente, cria a Compagnia dês Guides (companhia de guias). Em 1823 a companhia de Chamonix é oficializada (COSTA 2004).

A motivação para essa criação foi a segurança dos guias, de suas famílias e de seus clientes, e, como mostra Costa (2002), também a movimentação econômica, uma vez que em cidades montanhosas as atividades econômicas são restritas e o dinheiro vindo do turismo poderia representar uma importante ou quem sabe a maior fonte de renda para esta população.

O rafting, dentre as modalidades mais praticadas no turismo de aventura na natureza – tirando de cena as atividades motorizadas e o mergulho que é desenvolvido no mar –, é a única que não tem relação direta com o alpinismo. No entanto, em alguns percursos, em virtude do risco da transposição de algumas quedas muito grandes, utiliza-se também das técnicas e equipamentos do rapel para descer tanto o bote quanto as pessoas.

Esta modalidade surgiu mais recentemente, e começou a ser praticada turisticamente de forma mais efetiva no final da década de 80. O primeiro registro de descida de Rafting¹⁷ no mundo data de 1869. Nesta época, John Wesley Powel – um dos expedicionários mais conceituados da história americana – organizou uma expedição no rio Colorado / EUA em barcos de madeira com remo central. A aventura resultou em algumas

¹⁷ Informações a respeito do rafting podem ser encontradas no site da Federação Internacional: <<http://www.intraftfed.com/>> e em sites que trazem um pouco da história e desenvolvimento deste esporte, como: <<http://www.mad-river.com/history.cfm>>; <<http://www.arteradical.com/rafting.html>>; <<http://www.raftingrj.com/portugues/historia.htm>>.

viradas e batidas em pedras, decorrentes de equipamentos primitivos e da falta de técnica para manobrar nas corredeiras os barcos pesados. Já o Rafting com finalidade comercial foi realizado somente em 1909 pela Julio's Stone's Grand Canyon, mas os botes ainda eram rígidos, de madeira.

Os primeiros botes infláveis apareceram nos EUA, em 1936. Durante os anos 60 e 70 o esporte passou por um período de estagnação, retomando o impulso a partir de 1980 com o surgimento do bote "self bailer", confeccionado com materiais mais leves e resistentes. Hoje o Rafting comercial conquistou definitivamente seu espaço no cenário mundial. A emoção e o contato com a natureza garantiram sua presença nos arredores dos grandes centros urbanos e turísticos do planeta, sendo uma das principais formas de conhecer as regiões onde é oferecido.

Outras duas modalidades aparecem entre as dez mais citadas: a cavalgada e o cicloturismo, segunda e terceira colocação respectivamente. A cavalgada é oferecida em hotéis-fazenda. A atividade consiste em um passeio a cavalo por entre os campos e, por vezes, se estende em travessias mais longas, com percursos que levam mais de um dia e com acampamentos para pernoite. O cicloturismo consiste num passeio por entre a mata com bicicletas preparadas para tais atividades. Os terrenos acidentados e com vasta beleza natural são os mais procurados e se configuram em características comuns para o percurso dessas atividades.

Essas são as atividades que, segundo o Mtur, figuram entre as atividades mais praticadas no Brasil. Para cada uma delas buscou-se acrescentar as suas características, suas diferenças e proximidades. Essas especificidades, em conjunto com a exploração da caracterização das AFANs frente à evolução da sociedade e da sua consolidação enquanto atividades de lazer responsáveis pela satisfação de necessidades acrescentam conhecimento

para intermediar essa construção teórica e o levantamento empírico que é apresentado na seqüência.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*“o que legitima uma investigação científica
não é o método mas, sim, a descoberta”*

Norbert Elias

Em observância ao posicionamento metodológico adotado, esta pesquisa, de acordo com o nível de abrangência e enquadramento do objetivo, pode ser descrita como “exploratória ou ensaística”. Este tipo de estudo, de acordo com Vasconcelos,

[...] constitui uma pesquisa temática, porém com foco mais amplo e aberto para a investigação de fenômenos e processos complexos e principalmente pouco conhecidos e/ou pouco sistematizados, ou passíveis de várias perspectivas de interpretação, sejam eles teóricos, culturais, sociais, técnicos, históricos, etc. Constitui um tipo de pesquisa muito comum nos ambientes acadêmicos, em ensaios históricos, sociológicos, antropológicos, filosóficos, políticos, em psicanálise, etc. [...] Uma possibilidade mais simples para pesquisas exploratórias está em estudos de realidades sociais e organizacionais específicas pouco conhecidas (em empresas, instituições, associações e entidades sociais, bairros, grupos populacionais, etc.), como uma primeira etapa para um processo de investigação ou intervenção posterior mais focado e estruturado, principalmente quando o fenômeno envolve processos subjetivos e culturais. (VASCONCELOS, 2002, p. 158)

A compreensão a respeito desse tipo de pesquisa – pertinente em vários aspectos ao objeto e ao contexto desse estudo – é ampliada na análise encontrada em Dencker e Da Viá. Para esses autores,

Estudos exploratórios são investigações de pesquisa empírica que têm por finalidade formular um problema ou esclarecer questões para desenvolver hipóteses. O estudo exploratório aumenta a familiaridade do pesquisador com o fenômeno ou com o ambiente que pretende investigar, servindo de base para uma pesquisa futura mais precisa. São também utilizados para esclarecer ou modificar conceitos. As descrições, nesse caso, tanto podem ser qualitativas quanto quantitativas. Os métodos de coleta de dados também podem variar da pesquisa bibliográfica e documental ao uso do questionário, entrevista e observação. Esses estudos não necessitam de amostragem e utilizam de modo bastante freqüente os procedimentos da observação participante e a análise de conteúdo. Podemos discriminar com relação à pesquisa exploratória:

A. *Finalidade*: refinar conceitos, enunciar questões e hipótese para investigações subseqüentes.

B. *Procedimento*: pode utilizar tanto métodos quantitativos quanto qualitativos:

- Revisão de literatura, pesquisa bibliográfica e documental para a elaboração da resenha da ciência social afim, assim como de outras partes pertinentes da literatura que tenham relação com o objeto que se pretende estudar.

- Levantamento realizado por meio de entrevistas com pessoas que possuam experiência prática no problema a ser estudado. (DENCKER e DA VIÁ, 2001, p. 59)

O tema proposto tem grande proximidade com este tipo de pesquisa. Trata-se de um fenômeno pouco conhecido e/ou pouco sistematizado, com processos complexos e também de caráter interdisciplinar. Os conceitos apresentados como característicos desse tipo de pesquisa se identificam com o objetivo da pesquisa que aqui se desenha: o estudo exploratório aumenta a familiaridade do pesquisador com o fenômeno ou com o ambiente que se pretende investigar; e tem como finalidade a refinação de conceitos sobre o objeto em questão. Não obstante, o procedimento adotado para a coleta de dados nesta pesquisa destaca-se pelo trânsito entre a pesquisa bibliográfica e a observação, passando subseqüentemente pela entrevista e pelo questionário.

Os procedimentos técnicos apontados acima se sustentam no que Elias classifica como “fertilização cruzada entre o raciocínio teórico e a investigação empírica”. Tal procedimento é indicado por Elias como uma forma de amenizar os problemas pertinentes à tendência conceitual de se reduzir o estudo das pessoas e das sociedades a um ou a outro plano, e, evitar, assim, a compartimentalização de ambos. Para Elias,

[...] uma tarefa que só pode ser bem sucedida por meio da constante fertilização cruzada entre o raciocínio teórico e a investigação empírica – algo que é indispensável realizar no estágio atual do desenvolvimento da sociologia, a fim de facilitar-se o mais vasto crescimento. (Elias; Dunning, prefácio, 1992, tradução nossa¹)

¹ Traduzido da versão portuguesa cujo original assim se encontra: [...] uma tarefa que só pode ser bem sucedida por meio da constante fertilização cruzada entre o raciocínio teórico e a investigação empírica – algo que é

Em termos práticos, o raciocínio teórico é o ponto de partida. E este ponto de partida, conforme proposto por Triviños (1987, p. 98), nada mais é que a revisão de literatura. Em relação a este ponto, Silva (2000, p. 37-38) considera que, em função dos objetivos, existem quatro formas principais de revisão:

- determinação do “estado da arte”: tipo de revisão onde o pesquisador deve mostrar com a literatura existente sobre o tema, possíveis lacunas e entraves teóricos ou metodológicos;
- revisão teórica: nessa forma de revisão o pesquisador insere seu problema de pesquisa dentro de um quadro de referência teórico para explicá-lo. Esse tipo de revisão ocorre quando o problema é derivado de uma teoria particular ou de várias teorias e por elas pode ser explicado;
- revisão empírica: com a revisão empírica o pesquisador procura compreender os procedimentos metodológicos que estão sendo utilizados em pesquisas de mesma natureza;
- revisão histórica: é aquela que busca estabelecer a evolução de tema, conceito, abordagem ou outro aspecto colocando o mesmo dentro de um quadro teórico de referência que explique aspectos como fatores determinantes e implicações de mudanças.

A revisão estabelecida neste estudo é uma revisão teórica. O problema de pesquisa – enquanto um fenômeno enquadrado na esfera do lazer – foi inserido dentro de um quadro teórico de referência para melhor explicá-lo.

O passo seguinte é marcado por dois tempos distintos. O primeiro, a observação, tem como objetivo o fornecimento de dados iniciais a respeito do tema em questão. Já o segundo – formado por entrevistas e questionários – destina-se ao fornecimento de dados empíricos que possam ser alvos de mensuração. Ambos, no entanto, destinam-se à já mencionada fertilização cruzada defendida por Elias: o primeiro, alimentando o raciocínio teórico desde o seu início; o segundo, como um meio de constatação do que foi teoricamente construído.

indispensável realizar no estágio actual do desenvolvimento da sociologia, a fim de facilitar-se o mais vasto crescimento.

Em relação às discussões metodológicas sobre o papel da observação como método de pesquisa sociológica, Flick argumenta que estes procedimentos

[...] têm sido cruciais na história da pesquisa qualitativa, especialmente nos Estados Unidos. [...] Em geral, essas abordagens enfatizam o fato de que as práticas somente podem ser acessadas através da observação, e de que as entrevistas e as narrativas tornam acessíveis apenas os relatos das práticas e não as próprias práticas. O que normalmente se pede é a observação, que permite ao observador descobrir como algo efetivamente funciona ou ocorre. (FLICK, 2004, p. 147).

As observações realizadas neste estudo, contudo, não pretendiam ser uma base única de captação de dados. Elas serviram para fornecer a orientação inicial sobre o campo de estudo e para apreender a complexidade deste campo, propiciando o desenvolvimento de uma visão mais próxima da relação das pessoas com as atividades em questão. Essa orientação inicial serviu também de base para a estruturação dos protocolos utilizados para a entrevista e para o questionário, passos subseqüentes da coleta de dados.

O local pré-determinado para as observações iniciais foi Itararé². Este município oferecia condições propícias para a coleta em virtude de sua localização e do fluxo de turistas em busca de atividades de aventura na natureza. É preciso que se diga que o contato com as pessoas que conduzem as atividades de aventura nesta região já havia sido estabelecido há algum tempo. O acompanhamento do desenvolvimento desta prática turística nesta região data antes mesmo do início efetivo desta pesquisa. Este acompanhamento é realizado desde o surgimento do interesse pelo estudo deste tema, que antecede em aproximadamente dois anos ao início desta pesquisa.

Assim, devido a um contato mais próximo com os organizadores desta localidade, e ao conhecimento das técnicas envolvidas na prática das atividades em questão, este pesquisador atuou – durante o processo de observação – na condição de guia e instrutor de

² Dados a respeito deste município estão detalhadamente disponibilizados no capítulo IV, página 119.

algumas das atividades de aventura desenvolvidas nesta localidade. Dessa forma, foi possível observar todo o contexto e dar particular atenção ao interesse especial no sentido humano e na interação, vistos a partir da perspectiva daqueles que são *insiders* ou membros destas situações e ambientes específicos. Essa condição permitiu a exploração em níveis bastante elevados do sentimento das pessoas em relação a essas atividades. O contato com as manifestações desses sentimentos, conforme era a expectativa, enriqueceu a fundamentação para a estruturação do passo seguinte, ou seja, a aplicação das entrevistas e do questionário.

Para a realização das entrevistas e dos questionários foram acrescentados mais dois locais como fonte de dados: Tibagi³ e Prudentópolis⁴. A justificativa para a inclusão dessas outras duas localidades é processual-metodológica:

- Em primeiro lugar é preciso salientar que foi adotada como fonte para a pesquisa empírica a região dos Campos Gerais do Paraná. Essa escolha é fundamentada por dois pontos que se complementam: esta é uma região de abrangência da Universidade Estadual de Ponta Grossa, instituição em que é desenvolvida a pesquisa; e é uma região distante da mais urbana e caótica cidade do país, São Paulo. Esta última colocação é de grande valia para o objetivo desta pesquisa, pois, a presença de um número significativo de paulistanos nessa região seria entendida como um fator comprobatório para o entendimento de que a busca pelas atividades físicas de aventura na natureza está relacionada a necessidades sentidas e potencializadas nesse meio em particular.
- O primeiro local eleito para a pesquisa foi Jaguariaíva e Sengés, municípios pertencentes à região dos Campos Gerais do Paraná. Contudo, apesar desses dois municípios oferecerem locais bastante propícios para a prática de atividades de aventura, não oferecem infraestrutura e também não demonstram interesse em sua exploração. Assim, o município de

³ Dados a respeito deste município estão detalhadamente disponibilizados no capítulo IV, página 121.

⁴ Dados a respeito deste município estão detalhadamente disponibilizados no capítulo IV, página 123.

Itararé, no estado de São Paulo, é quem explora as belezas naturais dessas duas cidades e também abriga os turistas.

- Sendo Itararé o município receptor para os turistas que se direcionam à região citada acima, e, podendo, dessa forma, haver algum tipo de sentimento de proximidade por parte dos paulistanos – em função deste município estar no estado de São Paulo, mesmo estando na divisa com o Paraná –, optou-se pelo acréscimo dessas outras duas localidades que estão ainda mais distantes da capital paulista e, conseqüentemente, mais envoltas por cidades paranaenses.

O procedimento adotado para as entrevistas foi o da entrevista centrada, conhecida pela sua “denominação inglesa *focused intervlew*” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1992, p. 194). Este tipo de entrevista tem por objetivo “analisar o impacto de um acontecimento ou de uma experiência precisa sobre aqueles que a eles assistiram ou que neles participaram”. O entrevistador, neste caso, “não dispõe de perguntas pré-estabelecidas, como no inquérito por questionário, mas sim de uma lista de tópicos precisos, relativos ao tema estudado” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1992, p. 194). Para as entrevistas foi selecionado um responsável em cada um dos locais estipulados para a coleta de dados, totalizando três informantes. Cada um dos informantes tem uma ligação direta com o desenvolvimento e oferta das atividades de aventura na região. A estratégia pensada foi a de obter dados para uma correlação entre o resultado do questionário aplicado aos praticantes das atividades de aventura – presentes no dia estipulado para a pesquisa de campo – e o resultado obtido com as entrevistas realizadas com os responsáveis pela oferta desse serviço – presentes durante todo um ano ou mais.

Pesquisas qualitativas não pretendem generalizar os resultados que alcançam no estudo. Apenas pretendem “obter generalidades, idéias predominantes, tendências que aparecem mais definidas entre as pessoas que participaram no estudo, que podem ser aceitas

ou não pelos especialistas que se desenvolvem no campo no qual se realiza a pesquisa” (TRIVIÑOS, 1987, p. 98). Dessa maneira, “a pesquisa qualitativa não se apóia na estatística para fixar o tamanho da amostra [...]” (TRIVIÑOS, 1987, p. 98).

Assim, em relação ao questionário, a idéia não foi estipular um número específico de participantes. O procedimento adotado foi estipular um dia de feriado prolongado para se ter à disposição o maior número possível de informantes. A seqüência desse procedimento foi apresentar a pesquisa e o instrumento em questão; solicitar a colaboração de todos; e instituir o procedimento de coleta àqueles que optaram por colaborar.

A elaboração das questões que compõem o questionário é baseada no “Diferencial Semântico”. A técnica do diferencial semântico tem como objetivo “medir o sentido que determinado objeto tem para as pessoas” (GIL, 1999, p. 148). Com esta técnica objetiva-se captar o posicionamento das pessoas frente ao objeto deste estudo e as aspectos a ele relacionado.

A amostragem conseguida para a coleta de dados por questionário foi de 50 informantes, cerca de 62% – média aritmética – dos turistas presentes nos dias de pesquisa em cada uma das localidades citadas.

Em relação aos procedimentos técnicos adotados, esta pesquisa pode ser classificada como um estudo de caso. De acordo com Gil, um procedimento que se amolda perfeitamente às pesquisas de natureza exploratória. Pois, por sua flexibilidade, “[...] é recomendável nas fases iniciais de uma investigação sobre temas complexos, para a construção de hipóteses ou reformulação do problema” (GIL, 1996, p. 59). Em virtude dessa flexibilidade no planejamento do estudo de caso, “[...] o pesquisador, ao longo de seu processo, mantêm-se atento a novas descobertas” (GIL, 1996, p. 59). No estudo de caso, “o pesquisador volta-se para a multiplicidade de dimensões de um problema, focalizando-o como um todo” (GIL, 1996, p. 60).

Assim, com base nos procedimentos adotados para esta pesquisa, ou seja, num olhar ampliado a respeito do problema, optou-se pela estratégia da triangulação. Com esta técnica busca-se a superação das limitações particulares das pesquisas qualitativas e quantitativas, “[...] criando uma rede de evidências na qual as indicações quantitativas são comparadas e analisadas concomitantemente aos dados qualitativos, aumentando o rigor da pesquisa” (VASCONCELOS, 2002, p. 160).

Portanto, a abordagem que aqui se insere, apesar de se valer de dados quantitativos, pauta-se por uma análise qualitativa. Pois, nas abordagens deste tipo,

[...] um fenômeno pode ser mais bem compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vistas relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (GODOY, 1995, p. 20-29)

As idéias centrais que conduzem a pesquisa qualitativa diferem daquelas empregadas na pesquisa quantitativa. De acordo com Flick (2004, p. 11),

[...] os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha correta de métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de construção de conhecimento, e na variedade de abordagens e métodos.

A pesquisa que aqui é exposta tem um caráter empírico, um objetivo central constituído principalmente por uma realidade concreta a ser investigada. A construção teórica, no entanto, teve fundamental importância, pois, “[...] toda pesquisa acerca de uma realidade empírica exige contextualização, descrição e avaliação da literatura e da teoria existente sobre o tema” (VASCONCELOS, 2002, p. 159).

V – AVENTURA EMPÍRICA

1 O local da aventura

Nos estudos de Elias encontram-se referências a respeito da tendência conceitual de se reduzir o estudo dos indivíduos e das sociedades a um ou outro plano, num conjunto de sobreposições dicotômicas. Essa orientação, de acordo com Dunning (Elias; Dunning, prefácio, 1992), levou à formação de escolas que se contestam em seus posicionamentos e que se encaminham no sentido de comprometerem-se firmemente com uma, ou duas, perspectivas das múltiplas dimensões do mundo social. É este, justamente, o ponto a que Elias se mostra contrário. Em seus estudos, em conjunto com Dunning, fica evidenciada a preocupação em demonstrar a necessidade de resolver os dualismos que se encontram na base dessas escolas:

[...] uma tarefa que só pode ser bem sucedida por meio da constante fertilização cruzada entre o raciocínio teórico e a investigação empírica – algo que é indispensável realizar no estágio atual do desenvolvimento da sociologia, a fim de facilitar-se o mais vasto crescimento. (Elias; Dunning, prefácio, 1992, tradução nossa¹)

Este capítulo, com efeito, fundamenta-se nessa predisposição. Esta pesquisa, neste ponto, visa a verificação empírica da organização teórica aqui construída; uma atividade que se fundamenta na alimentação recíproca – fertilização cruzada a que se referem Elias e Dunning – entre a construção teórica e a investigação empírica.

¹ Traduzido da versão portuguesa cujo original assim se encontra: [...] uma tarefa que só pode ser bem sucedida por meio da constante fertilização cruzada entre o raciocínio teórico e a investigação empírica – algo que é indispensável realizar no estágio actual do desenvolvimento da sociologia, a fim de facilitar-se o mais vasto crescimento.

A delimitação espacial estipulada para esta investigação é a região dos Campos Gerais do Estado do Paraná – CGP². O critério para a eleição desta região como local para o estudo de campo se justifica por três aspectos: primeiro, porque nesta região encontra-se um tipo de formação geológica conhecida por Escarpa Devoniana, um degrau topográfico que em vários locais ultrapassa 300 m de desnível, o que faz dessa região um atrativo natural para muitas das atividades de aventura praticadas na natureza; segundo, pelo fato de que em alguns municípios desta região vem ocorrendo a exploração turística de algumas das atividades de aventura, o que possibilita a investigação empírica; e terceiro, pelo fato desta região estar sob a abrangência de atendimento da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), entidade de ensino superior na qual se desenvolve o referido estudo.

O total de municípios que formam a região dos CGP, conforme indicado na nota de nº 2, são vinte e cinco. Desses, três municípios foram utilizados como fonte de informação: Tibagi, Jaguariaíva e Sengés. Esses três municípios foram escolhidos pela condição favorável para a prática das AFANs e destaque em relação aos roteiros turísticos oferecidos e

² A expressão "Campos Gerais do Paraná" foi consagrada em: MAACK, R. **Notas preliminares sobre clima, solos e vegetação do Estado do Paraná**. Curitiba: Arquivos de Biologia e Tecnologia, v. 2, p. 102-200, 1948. Nesta obra o autor a definiu como uma zona fitogeográfica natural, com campos limpos e matas galerias ou capões isolados de floresta ombrófila mista, onde aparece o pinheiro araucária. Nessa definição, a região é ainda limitada à área de ocorrência desta vegetação que a caracteriza situada sobre o **Segundo Planalto Paranaense**, no reverso da Escarpa Devoniana, a qual o separa do Primeiro Planalto, situado a leste. Portanto, trata-se de uma definição que integra critérios fitogeográficos e geomorfológicos, que por sua vez exprimem a estrutura geológica e natureza das rochas, responsáveis pelos solos rasos e arenosos, pouco férteis, que favorecem a vegetação de campos, e o aparecimento do limite natural representado pela Escarpa Devoniana, um degrau topográfico que em vários locais ultrapassa 300 m de desnível. Não obstante, segundo dados encontrados em: Universidade Estadual de Ponta Grossa. **Base de Dados**. Disponível em: <<http://www.uepg.br/dicion/divisao1b.htm>>. Acesso em: 19 mar. 2004, para o Dicionário Histórico e Geográfico dos Campos Gerais, adotou-se uma definição que procura preservar os critérios naturais e históricos de identidade regional, mas que ao mesmo tempo seja funcional diante das tendências recentes de organização do espaço. Os critérios utilizados para se constituir uma homogeneidade foram:

1°.) Fitogeografia: a vegetação primitiva do município deveria ter sido, no todo ou em parte, de Campos Limpos.
 2°.) Tropeirismo: o município deveria ter estado integrado ao "Caminho de Viamão", principal rota das tropas no século XVIII e XIX.
 3°.) Associativismo: o município deve integrar a Associação dos Municípios dos Campos Gerais (AMCG). Como critério de polarização utilizou-se a área de atuação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), onde se considerou os *Campi* Avançados e as atividades extensionistas. Para fazer parte da área de abrangência do Dicionário, o Município deveria combinar pelo menos dois destes critérios. Assim, para os efeitos do Dicionário, os Campos Gerais do Paraná são formados pelos seguintes municípios: Arapotí, Balsa Nova, Campo do Tenente, Campo Largo, Cândido de Abreu, Carambeí, Castro, Imbau, Ipiranga, Ivaí, Jaguariaíva, Lapa, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, Rio Negro, Reserva, São José da Boa Vista, Sengés, Teixeira Soares, Telêmaco Borba, Tibagi e Ventania.

frequêntados na região dos CGP. Contudo, faz-se necessário certo esclarecimento: os municípios de Jaguariaíva e Sengés, apesar de serem relativamente explorados turisticamente em seus recursos naturais, não possuem uma administração municipal e nem entidades particulares que exerçam este tipo de atividade e tampouco a sua divulgação. A atividade do turismo de aventura nesses municípios é explorada por agências e hotéis de Itararé, cidade paulista que está na divisa com o Estado do Paraná. O município de Sengés é a cidade paranaense que faz divisa com São Paulo e Jaguariaíva é a próxima cidade, cerca de 50 km da divisa. Ambas as cidades possuem muitos recursos naturais e locais de rara beleza, o que as credencia para este tipo de atividade: são muitos os rios, cachoeiras, cânions e paredões rochosos.

Com base neste contexto, a cidade de Itararé³ – na condição de receptora dos turistas que vêm a essa região em busca das AFANs –, se configura, para a presente pesquisa de campo, como fonte pertinente de informação e representante desta localidade particular dos CGP em que se destacam Jaguariaíva e Sengés.

Jaguariaíva, nascida ao longo do histórico caminho dos tropeiros – que transitavam entre o Rio Grande do Sul e São Paulo –, teve importante participação em momentos históricos do país, como a Revolução de 1930⁴. O município, considerado a "Capital do Papel Imprensa"⁵, possui atrações como o prédio da Prefeitura Municipal, o Santuário do Senhor Bom Jesus da Pedra Fria, além de outras construções de interesse histórico. Destaca-se ainda o belíssimo conjunto industrial do antigo Frigorífico Matarazzo, construção datada das primeiras décadas do século XV. Mas, a singularidade desta região vem da formação topográfica e geológica, responsáveis por inúmeros atrativos naturais do

³ A cidade de Itararé, apesar de pertencer ao estado de São Paulo, representa o pólo de recepção dos praticantes das AFANs que se deslocam para o CGP.

⁴ Tanto Jaguariaíva, como Sengés e Itararé, tiveram alguma passagem na Revolução de 1930 em virtude de sua localização.

⁵ A região como um todo abriga muitas empresas papelarias e, em Jaguariaíva, existe uma que se destina à fabricação do papel imprensa.

município. Os rios Capivari e Jaguariaíva, que cortam a cidade, guardam inúmeras surpresas como o Cachoeirão, o Poço do Inferno com seu impressionante canyon e o Vale do Codó⁶. Importante também é o belíssimo lago azul, que se forma com a precipitação do ribeirão Lajeado Grande nos degraus rochosos. Curiosamente, as chuvas, os ventos esculpam o Paredão da Santa⁷, um paredão arenítico em que os devotos contemplam a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Para os amantes do ecoturismo, a região é uma excelente fonte de recursos. Devido ao relevo típico, há muitas áreas propícias à prática de rapel, canyoning, rafting, tirolesa, passeios off road, trekking, etc.

Sengés, por sua formação geológica é também pródiga em atrativos naturais. A grande quantidade de rios que cercam o local, como o Jaguaricatú, Itararé, Jaguariaíva e outros menores, muitos com seus leitos lajeados, são responsáveis por belas cachoeiras. Entre elas a do Corisco, no Rio Capivari, com singular beleza e 98 metros de queda; do Lajeado Grande, que tem aos seus pés uma imensa piscina natural; o Poço do Encanto, um salto do rio Funil, ladeado de exuberante vegetação; e as Grutas da Barreira, com sua motivação místico-religiosa e natureza pródiga.

O município de Itararé sede da coleta de dados referente ao turismo nesta região, está localizado a sudoeste do Estado de São Paulo, a aproximadamente 336 km da capital. A altitude da sede é de 750 metros, com um relevo suavemente ondulado, mas que chega a atingir a elevação máxima de 1.200 metros acima do nível do mar. Conta com um extenso

⁶ Vale formado pelo Rio Jaguariaíva com uma extensão de aproximadamente 9 km e um paredão de pedras de mais ou menos 200 metros de altura. Localiza-se a menos de 10 km da cidade, à margem direita da rodovia PR-151. Frisa-se que há necessidade de licença para visitas à Represa, que pode ser obtida na portaria da Indústria Matarazzo, no centro de Jaguariaíva.

⁷ Em uma das margens do Vale do Codó, existe uma escarpa arenítica abrupta, de aproximadamente 100 metros, onde ocorreu a formação da imagem de Nossa Senhora Aparecida pela erosão fluvial e eólica. Todo o ano há uma cerimônia religiosa, bastante concorrida, com celebração de missa e outras atividades. Durante o evento, a estrada que dá acesso à base do paredão fica cheia deromeiros. Na base do paredão há um altar, com uma cruz, no qual são depositadas oferendas. Próximo ao altar, há uma fenda no arenito que produz uma espécie de gruta, de fácil acesso, com pouco mais de 30 metros. No fim da gruta há uma nascente de água que os fiéis colhem, pois acredita-se que ela tenha poderes curativos. A Santa do Paredão está localizada a 24 km da sede do município. O acesso é pela estrada de terra que atravessa o Vale do Codó, sendo que existem placas indicando onde deixar a estrada e iniciar a subida do paredão. Continuando a subida do paredão, pode-se chegar ao topo da formação e ter uma das mais belas vistas da região, pois lá é um dos pontos mais altos dos Campos Gerais e do Paraná.

planalto circundado pelo final da serra de Paranapiacaba e início da Serra Geral que corta todo o sul do país. Este município encontra-se ainda a 169 km de Ponta Grossa, principal cidade dos CGP⁸ e a 279 km de Curitiba. O município de Itararé, assim como Jaguariaíva e Sengés, fez parte da Rota de Viamão⁹, caminho que ligava o sul do país a São Paulo e viabilizava o comércio entre as regiões no século XVIII. Estes municípios tiveram o seu nascimento ligado a um mesmo fato histórico e, hoje, mais uma vez estão em proximidade, desta vez em relação a este recente fenômeno da economia que é o turismo ligado aos recursos naturais.

O outro município destacado pela prática das AFANs na região dos CGP é Tibagi. Este, ao contrário dos outros dois municípios, conta com um trabalho de divulgação do próprio município e com empresas locais que exploram a atividade do turismo de aventura.

As atividades de aventura oferecidas em Tibagi são o trekking, o enduro equestre, o rafting, o bóia cross, a canoagem, o rapel/canyoning e biking. O município registra em média 20.000 visitas/ano no Parque Estadual do Guartelá, mais conhecido como Cânion Guartelá.

Tibagi está situada em meio a formações de várias serras e é cortada por vários rios, o que lhe confere recursos naturais e condição privilegiada para a prática das atividades de aventura na natureza. Entre as serras que cercam o município estão a Serra da Taquara, na divisa com o município de Castro; a Serra dos Macacos, na divisa com o município de Ivaí; a Serra do Falcão, na divisa com os municípios de Reserva e Telêmaco Borba; a Serra das Furnas, na divisa com o município de Piraí do Sul; o Morro do Caixão, na divisa com o município de Ipiranga; e a Serra do Roncador, com altitude de 1.077m. Os rios que cortam a

⁸ Ver nota n° 2.

⁹ O Brasil que conhecemos hoje foi, em larga medida, desenhado, e até mesmo descoberto, durante o século XVIII, quando Tropeiros fizeram integrar o distante Sul ao Império, abrindo e percorrendo os “Caminhos Tropeiros”, dos quais o mais significativo e famoso foi o “Caminho do Viamão”, que, saindo de Sorocaba, levava aos campos gaúchos. Deste imenso trânsito, nasceram algumas das grandes cidades do Sul de hoje, como Castro, Ponta Grossa, Mafra, Lages, Vacaria, Passo Fundo, Carazinho. Foram, em seu início, pouso e repasto de tropas, raízes de uma cultura e uma civilização que moldaram o País. Entre Sorocaba e Ponta Grossa nasceram, entre outros, os municípios de Jaguariaíva, Sengés e Itararé.

cidade são: o rio Imbaú; o rio Alegre; o rio Capivari; o rio Tibagi; o rio Fortaleza; e o rio Iapó, no qual se forma o Cânion Guartelá. O município de Tibagi está localizado a 226 km da capital Curitiba, a 101 km de Ponta Grossa e a 639 km de São Paulo.

A contemplação desses três municípios dos CGP resultou – conforme a explicação a respeito dos municípios de Jaguariaíva e Sengés – em apenas dois os locais para coleta de dados (Itararé e Tibagi). A intenção, conforme exposto no capítulo “Procedimentos Metodológicos”, era ampliar para três os locais destinados à coleta de dados. Assim, com ciência de que o município de Prudentópolis – bastante próximo da sede dos CGP – estaria se destacando pela oferta do turismo de aventura, este foi incorporado às outras duas localidades como fonte de apreciação e coleta de dados.

Este último município, muito conhecido por suas belezas naturais, não pertence, como também já foi exposto no capítulo referenciado a cima – mediante a classificação apresentada – à delimitação CGP. Dessa forma, dois esclarecimentos são pertinentes. O primeiro tem como objetivo pontuar que a eleição dos CGP como foco desta pesquisa de campo não se constitui em amarras; visa, isto sim, um mínimo de delimitação espacial que, ao mesmo tempo, esteja ligada à possibilidade de ser executada e a pertinência¹⁰ de sua escolha em relação ao tema da pesquisa. O segundo objetiva esclarecer que, apesar do não pertencimento à região dos CGP, este município encontra-se mais próximo de Ponta Grossa, município de maior destaque dos CGP e responsável por um dos indicadores de pertencimento ou não a esta região – conforme descrito em nota de rodapé deste capítulo – do que muitos dos municípios que pertencem a esta delimitação regional. Esses esclarecimentos objetivam o esclarecimento a respeito da validade da presença deste município entre as fontes de coleta de dados.

¹⁰ Em relação a sua pertinência: no que diz respeito à riqueza deste município quanto às belezas naturais, é incontestável, conforme se poderá apreciar na descrição que se realizará na seqüência.

A localização exata do município de Prudentópolis em relação à sede dos CGP e às principais capitais emissoras de turistas para a região é a seguinte: 93 km de Ponta Grossa e 207 km de Curitiba. A sua distância em relação a São Paulo é de aproximadamente 656 km.

O município entrou no roteiro turístico em razão de suas belas cachoeiras, e tornou-se conhecido como a terra das cachoeiras gigantes. Dentre os atrativos turísticos desta região estão: o Salto São Francisco, o mais popular e um dos cartões postais do município que, com mais de 196 m de altura e de queda livre, é considerado o salto mais alto da região sul e um dos mais altos do país; Salto São João que, com 84 m de altura, grande volume de água e fácil acesso tornou-se um dos pontos mais visitados; Salto Barra Grande e Fazenda Velha (Saltos Gêmeos) de aproximadamente 130 e 100 m de altura, respectivamente, mas de difícil acesso; Salto São Sebastião que, com 120 m de altura e devido ao pouco volume de água é muito procurado para a prática do rapel; Salto Mlot e Cachoeira do Miguel, saltos consecutivos com 120 e 5 m, respectivamente, e que são também bastante propícios para o rapel e o canyoning; Salto Barão do Rio Branco, um salto com 64 m de altura, com significativo volume de água e com uma infra-estrutura bastante apropriada para a visita, incluindo uma escadaria com 478 degraus que possibilita a chegada à base do salto; Salto Jacutinga, com 85 m de queda, mas de difícil acesso; Salto Manduri, com 30 m de altura e 100m de largura, situado no Recanto Rickli, propriedade privada com área para acampamento, chalé, piscina com tobogã, mesas, bancos, churrasqueira, sanitários, lanchonete, playground e quadra esportiva de areia; há também o Recanto Cassiano, um local de lazer público, administrado pela prefeitura.

1.1 A aventura em Itararé

Em Itararé, o contato estabelecido para o início das investigações foi com o Gerente Administrativo do Itararé Hotel e também proprietário de uma agência de turismo no local. De acordo com as informações fornecidas por este informante (1), o município de Itararé tem um movimento turístico satisfatório nos anos em que os feriados caem nas sextas e segundas, proporcionando os feriados prolongados. Nestas situações o município recebe, em média, cerca de 150 turistas por final de semana.

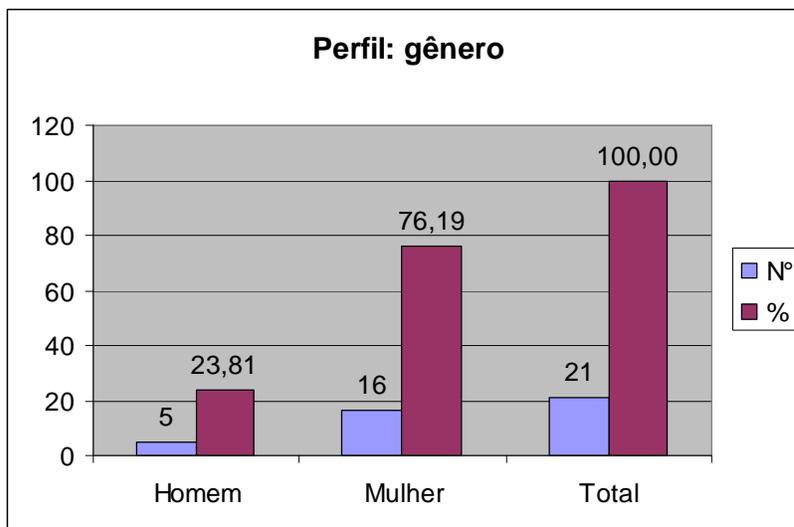
Em decorrência dessas informações, o feriado prolongado do carnaval de 2006 foi o palco da coleta das primeiras informações junto aos aventureiros. O número de turistas neste feriado esteve dentro da média de receptividade da cidade, cerca de 150 turistas. Hospedados no Itararé Hotel¹¹, e sob a organização da referida agência de turismo, encontravam-se 67 turistas, divididos em três grupos: um de 35, um de 17 e outro de 15.

A opção foi acompanhar o grupo maior para facilitar o contato com o maior número possível de informantes. Há certa dificuldade de obter informações em virtude dos turistas estarem envolvidos com os pacotes de atividades, e também em função dos grupos se dirigirem para diferentes locais.

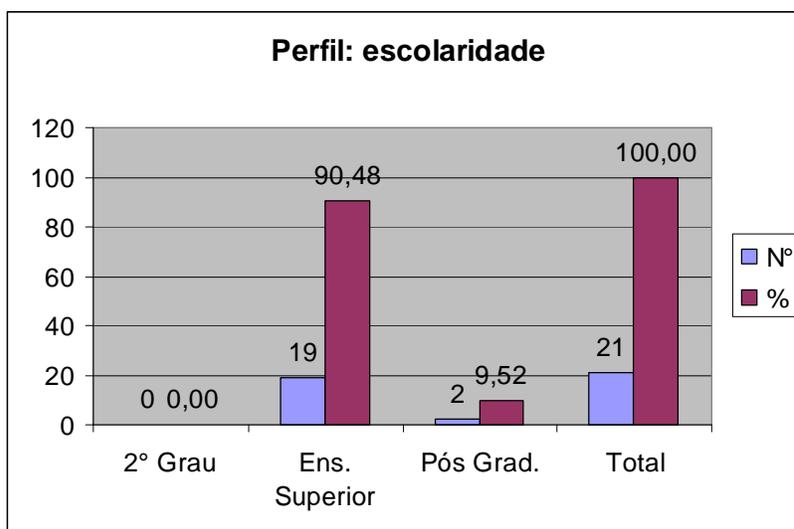
O procedimento padrão foi a apresentação da pesquisa e a solicitação da colaboração dos turistas para com a coleta de dados. Os trinta e cinco componentes do referido grupo se prontificaram a colaborar com a pesquisa apresentada. No entanto, devido à conciliação entre as atividades a serem praticadas pelos referidos turistas, deslocamento entre essas atividades e o tempo que dispunham para responder as questões, obteve-se um total de vinte e um informantes.

¹¹ Optou-se por concentrar a busca de informações no Itararé Hotel por ser este o hotel de maior capacidade de hospedagem da cidade e por oferecer maior organização no que diz respeito às atividades de aventura na natureza.

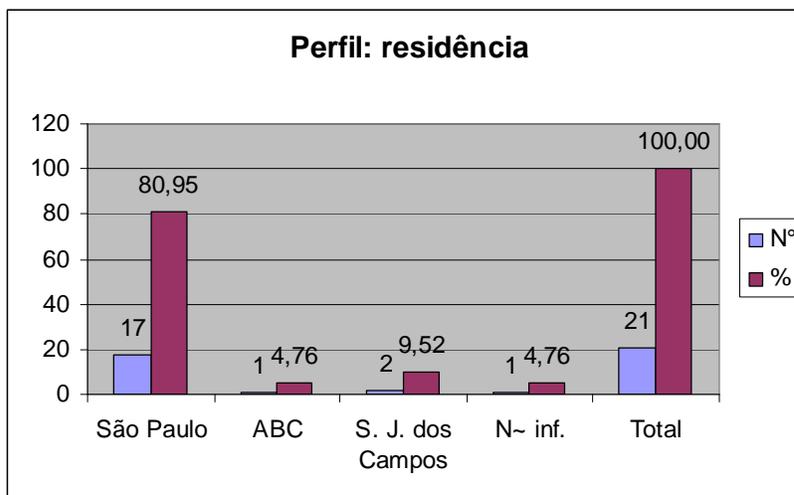
O perfil deste grupo de informantes pode ser acompanhado nos quadros e gráficos dispostos na seqüência:



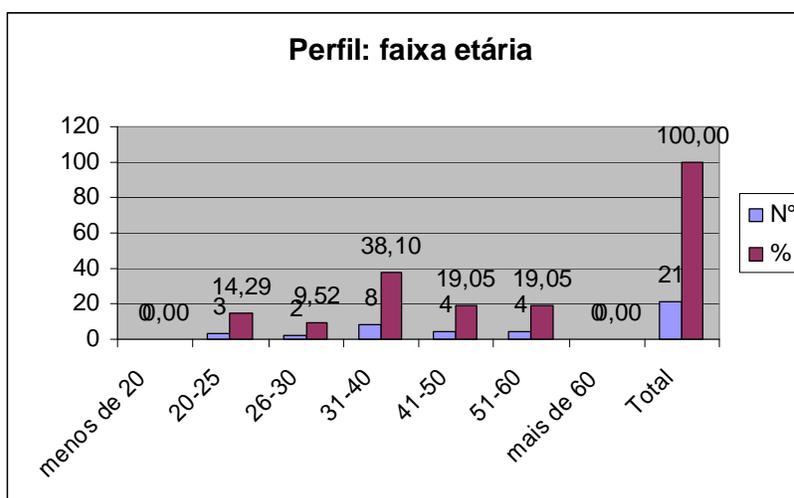
As mulheres formam um bloco de significativa maioria, dezesseis dos vinte e um informantes, ou seja, 76,2% deles são mulheres, representação esta que, segundo observação realizada, se amplia para o grupo acompanhado e para todo o conjunto de grupos que compunham o quadro de hóspedes do hotel;



Todos os informantes tinham formação superior e, dois deles, perfazendo uma representação na ordem de 9,5%, tinham pós-graduação;



Dezessete deles, ou seja, 80,9% do grupo em questão, residem em São Paulo, dois residem em São José dos Campos, representando 9,6%, um reside em São Caetano do Sul, representando 4,8% e um não informou. Os dados obtidos neste levantamento assemelham-se aos indicados pelo informante (1) em entrevista que antecedeu a esta etapa da coleta. De acordo com este entrevistado, cerca de 80% dos turistas que buscam este tipo de turismo na região são da capital paulista, 10% do ABC paulista e os outros 10% de cidades do interior que apresentam uma urbanização bastante acentuada, sobretudo Campinas. Neste feriado em específico não havia ninguém de Campinas, mas estavam ali turistas de São José dos Campos que, apesar de uma cidade do interior, apresenta um desenvolvimento urbano significativo;



Com a divisão por faixa etária é possível verificar que as pessoas mais maduras e, factivelmente, ativas profissionalmente constituem a maioria deste público em busca de atividades na natureza: com menos de 20 anos não havia ninguém; o público com idade entre 20 e 25 anos era de 14% da população em questão, e entre 26 e 30 anos perfaziam um percentual de 9,5%; já a faixa etária entre 31 e 40 anos estava significativamente representada, construindo uma representatividade de 38%; as faixas de 41 a 50 e de 51 a 60 anos, também com boa representatividade, constituíram cada uma um percentual de 19%.

Todos os inquiridos tinham uma ocupação profissional. Apesar das ocupações variarem bastante é factível a interpretação de que há uma semelhança entre elas: um grau de envolvimento mental bastante acentuado e uma relação com formas de controle e autocontrole com igual predominância. Entre as profissões encontrou-se:

Administração/Gerente de Execução	I	Gerente de Projetos	I
Analista de Assuntos Internacionais	I	Governo	I
Analista Contábil	II	Informática	I
Analista de Comércio Exterior	I	Médica	II
Analista de Sistema	I	Psicóloga	I
Arquiteta	I	Secretária de Diretoria	I
Cirurgiã Dentista	I	Secretária Executiva	I
Comunicação Visual	I	Tecnólogo Eletrônico	I
Engenheiro Mecânico	I	Terapeuta	I
Geógrafa	I		

Tabela 1: *Identificação das profissões*

Muito melhor que apenas a interpretação de quem vê de fora é o cruzamento desta interpretação com a percepção de quem está verdadeiramente inserido na realidade em questão. Com o intuito de mensurar a percepção de cada indivíduo em relação à sua atividade profissional e cotidiana foi perguntado a eles como as sentiam: se tranqüila ou estressante e, se emocionante ou rotineira; com uma variação, partindo do zero, em dois pontos para cada lado desses sentimentos antagônicos.

	N°	%
Tranquila +2	2	9,52
Tranquila +1	2	9,52
0	4	19,05
Estressante -1	12	57,14
Estressante -2	1	4,76
Total	21	100,00

Tabela 2: Atividades profissionais e do cotidiano

	N°	%
Emocionante +2	2	9,52
Emocionante +1	3	14,29
0	10	47,62
Rotineira -1	5	23,81
Rotineira -2	1	4,76
Total	21	100,00

Os dados apresentados na tabela acima realçam o fato de que a maioria das pessoas tem o sentimento de que as suas atividades profissionais e do cotidiano são estressantes e com certa carga de rotina. Apenas 19% da população abordada consideram as suas atividades profissionais e do cotidiano tranqüilas, enquanto 81% variam entre o meio da escala entre esses sentimentos antagônicos e o muito estressante; apenas 24% desta mesma população consideram essas mesmas atividades emocionantes, enquanto 76% variam entre o meio da escala e o muito rotineiras.

Para ajudar ou complementar o entendimento do sentimento que acomete essas pessoas em relação ao seu dia-a-dia foi perguntado a elas como classificam o deslocamento e tempo de articulação entre as suas atividades diárias. As respostas podem ser acompanhadas na tabela que segue abaixo:

	N°	%
Ruim	3	14,29
Muito ruim	1	4,76
Cansativo	2	9,52
Estressante	3	14,29
Corrido	2	9,52
Bom	5	23,81
Não respondeu	5	23,81
Total	21	100,00

Tabela 3: Deslocamento e articulação entre as atividades diárias

De acordo com as respostas apresentadas neste quadro 52% da população em foco têm considerações negativas em relação à condição de deslocamento a que se submetem em seu dia-a-dia. Destes, 24% o consideram bom e outros 24% não responderam a esta questão.

Ainda em auxílio à ampliação do entendimento do sentimento tratado logo acima, perguntou-se a estas mesmas pessoas como definem o seu ritmo de vida.

	N°	%
Corrido	1	4,76
Corrido e rotineiro	3	14,29
Corrido e estressante	1	4,76
Corrido e agitado	1	4,76
Corrido, agitado e estressante	5	23,81
Corrido, rotineiro e estressante	1	4,76
Corrido, rotineiro e agitado	1	4,76
Agitado	1	4,76
Agitado, rotineiro	1	4,76
Agitado, rotineiro e estressante	1	4,76
Rotineiro	1	4,76
Confortável, rotineiro e agitado	1	4,76
Confortável e corrido	1	4,76
Confortável	2	9,52
Total	21	100,00

Tabela 4: Ritmo de vida

A tabela mostra que apenas 19% desta população consideram o seu ritmo de vida confortável. Entretanto, mesmo entre estes 19% há os que apesar de considerarem-no confortável, consideram-no, ainda, agitado, rotineiro ou corrido. Na verdade, dos 19% que o citam como confortável apenas 50% entendem o seu ritmo de vida como somente confortável, ou seja, apenas 9,5% do total da população inquirida. Desta população, 81% classificam o seu ritmo de vida como corrido, agitado, rotineiro, estressante e, em grande parte dos casos, uma combinação destes adjetivos e seus significados.

Um outro dado levantado entre os informantes diz respeito às atividades físicas de satisfação motora e emocional no dia-a-dia destes. A este respeito foi perguntado a eles se consideravam as atividades deste tipo satisfatórias ou insatisfatórias. O levantamento mostrou um equilíbrio numérico entre os que consideram que tais atividades ocorrem de forma satisfatória em suas vidas e os que as consideram insatisfatórias; contudo, com vantagem numérica dos que as consideram satisfatória.

	N°	%
Satisfatória +2	2	9,52
Satisfatória +1	10	47,62
0	1	4,76
Insatisfatória -1	8	38,10
Insatisfatória -2		0,00
Total	21	100,00

Tabela 5: Atividades físicas de satisfação motora e emocional

Na seqüência, apresentam-se questões que visam a apreensão do significado das AFANs para as pessoas que buscam por esse tipo de atividades. A primeira questão tem em sua formulação a intenção de captar o porquê das pessoas estarem procurando por atividades de aventura na natureza. Dentre os motivos destacam-se:

	N°	%
Reencontro com a natureza; alívio das tensões	1	4,76
Reencontro com a natureza; alívio das tensões; busca por aventura	1	4,76
Reencontro com a natureza; alívio das tensões; levado pelas circunstâncias	1	4,76
Reencontro com a natureza; alívio das tensões; fonte de emoção	1	4,76
Reencontro com a natureza; alívio das tensões; fonte de emoção; busca por aventura	1	4,76
Reencontro com a natureza; alívio das tensões; fonte de emoção; levado pelas circunstâncias	1	4,76
Reencontro com a natureza; alívio das tensões; fonte de emoção; quebra da rotina; busca por aventura	3	14,29
Reencontro com a natureza; alívio das tensões; quebra da rotina; atividade de destreza física; curiosidade	1	4,76
Reencontro com a natureza; alívio das tensões; quebra da rotina; atividade de destreza física; busca por aventura	1	4,76
Reencontro com a natureza; alívio de tensões; quebra da rotina	4	19,05
Reencontro com a natureza; fonte de emoção, busca por aventura	1	4,76
Reencontro com a natureza; quebra da rotina; busca por aventura	2	9,52
Reencontro com a natureza; quebra da rotina	1	4,76
Quebra da rotina; alívio de tensões	2	9,52
Total	21	100,00

Tabela 6: O porquê da busca por atividades de aventura

A apuração das respostas mostra que o reencontro com a natureza é o grande fator a impulsionar as pessoas às AFANs. Apenas 9,5% das pessoas investigadas não apontaram o reencontro com a natureza como um dos fatores que as levaram a essas atividades. O reencontro com a natureza é citado por 90,5% dos informantes; seguido do fator alívio das tensões, apontado por 90% desta população com um dos fatores que as levaram às AFANs; na seqüência, com 66,5% aparece a quebra da rotina, seguida do fator busca por aventura com 43% e do fator fonte de emoção com 33%; 9,5% apontaram o fator destreza física a leva-lo a este tipo de experiência; 9,5% dos informantes apontam o fator levado pelas circunstâncias com um dos que o teriam levado a essas atividades e 4,7% apontam a curiosidade. Em ambos os casos esses fatores aparecem em conjunto com outros mais frequentemente citados, como mostrado acima. A classificação dos fatores mais citados é mostrada na tabela abaixo:

	N°	%
Reencontro com a natureza	19	90,48
Alívio das tensões	17	80,95
Quebra da rotina	14	66,67
Busca por aventura	9	42,86
Fonte de emoção	7	33,33
Levado pelas circunstâncias	2	9,52
Atividade de destreza física	2	9,52
Curiosidade	1	4,76
Total	21	100,00

Tabela 7: Classificação dos fatores ligados aos porquês da busca por atividades de aventura

Os destaques são: o reencontro com a natureza, o alívio das tensões, a quebra da rotina, a busca por aventura e o fator fonte de emoção. Tais apontamentos vão ao encontro das formulações teóricas construídas nos capítulos iniciais deste estudo, os quais dizem respeito às necessidades desencadeadas pelo processo civilizador e às atividades de lazer criadas para a satisfação dessas necessidades.

Três outras questões foram feitas no sentido de promover uma melhor compreensão do sentimento que acomete estas pessoas em relação às AFANs. A primeira pede que se posicionem frente a uma possível relação entre as atividades de aventura na natureza e a solução para as pressões da vida moderna. Para esta questão, novamente adotou-se a técnica do diferencial semântico, utilizando-se os opostos fundamental e insignificante. O resultado é demonstrado na tabela abaixo:

	N°	%
Fundamental +2	8	38,10
Fundamental +1	10	47,62
0	2	9,52
Insignificante -1	1	4,76
Insignificante -2	0	0,00
Total	21	100,00

Tabela 8: Relação entre AFANs e a solução para as pressões da vida moderna

O resultado mostra que 85% dos informantes consideram as AFANs fundamentais no que diz respeito à solução para as pressões da vida moderna; 38% consideram-nas extremamente fundamentais.

Uma outra questão levada aos informantes diz respeito às atividades de aventura na natureza de maior preferência e por quê? A atividade mais apontada foi o trekking. A

caminhada na mata é destacada pela busca do contato com a natureza, com o verde, , com a água e a beleza das cachoeiras. O rafting e as atividades verticais como o rapel, o cascating e a escalada também foram bastante citados; pelos mesmos motivos apresentados no trekking, mas acrescidos, nestes casos, de uma dose maior de necessidade de aventura.

A última questão tem por objetivo buscar conhecer os fatores que influenciam os informantes em sua escolha pelas atividades de aventura a que estão participando. Mais uma vez adotou-se a técnica do diferencial semântico. O diferencial semântico entre fundamental e insignificante foi proposto como o alargamento da possibilidade de resposta para as cinco opções relacionadas a esta questão. Assim, ao responder sobre a que estaria relacionada a sua escolha pela atividade em questão o informante teve, como possibilidade de resposta: necessidade de excitação emocional; necessidade de viver experiências diferentes do cotidiano urbano; sensação de que o risco inerente a estas atividades está sob controle; sensação de segurança amparada na evolução tecnológica e eficiência mecânica/funcional do equipamento utilizado; sensação de segurança amparada na confiança nos guias e instrutores. O quadro abaixo permite a visualização da realidade obtida:

Excitação emocional	Nº	%
Fundamental +2	4	19,05
Fundamental +1	7	33,33
0	7	33,33
Insignificante -1	3	14,29
Insignificante -2	0	0,00
Total	21	100,00

Experiências diferentes do cotidiano urbano	Nº	%
Fundamental +2	13	61,90
Fundamental +1	7	33,33
0	1	4,76
Insignificante -1	0	0,00
Insignificante -2	0	0,00
Total	21	100,00

Risco sob controle	Nº	%
Fundamental +2	7	33,33
Fundamental +1	6	28,57

0	4	19,05
Insignificante -1	3	14,29
Insignificante -2	1	4,76
Total	21	100,00

Evolução tecnológica do equipamento utilizado	N°	%
Fundamental +2	7	33,33
Fundamental +1	6	28,57
0	6	28,57
Insignificante -1	1	4,76
Insignificante -2	0	0,00
Não respondeu	1	4,76
Total	21	100,00

Confiança nos guias e instrutores	N°	%
Fundamental +2	11	52,38
Fundamental +1	8	38,10
0	2	9,52
Insignificante -1	0	0,00
Insignificante -2	0	0,00
Total	21	100,00

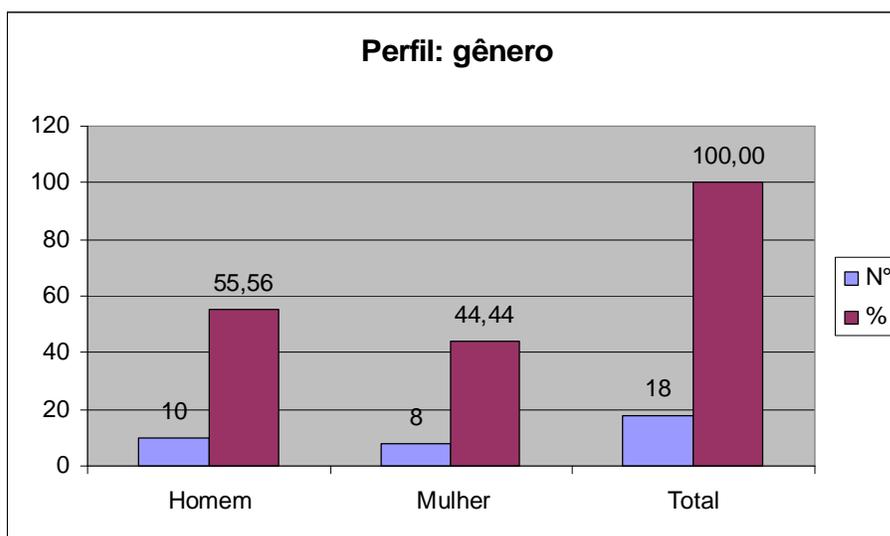
Tabela 9: Fatores de influência sobre a escolha pelas atividades de aventura

Os dados mostram que a necessidade de excitação emocional atua de forma significativa sobre o público em questão; mostram, além disso, e com grande destaque, que a necessidade de experiências diferentes do cotidiano urbano acomete de forma ainda mais significativa as pessoas imersas no meio urbano. Pode-se também observar que a sensação de que o risco está sob controle e a confiança na tecnologia e eficiência do equipamento são fatores que influenciam na busca destes turistas por atividades de aventura; contudo, destaque também é dado à confiança nos guias e instrutores.

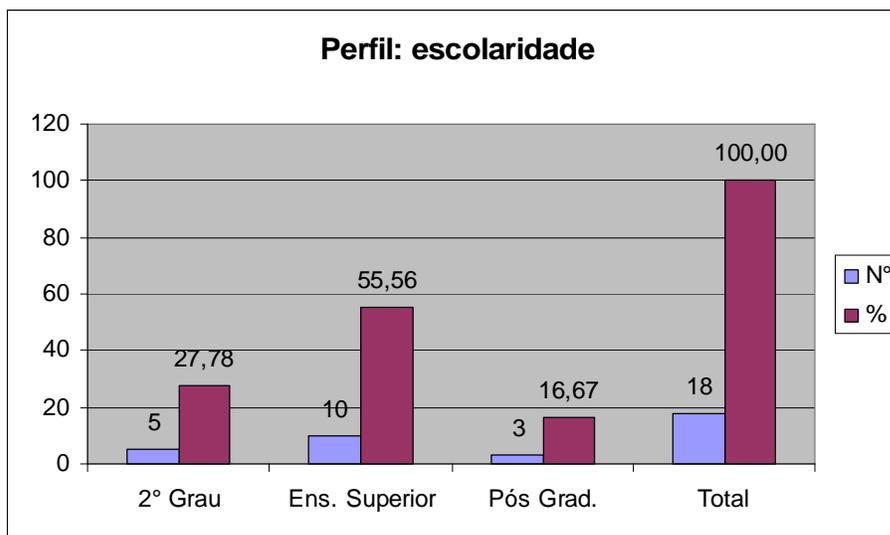
1.2 A aventura em Tibagi

Em Tibagi, a forma escolhida para o contato com os turistas foi a ida até um local chamado Salto Santa Rosa. Esse procedimento foi adotado em virtude dos guias turísticos terem direcionado os grupos para o referido local na manhã do dia 15 de abril, um sábado de feriado prolongado. Neste local há um sítio que disponibiliza almoço caseiro para os turistas. Este foi, precisamente, o local estabelecido para a coleta de dados em Tibagi.

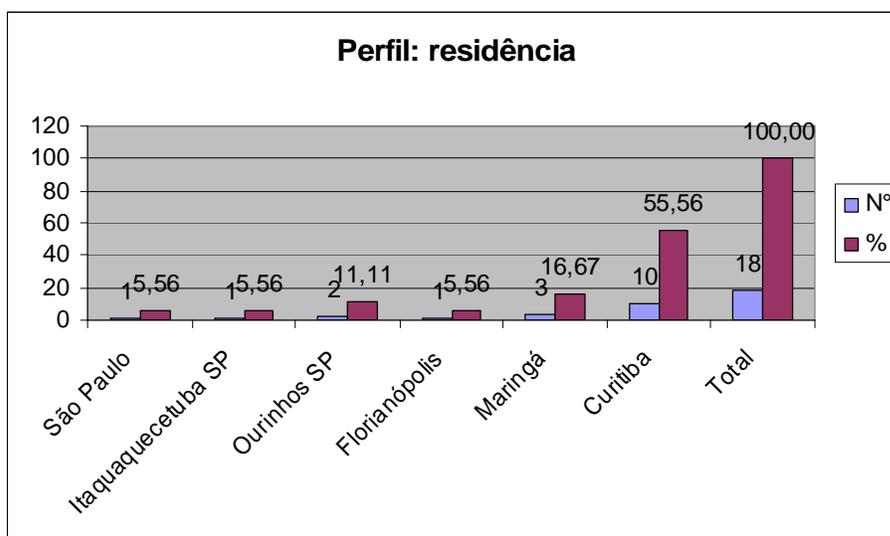
Passaram pelo local, naquela manhã, três grupos de turistas. Um deles, levado por um guia local, informante (2), que se mostrou bastante solícito em relação ao fornecimento de informações. Segundo informações cedidas por este guia, a maior parte dos turistas que se dirigem àquela região é de Curitiba, seguidos por paulistas e depois por paranaenses de outras cidades. Um outro dado fornecido por este informante é que os turistas que se dirigem à Tibagi o fazem individualmente e/ou em família, e poucos o fazem por agências de turismo. De um total de aproximadamente 25 pessoas que estavam naquele local no dia acima citado, 18 se disponibilizaram a colaborar respondendo o questionário. O perfil deste grupo de informantes assim se constituiu:



Neste grupo de informantes verifica-se uma quase igualdade de homens e mulheres presentes no local, com uma leve superioridade masculina – 47,62% de homens contra 38,10% de mulheres.

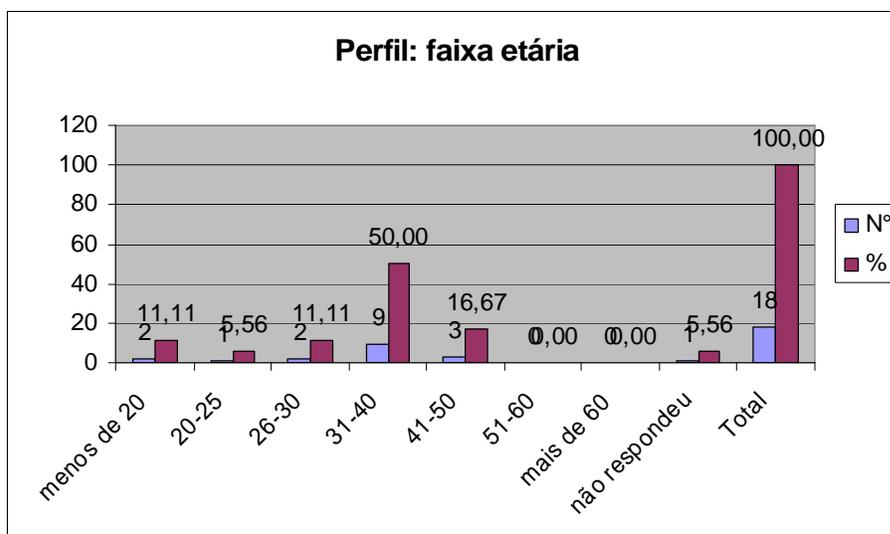


A maioria deste grupo de turistas tem o nível superior – cerca de 62%; e 30% destes possuem pós-graduação – o que corresponde à 14% do total de informantes. Os outros 24% possuem o 2º grau.



Do grupo em questão a maioria era de Curitiba, com um total de 47,62% das pessoas presentes. Maringá-PR estava representada com 14,29% dos presentes; Florianópolis-

SC com 4,76%; do estado de São Paulo estavam presentes 19,04% dos presentes – 9,52 de Ourinhos; 4,76% de Itaquaquecetuba; e 4,76% da capital.



A divisão por faixa etária continua indicando que as pessoas mais maduras e ativas profissionalmente constituem a maioria do público em busca de atividades na natureza: com menos de 20 anos havia apenas duas pessoas – 9,52% dos presentes; o público com idade entre 20 e 25 anos era de apenas 4,76% da população em questão, e entre 26 e 30 anos de 9,52%; já a faixa etária entre 31 e 40 anos estava mais uma vez significativamente representada, construindo uma representatividade de 42,86%; representando a faixa de 41 a 50 anos estavam presentes ainda 14,29%.

Deste grupo de inquiridos 83,33% tinham uma ocupação profissional. As ocupações mais uma vez variaram bastante, porém, também desta vez é factível a interpretação de que na maioria delas há um acentuado envolvimento mental e uma relação das condutas pertinentes a estas atividades com as formas de autocontrole estudadas anteriormente. Entre as profissões encontrou-se:

Auxiliar de Enfermagem	I	Estudante	II
Advogado	III	Gerente Tecnologia da Informação	I
Agente de viagens	I	Informática	I
Analista de Sistema	I	Marketing	I

Coordenadoria MCT		Professora	
Comerciante		Representante Comercial	
Do lar		Turismólogo	
Engenheiro Civil			

Tabela 1: *Identificação das profissões*

A tabela abaixo é o resultado da percepção daqueles que estão verdadeiramente inseridos na realidade em questão. É o resultado da percepção de cada indivíduo em relação à sua atividade profissional e cotidiana.

Tranqüila +2	1	5,56
Tranqüila +1	4	22,22
0	1	5,56
Estressante -1	10	55,56
Estressante -2	2	11,11
Total	18	100,00

Tabela 2: *Atividades profissionais e do cotidiano*

Emocionante +2	2	11,11
Emocionante +1	5	27,78
0	6	33,33
Rotineira -1	3	16,67
Rotineira -2	2	11,11
Total	18	100,00

Os dados apresentados nesta tabela mais uma vez realçam o fato de que a maioria das pessoas tem o sentimento de que as suas atividades profissionais e do cotidiano são estressantes e com certa carga de rotina. Apenas 28% da população abordada consideram as suas atividades profissionais e do cotidiano tranqüilas, enquanto 72% variam entre o intermediário e o muito estressante; é verdade que 39% desta população consideram essas mesmas atividades emocionantes, contudo, 61% variam entre o meio da escala e o muito rotineiras.

O deslocamento e o tempo de articulação entre as atividades diárias deste grupo de informantes, diferentemente do primeiro grupo, não é, na sua maioria, considerado ruim. Na verdade, a maioria o considera bom. As respostas podem ser acompanhadas na tabela que segue abaixo:

	Nº	%
Ruim	1	5,56
Corrido	4	22,22
Bom	7	38,89
Médio	2	11,11
Não respondeu	4	22,22
Total	18	100,00

Tabela 3: *Deslocamento e articulação entre as atividades diárias*

De acordo com as respostas apresentadas neste quadro 50% da população em foco têm considerações positivas em relação à condição de deslocamento a que se submetem em seu dia-a-dia. Deste grupo, 22% o consideram corrido, outros 22% não responderam e apenas 5,56% o consideram ruim.

No entanto, o sentimento dessas pessoas a respeito do seu ritmo de vida é carregado de aspectos negativos – apesar de considerarem boas as condições de deslocamento de onde residem. Elas assim se manifestaram:

	Nº	%
Corrido	1	5,56
Corrido e rotineiro	4	22,22
Corrido e estressante	2	11,11
Corrido e agitado	1	5,56
Corrido, agitado e estressante	2	11,11
Corrido, rotineiro e estressante	1	5,56
Agitado e rotineiro	1	5,56
Agitado e estressante	1	5,56
Estressante	2	11,11
Estressante e rotineiro	1	5,56
Confortável, rotineiro e estressante	1	5,56
Confortável	1	5,56
Total	18	100,00

Tabela 4: *Ritmo de vida*

Em relação a este quadro, 89% da população classificam o seu ritmo de vida como corrido, agitado, rotineiro, estressante e, em grande parte dos casos, uma combinação destes sentimentos.

Em relação às atividades físicas de satisfação motora e emocional – no dia-a-dia – o levantamento mostrou, neste grupo de informantes, uma superioridade numérica de pessoas que consideram que tais atividades ocorrem de forma insatisfatória.

Satisfatória +2	2	11,11
Satisfatória +1	4	22,22
0	3	16,67
Insatisfatória -1	3	16,67
Insatisfatória -2	6	33,33
Total	18	100,00

Tabela 5: *Atividades físicas de satisfação motora e emocional*

A seguir, apresentam-se questões que visam a apreensão do significado das AFANs para as pessoas presentes no local da coleta de dados. A primeira questão, relacionada ao porquê das pessoas estarem procurando por atividades de aventura na natureza mostra que, dentre os motivos estão:

	N°	%
Reencontro com a natureza; alívio das tensões; busca por aventura; quebra da rotina	1	5,56
Reencontro com a natureza; alívio das tensões; quebra da rotina	2	11,11
Reencontro com a natureza; alívio das tensões; fonte de emoção; busca por aventura	2	11,11
Reencontro com a natureza; alívio das tensões; fonte de emoção; quebra da rotina; busca por aventura; curiosidade	2	11,11
Reencontro com a natureza; alívio das tensões; fonte de emoção; quebra da rotina; busca por aventura; atividade de destreza física; curiosidade	2	11,11
Reencontro com a natureza; alívio das tensões; quebra da rotina; curiosidade	1	5,56
Reencontro com a natureza; alívio de tensões; quebra da rotina; levado pelas circunstâncias	1	5,56
Reencontro com a natureza; fonte de emoção, busca por aventura; quebra da rotina	1	5,56
Reencontro com a natureza; quebra da rotina; busca por aventura; atividade de destreza física	1	5,56
Reencontro com a natureza; quebra da rotina	1	5,56
Reencontro com a natureza; busca por aventura	1	5,56
Alívio de tensões	1	5,56
Levado pelas circunstâncias; fonte de emoção	1	5,56
Levado pelas circunstâncias; fonte de emoção; quebra da rotina	1	5,56
Total	18	100,00

Tabela 6: O porquê da busca por atividades de aventura

Com a apuração das respostas verificou-se, mais uma vez, que o reencontro com a natureza é o grande fator a impulsionar as pessoas às AFANs. Apenas 16,5% das pessoas investigadas não apontaram o reencontro com a natureza como um dos fatores que às levaram a essas atividades. O reencontro com a natureza é citado por 83% dos informantes; seguido do fator quebra da rotina, apontado por 72% desta população. Na seqüência aparecem: com 66,5%, alívio das tensões; com 55,5%, busca por aventura; com 50%, fonte de emoção; com 11% o fator destreza física. O fator levado pelas circunstâncias e o fator curiosidade aparecem, cada um deles, com um dos fatores que teriam levado os informantes a essas atividades em 16,5% das respostas – em ambos os casos esses fatores aparecem em conjunto com outros fatores mais frequentemente citados, como mostrado acima.

Estes apontamentos vão ao encontro das respostas conferidas com o primeiro grupo investigado. A classificação dos fatores mais citados é mostrada na tabela abaixo:

	Nº	%
Reencontro com a natureza	15	83,33
Quebra da rotina	13	72,22
Alívio das tensões	12	66,67
Busca por aventura	10	55,56
Fonte de emoção	9	50,00
Levado pelas circunstâncias	3	16,67
Curiosidade	3	16,67
Atividade de destreza física	2	11,11
Total	18	100,00

Tabela 7: Classificação dos fatores ligados aos porquês da busca por atividades de aventura

Em relação ao posicionamento deste grupo frente a uma possível relação entre as atividades de aventura na natureza e a solução para as pressões da vida moderna o resultado, mais uma vez, não difere nem do contexto teórico e nem do resultado obtido com o primeiro grupo: 100% dos informantes consideram as AFANs fundamentais no que diz respeito à solução para as pressões da vida moderna, variando apenas em fundamentais e extremamente fundamentais. O resultado é demonstrado na tabela abaixo:

	Nº	%
Fundamental +2	9	50,00
Fundamental +1	9	50,00
0		0,00
Insignificante -1		0,00
Insignificante -2		0,00
Total	18	100,00

Tabela 8: Relação entre AFANs e a solução para as pressões da vida moderna

Em relação à preferência entre as atividades de aventura na natureza a atividade mais apontada foi novamente o trekking. No que se refere ao motivo pela preferência da caminhada na mata mais uma vez é destacado o contato com a natureza, as belezas naturais como a água e as cachoeiras. Outras atividades bastante citadas são o rafting e as atividades verticais como o rapel, o cascating e a escalada; os motivos são os mesmos apresentados no trekking, acrescidos, no entanto, de uma dose maior de necessidade de aventura.

A última questão tem como finalidade conhecer os fatores que influenciam os informantes em sua escolha pelas atividades de aventura a que estão participando. O quadro abaixo permite a visualização da realidade obtida:

Excitação emocional	Nº	%
Fundamental +2	5	27,78
Fundamental +1	7	38,89
0	5	27,78
Insignificante -1		0,00
Insignificante -2	1	5,56
Total	18	100,00

Experiências diferentes do cotidiano urbano	Nº	%
Fundamental +2	9	50,00
Fundamental +1	9	50,00
0		0,00
Insignificante -1		0,00
Insignificante -2		0,00
Total	18	100,00

Risco sob controle	Nº	%
Fundamental +2	6	33,33
Fundamental +1	5	27,78
0	5	27,78
Insignificante -1	1	5,56
Insignificante -2	1	5,56
Total	18	100,00

Evolução tecnológica do equipamento utilizado	Nº	%
Fundamental +2	8	44,44
Fundamental +1	4	22,22
0	4	22,22
Insignificante -1	2	11,11
Insignificante -2		0,00
Não respondeu		0,00
Total	18	100,00

Confiança nos guias e instrutores	Nº	%
Fundamental +2	10	55,56
Fundamental +1	2	11,11
0	6	33,33
Insignificante -1		0,00
Insignificante -2		0,00
Total	18	100,00

Tabela 9: Fatores de influência sobre a escolha pelas atividades de aventura

Os dados obtidos com este grupo, s mle ao primeiro grupo, mostram que a necessidade de excita o emocional atua de forma significativa sobre o público em questão; mas, mostram de forma ainda mais significativa, que a necessidade de experiências diferentes do cotidiano urbano acomete ainda mais intensamente as pessoas imersas no meio urbano. Pode-se também observar que a sensa o de que o risco está sob controle, a confiança na tecnologia e eficiência do equipamento e a confiança nos guias e instrutores são fatores que influenciam na busca destes turistas por atividades de aventura.

1.3 A aventura em Prudentópolis

Em Prudentópolis, a estratégia adotada para o contato com os turistas foi o deslocamento até um local chamado Ninho do Corvo – Parque de Aventuras. Esse procedimento foi adotado após a ciência de que os hotéis – na manhã do dia 14 de abril, a sexta-feira do feriado prolongado – haviam direcionado os grupos para o referido local. É uma prática comum – no local – a dos hotéis se utilizarem de uma mesma condução para levar os turistas aos locais de visitação. Com isso, são organizados pacotes para os passeios, e hospedes de diferentes hotéis compartilham do roteiro.

Neste local são ofertadas várias atividades na mata, como caminhadas por trilhas, tirolesas atravessando um cânion e também o rapel. Visinho a este local há também o Recanto Pehousk, um sítio com camping que disponibiliza almoço caseiro para os turistas – esses foram, precisamente, os locais escolhidos para a coleta de dados.

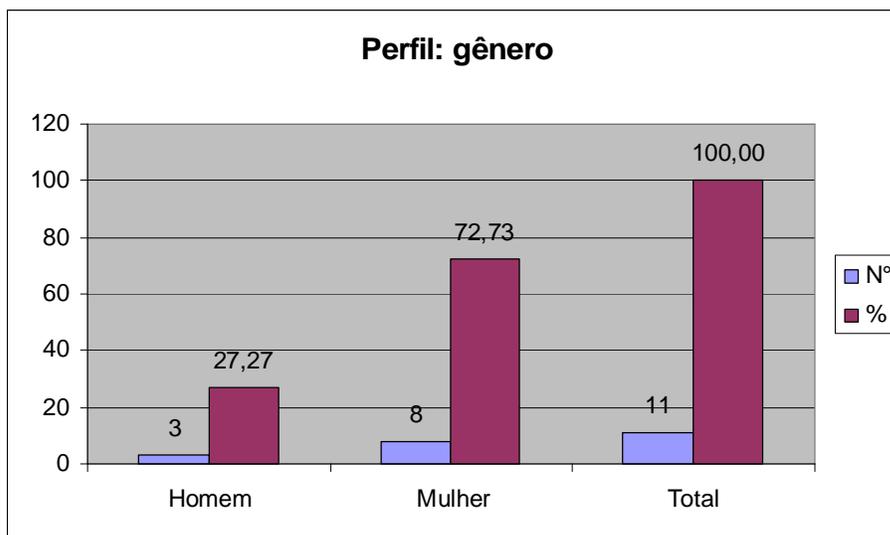
De acordo com as informações fornecidas pelo informante (3) – vinculado ao Ninho do Corvo –, em média, passam pelo local cerca de vinte turistas em finais de semana normais; mas o número aumenta em feriados prolongados com tempo bom – cerca de quarenta a sessenta.

Normalmente, segundo este informante, os turistas vindos de Curitiba apresentam-se em maior número, seguidos de turistas vindos de São Paulo. Contudo, uma observação é feita pelo proprietário: os turistas de São Paulo normalmente vêm por agências, diferentemente dos curitibanos que vêm por conta própria e em pequenos grupos.

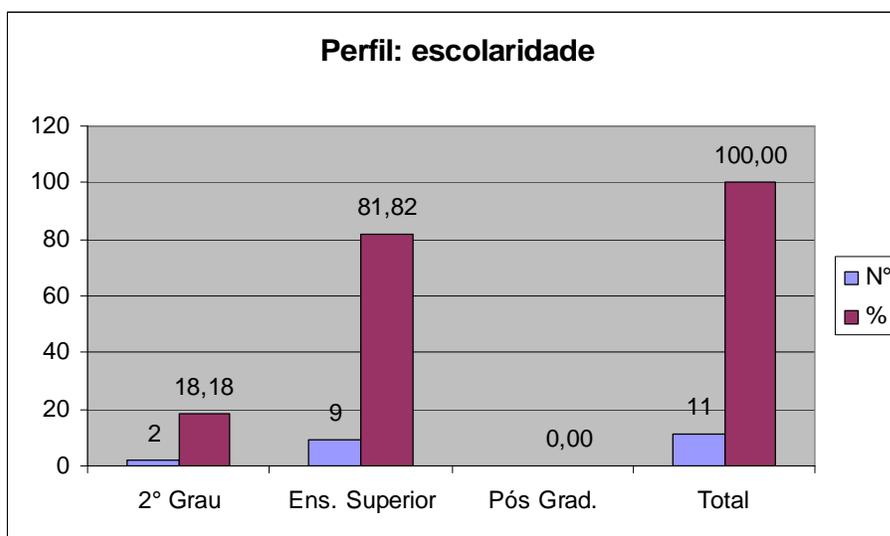
Devido a este fato, em alguns finais de semana prolongados, o número de turistas vindos da capital e região metropolitana de São Paulo se iguala e até mesmo supera o número de curitibanos – mesmo São Paulo estando três vezes mais distante. De um total de

aproximadamente 20 pessoas que estavam naquele local no dia citado acima, 11 se disponibilizaram a colaborar respondendo o questionário.

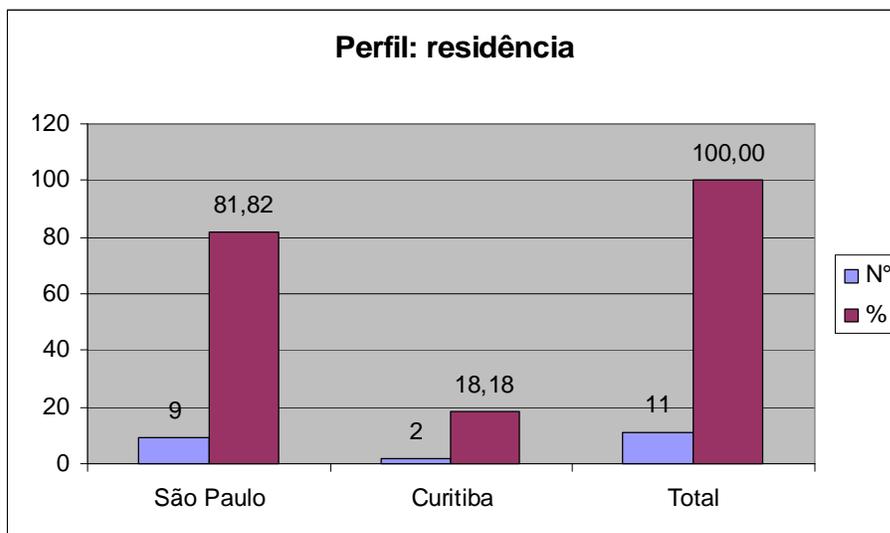
O perfil deste grupo de informantes assim se constituiu:



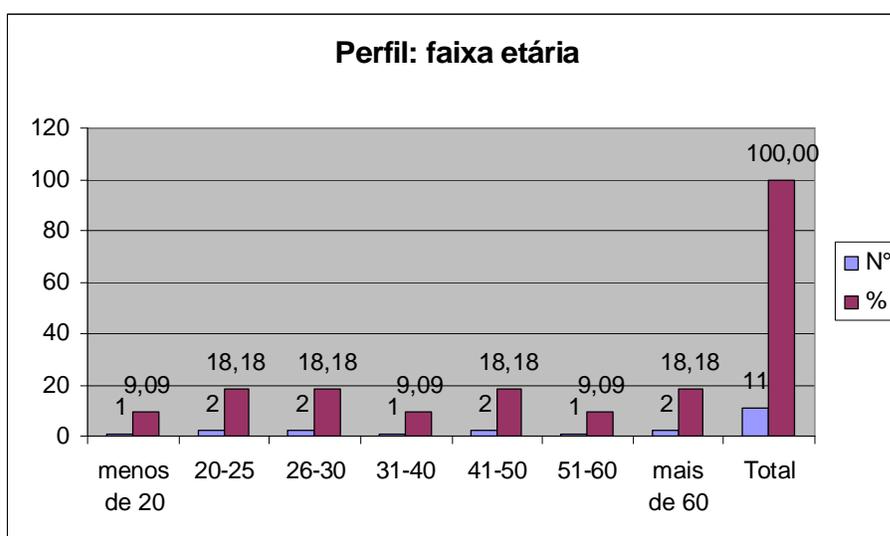
Neste grupo de informantes verifica-se que, novamente, a exemplo do primeiro grupo relatado, há uma superioridade do número de mulheres em relação ao número de homens na prática deste tipo de turismo – 72,73% de mulheres contra 27,27% de homens.



Também neste grupo a maioria dos turistas tem o nível superior – cerca de 82% dos presentes. Os outros 18% possuem o 2° grau.



Naquele dia passaram por estes dois locais apenas moradores de São Paulo e de Curitiba. Dos grupos que ali estiveram a maioria era de São Paulo, um total de 82% dos que se disponibilizaram a responder as questões. Contudo, um esclarecimento é pertinente: havia tanto mais paulistas quanto curitibanos, e um número maior de curitibanos não se disponibilizou à colaborar. Dessas observações conclui-se que: o número de turistas de origem paulista era realmente maior, mas não com uma diferença tão significativa.



A divisão por faixa etária continua indicando que as pessoas mais maduras e ativas profissionalmente constituem a maioria do público em busca de atividades na natureza:

com menos de 20 anos havia apenas uma pessoa – 9,09% dos presentes. As demais faixas etárias foram representadas de forma bem paritária.

Deste grupo 100% tinham uma ocupação profissional. As ocupações mais uma vez variaram bastante, porém, também desta vez é factível a interpretação de que na maioria delas há um acentuado envolvimento mental e uma relação das condutas pertinentes a estas atividades com as formas de autocontrole estudadas anteriormente. Entre as profissões encontrou-se:

Agente adm.	I	Enfermagem	I
Advogado	I	Maitress	I
Agente judiciário	I	Representante nutricional	I
Bibliotecária	II	Secretária	I
Corretor de imóveis	I	Turismólogo	I

Tabela 1: *Identificação das profissões*

Na seqüência, o resultado da percepção de cada indivíduo em relação à sua atividade profissional e cotidiana.

Tranquila +2	1	9,09
Tranquila +1	3	27,27
0		0,00
Estressante -1	5	45,45
Estressante -2	2	18,18
Total	11	100,00

Tabela 2: *Atividades profissionais e do cotidiano*

Emocionante +2	1	9,09
Emocionante +1	4	36,36
0	3	27,27
Rotineira -1	2	18,18
Rotineira -2	1	9,09
Total	11	100,00

Os dados apresentados nesta tabela mais uma vez realçam o fato de que a maioria das pessoas tem o sentimento de que as suas atividades profissionais e do cotidiano são estressantes e com certa carga de rotina, ainda que neste grupo o fator “rotineiro” apareça com menos ênfase. Deste grupo, 36% consideram as suas atividades profissionais e do cotidiano tranqüilas, enquanto 64% variam entre o estressante e o muito estressante. Deste mesmo grupo, 45% consideram essas atividades emocionantes, enquanto 55% variam entre o meio da escala e o muito rotineiras.

Em relação ao deslocamento e o tempo de articulação entre as atividades diárias este grupo de informantes dividiu bem as opiniões. As respostas podem ser acompanhadas na tabela que segue abaixo:

	Nº	%
Ruim	1	9,09
Corrido	2	18,18
Estressante	1	9,09
Terrível	1	9,09
Bom	5	45,45
Médio	1	9,09
Total	11	100,00

Tabela 3: *Deslocamento e articulação entre as atividades diárias*

De acordo com as respostas apresentadas neste quadro 54% da população em foco têm considerações positivas em relação à condição de deslocamento a que se submetem em seu dia-a-dia. Os outros 46% dividem-se em opiniões que variam entre ruim, corrido, estressante e terrível.

O sentimento dessas pessoas a respeito do seu ritmo de vida, no entanto, como nos outros dois grupos, é carregado de aspectos negativos. Apesar de considerarem boas as condições de deslocamento que enfrentam, no contexto geral, o ritmo de vida é sentido de forma bastante negativa. O resultado é mostrado abaixo:

	Nº	%
Corrido e estressante	1	9,09
Corrido, agitado e rotineiro	1	9,09
Corrido, agitado e muito estressante	1	9,09
Agitado	2	18,18
Agitado, muito estressante e rotineiro	1	9,09
Agitado e rotineiro	1	9,09
Confortável e tranquilo	1	9,09
Confortável	1	9,09
Tranquilo	1	9,09
Tranquilo, corrido, agitado e estressante	1	9,09
Total	11	100,00

Tabela 4: *Ritmo de vida*

Em relação a este quadro, 73% da população classificam o seu ritmo de vida como corrido, agitado, rotineiro, estressante e, a exemplo dos dois outros grupos, na maioria dos casos, uma combinação destes sentimentos.

Em relação às atividades físicas de satisfação motora e emocional – no dia-a-dia – o levantamento mostrou que, neste grupo de informantes, novamente há um equilíbrio, mas com uma superioridade numérica de pessoas que consideram que tais atividades ocorrem de forma satisfatória.

Satisfatória +2	2	18,18
Satisfatória +1	3	27,27
0	4	36,36
Insatisfatória -1		0,00
Insatisfatória -2	2	18,18
Total	11	100,00

Tabela 5: *Atividades físicas de satisfação motora e emocional*

A seguir, estão as questões que visam a apreensão do significado das AFANs para as pessoas presentes no local da coleta de dados. A primeira questão, relacionada ao porquê das pessoas estarem procurando por atividades de aventura na natureza mostra que, dentre os motivos estão:

	Nº	%
Reencontro com a natureza; alívio das tensões; quebra da rotina	1	9,09
Reencontro com a natureza; alívio das tensões; curiosidade	1	9,09
Reencontro com a natureza; alívio das tensões; fonte de emoção; quebra da rotina; atividade de destreza física	1	9,09
Reencontro com a natureza; alívio das tensões; fonte de emoção; quebra da rotina; busca por aventura	1	9,09
Reencontro com a natureza; fonte de emoção; busca por aventura	1	9,09
Reencontro com a natureza; fonte de emoção; quebra da rotina; busca por aventura	1	9,09
Reencontro com a natureza; quebra da rotina; busca por aventura	1	9,09
Reencontro com a natureza; busca por aventura; curiosidade	1	9,09
Reencontro com a natureza; atividade de destreza física	2	18,18
Fonte de emoção; busca por aventura	1	9,09
Total	11	100,00

Tabela 6: *O porquê da busca por atividades de aventura*

Com a apuração das respostas verifica-se, mais uma vez, que o reencontro com a natureza é o grande fator a impulsionar as pessoas às AFANs. Apenas 9% das pessoas investigadas não apontaram o reencontro com a natureza como um dos fatores a levarem-nas a essas atividades. O reencontro com a natureza é citado por 91% dos informantes. Na seqüência aparecem os fatores: busca por aventura, apontado por 54,5% desta população; quebra da rotina e fonte de emoção, ambos com 45,5% cada; alívio das tensões com 36,4%;

atividade de destreza física, com 27,3%; e curiosidade com 18,2%. A classificação dos fatores mais citados é mostrada na tabela abaixo:

	Nº	%
Reencontro com a natureza	10	90,91
Busca por aventura	6	54,55
Quebra da rotina	5	45,45
Fonte de emoção	5	45,45
Alívio das tensões	4	36,36
Atividade de destreza física	3	27,27
Curiosidade	2	18,18
Levado pelas circunstâncias	0	0,00
Total	11	100,00

Tabela 7: Classificação dos fatores ligados aos porquês da busca por atividades de aventura

Em relação ao posicionamento deste grupo frente a uma possível relação entre as atividades de aventura na natureza e a solução para as pressões da vida moderna o resultado, mais uma vez, não difere nem do contexto teórico e nem dos resultados obtidos com os outros dois grupos: 100% dos informantes consideram as AFANs fundamentais no que diz respeito à solução para as pressões da vida moderna, variando apenas em fundamentais e extremamente fundamentais. O resultado é demonstrado na tabela abaixo:

	Nº	%
Fundamental +2	4	36,36
Fundamental +1	7	63,64
0		0,00
Insignificante -1		0,00
Insignificante -2		0,00
Total	11	100,00

Tabela 8: Relação entre AFANs e a solução para as pressões da vida moderna

No que diz respeito à preferência entre as atividades de aventura na natureza a atividade mais apontada foi novamente o trekking. No que se refere ao motivo pela preferência da caminhada na mata mais uma vez é destacado o contato com a natureza e as belezas naturais. Mais uma vez, o rafting e as atividades verticais como o rapel, o cascating e a escalada são também bastante citados; os motivos são os mesmos apresentados no trekking.

Esta última questão tem como finalidade ampliar o conhecimento a respeito dos fatores que influenciam os informantes em sua escolha pelas atividades de aventura. O quadro abaixo permite a visualização da realidade obtida:

Excitação emocional	Nº	%
Fundamental +2	1	9,09
Fundamental +1	8	72,73
0	2	18,18
Insignificante -1		0,00
Insignificante -2		0,00
Total	11	100,00

Experiências diferentes do cotidiano urbano	Nº	%
Fundamental +2	4	36,36
Fundamental +1	7	63,64
0		0,00
Insignificante -1		0,00
Insignificante -2		0,00
Total	11	100,00

Risco sob controle	Nº	%
Fundamental +2	3	27,27
Fundamental +1	5	45,45
0	1	9,09
Insignificante -1	1	9,09
Insignificante -2	1	9,09
Total	11	100,00

Evolução tecnológica do equipamento utilizado	Nº	%
Fundamental +2	5	45,45
Fundamental +1	4	36,36
0	1	9,09
Insignificante -1	1	9,09
Insignificante -2		0,00
Total	11	100,00

Confiança nos guias e instrutores	Nº	%
Fundamental +2	6	54,55
Fundamental +1	3	27,27
0	2	18,18
Insignificante -1		0,00
Insignificante -2		0,00
Total	11	100,00

Tabela 9: Fatores de influência sobre a escolha pelas atividades de aventura

Os dados obtidos com este grupo, semelhantemente aos outros dois, mostram que a necessidade de excitação emocional atua de forma significativa na opção pela prática destas atividades. Mas, mostram também que, de forma ainda mais significativa, a necessidade de experiências diferentes do cotidiano urbano atua ainda mais intensamente sobre as pessoas

imersas neste meio urbano. É também observado que, mesmo em grau de intensidade menor, a sensação de que o risco está sob controle, a confiança na tecnologia e eficiência do equipamento e a confiança nos guias e instrutores são fatores que também influenciam significativamente nesta escolha.

VI – ANÁLISE E DISCUSSÃO DA AVENTURA

A análise dos dados alcançados nesta aventura, há de se destacar, é enriquecida pelas observações realizadas durante o período que se estendeu desde um momento anterior à construção teórica até a obtenção de dados suficientes para a sua execução. A construção teórica e o conhecimento gerado pelas observações, por conseguinte, proporcionaram a construção desta última ferramenta utilizada para a coleta de dados – o questionário.

A utilização do questionário teve como propósito a ampliação da base de verificação e também de sustentação das argumentações teóricas elaboradas neste estudo. Com isso, a análise que aqui é apresentada é realizada sob a perspectiva da triangulação – combinando dados qualitativos (a observação, a revisão de literatura e entrevistas – em processo de *fertilização cruzada entre o raciocínio teórico e a verificação empírica*) com dados quantitativos (o questionário – também como parte dessa fertilização cruzada).

O objetivo desta pesquisa foi verificar a veracidade da relação entre a expansão das atividades físicas de aventura na natureza e as necessidades sócio-psicológicas desenvolvidas em ambientes urbanos da sociedade hodierna. A construção teórica, factualmente, dearticulou subsídios e sustentação para tal argumentação. Como se pôde acompanhar, o processo civilizacional, a modernização e a urbanização, se por um lado, foram processos que desencadearam situações de grande conforto, por outro, foram também geradores de conseqüente desconforto. Se, por um lado, esses processos supriram necessidades, por outro, foram responsáveis pelo desenvolvimento de novas necessidades.

As observações realizadas – e a conseqüente exploração de conversas com os turistas em busca de aventura – mostraram que o ideário a respeito da relação entre essas atividades e a vida verificada no contexto apresentado acima era factível de confirmação. A necessidade do ato em si e o prazer na situação vivenciada em todo o contexto em que eram

realizadas essas atividades de aventura podiam ser sentidos nas atitudes, nas expressões e na fala dos turistas. O questionário, face a essa verificação, veio acrescentar números – poder de mensuração – e ampliação a esta constatação. O mesmo ocorreu com as entrevistas. Com este instrumento foi possível verificar, por intermédio de pessoas diretamente ligadas com as atividades em questão, em cada um dos locais de coleta, que o que foi encontrado nos dias em que foi realizado o trabalho de pesquisa é uma constante.

A ampliação do número de informantes e dos locais de coleta – proporcionados pela adoção do questionário – viabilizou, por exemplo, a verificação de que nesta região do Estado do Paraná o número de turistas vindo do Estado de São Paulo e, principalmente da capital paulista, é bastante grande. Em Sengés e Jaguariaíva, na divisa com o Estado de São Paulo – a aproximadamente 400 km de distância da referida capital –, o número encontrado é profundamente significativo. Tanto a entrevista realizada com o representante do turismo local – lembrando que o município receptor é Itararé – quanto os questionários aplicados junto aos turistas, mostraram a supremacia absoluta de turistas oriundos da capital paulista. Esta realidade, é preciso que se diga, já havia sido constatada também durante as observações – o local escolhido para as observações foi justamente este.

De acordo com o que mostrou a construção teórica, o processo de desenvolvimento das sociedades, tanto civilizacional quanto a nível de modernização e urbanização, acarretou problemas de ordem emocional para as pessoas que vivem imersas em ambientes com tais características. Como havia sido apontado, a constatação da presença de um número significativo de turistas vindos da capital paulista – uma vez que esta pode ser considerada a mais urbana e caótica cidade brasileira – nesses locais em que foi realizada a pesquisa seria um fator positivo para a confirmação da relação entre as atividades físicas de aventura na natureza e a busca por satisfação das necessidades geradas por tais problemas.

Esta confirmação está assegurada. Nesta primeira localidade o número não apenas é significativo como é praticamente absoluto em relação a esta confirmação, pois, do total de informantes, 81% são da capital paulista, e os outros 19% são da região metropolitana de São Paulo e cidades do interior deste estado – cidades do interior, mas com um fator de desenvolvimento bastante significativo.

As outras duas localidades em que foi realizada a pesquisa dão continuidade a esta confirmação. Em Tibagi e Prudentópolis, distantes 639 e 656 km da capital paulista, respectivamente, este número também se mostrou bastante significativo. Em Prudentópolis, em entrevista realizada com um representante local, obteve-se a informação de que o número maior de turistas é oriundo de Curitiba. No entanto, os questionários mostraram que no final de semana em que foi realizada a coleta de dados o número de paulistas era absolutamente superior. A explicação para este fato é que Prudentópolis está no roteiro de algumas agências de turismo de São Paulo e, em feriados prolongados – como foi o caso da data da realização da pesquisa – o número de paulistas acaba superando o de curitibanos. Não obstante, mesmo se tratando de uma cidade menos caótica em comparação a São Paulo, Curitiba é uma capital, e, por conseguinte, com um padrão de urbanização, de modernização e de civilização deveras significativo – dado que por si só viabiliza a interpretação de que o ritmo de vida teria ali contornos também estressantes; mas, se isso não bastasse para tal interpretação, a fala de alguns dos informantes após o preenchimento do questionário não deixaria dúvidas.

Em Tibagi, apesar de não serem encontrados dados tão homogêneos, o encaminhamento dos dados ainda se dirige no mesmo sentido. Nesta região, conforme informação obtida em entrevista realizada com representante local, a diversidade de locais emissores de turistas é uma constante. Esta informação foi confirmada na coleta de dados realizada. Um outro dado apresentado na entrevista e que se confirmou na coleta de dados é o de que a maioria dos turistas é originária de Curitiba. Apesar da diversidade encontrada na

origem dos turistas, a soma de curitibanos, paulistas e moradores da região metropolitana de São Paulo representam a maioria.

Não obstante tais confirmações, um dado deve ser lembrado: a distância destes municípios em relação a São Paulo. Em função desta distância, para que haja a efetiva realização de pacotes turísticos, há a necessidade de feriados prolongados e de condições climáticas favoráveis. Esses três locais dependem de condições favoráveis para que turistas, principalmente vindos de São Paulo, os tenham como destino. Fique registrado que – apesar de ter sido um feriado prolongado – as condições climáticas nos dias de realização da coleta de dados em Prudentópolis e em Tibagi não eram favoráveis: o final de semana oscilou entre chuviscos e tempo aberto e com temperatura não muito elevada.

Mesmo assim, os dados encontrados foram positivos em face a perspectiva de confirmação do ideário apresentado. Afinal, no contexto geral, considerando os três locais em que foram realizadas as coletas de dados:

- A maioria dos turistas é da capital paulista;
- Em segundo lugar aparece Curitiba, uma outra capital, que, apesar de menos densa segundo os quesitos trabalhados neste estudo, apresenta-os também de forma significativa;
- Não bastasse essa confirmação positiva, observação seja ainda feita para o fato de que o destino mais distante de Curitiba está duas vezes mais distante para a cidade de São Paulo.
- As cidades vizinhas desses locais procurados para a prática do turismo de aventura – cidades interioranas – nada representam enquanto emissoras de turistas.

Com base neste contexto firma-se a argumentação de que estes destinos turísticos confirmam uma primeira parte da construção teórica: quanto mais imerso num contexto urbano, moderno e civilizado maior a necessidade deste tipo de atividade de lazer.

Outros dados – também relacionados ao levantamento do perfil daqueles que buscam por atividades de aventura – foram levantados na tentativa de confirmação desta construção teórica. Entre eles: nível de escolaridade, faixa etária, ocupação profissional e gênero.

No contexto geral, a maioria absoluta dos informantes tem o ensino superior e goza de atividade profissional. Apesar das atividades profissionais variarem bastante é possível verificar que na grande maioria delas há um grau de envolvimento mental bastante acentuado. Tal fato é acompanhado da constatação de uma forte relação de tais atividades com as formas de controle e de autocontrole tratadas neste estudo.

A faixa etária variou, oscilando entre os 20 e os 60 anos. No entanto, a grande concentração está na faixa dos 31 a 40 anos, estendendo-se um pouco para cima e um pouco para baixo. Trata-se de faixas que podem ser consideradas como de pessoas mais maduras, atuantes profissionalmente, com certa estabilidade financeira e também com grandes responsabilidades.

Um dado curioso é que a grande maioria dos turistas está representada pelo sexo feminino. Uma suposição hipotética para este fato – amparado no referencial teórico e em dados socialmente decodificados – é que as mulheres, ao assumirem – na modernidade – uma carga de responsabilidades bem maior e mais complexa que em tempos anteriores, sentiram, supostamente, os efeitos deste processo de forma mais intensa. Este é um dado que, provavelmente, mereça um estudo mais aprofundado – até mesmo porque esta é uma realidade que foi também verificada durante o período de observação.

O levantamento do perfil dos turistas é mais um passo em direção à confirmação de que as idéias aqui construídas podem ser constatadas na realidade. Afinal, o que essas pessoas, em sua maioria, enfrentam ao residirem em locais urbanos, com alto padrão de modernização, de civilização e de grande complexidade, é um contexto, no mínimo, corrido,

tendo que se desdobrar entre estudo, trabalho, meios de transporte – muitas vezes caóticos – e tensões negativas das mais diversas formas – conforme mostrou o referencial teórico.

Esta colocação pode ser verificada de forma mais direta no passo seguinte do questionário, o qual constitui-se na exploração da percepção de quem está verdadeiramente inserido na realidade em questão. Os dados mostraram que, no que diz respeito à percepção de cada indivíduo em relação à sua atividade profissional e cotidiana, a maioria das pessoas tem o sentimento de que essas atividades são estressantes e com certa carga de rotina, ainda que em um dos grupos o fator “rotineiro” apareça com menos ênfase. Os dados também mostraram que para aproximadamente 50% dessas pessoas o deslocamento e tempo de articulação entre as suas atividades diárias é tido como um fator negativo – um fator estressante. Contudo, quando o assunto é o ritmo de vida dessas pessoas os dados mostram que a maioria absoluta delas – cerca de 85% - o sente de forma bastante negativa: corrido, agitado, rotineiro, estressante, e também na forma de várias combinações desses sentimentos. Para completar, no que diz respeito à existência de atividades físicas de satisfação motora e emocional no dia-a-dia dessas pessoas, os dados mostram que para aproximadamente 50% dos informantes elas são insatisfatórias.

Os dados alcançados com esta parte dos questionários alinham-se aos verificados durante o processo de observação. As pessoas, de um modo geral, sentem que algo as incomoda. Quando questionadas sobre esses fatores – ligados ao ritmo de vida em sociedades complexas como as que vivem – os resultados são esses: constatação de uma forma de vida negativa sob vários aspectos, insatisfação, sentimento de necessidade de algo diferente daquilo que representa o seu dia-a-dia.

A realidade empírica alcançada a respeito do modo de vida nas sociedades mais avançadas e complexas da modernidade e os sentimentos que a vida neste meio deflagra se mostram muito próximos do que foi delineado pela construção teórica. Como visto, as

transformações ocorridas no processo de civilização, de modernização e de urbanização resultaram não apenas em aspectos positivos, mas também em aspectos negativos, problemas com os quais as sociedades hodiernas passaram a ter que conviver, como, por exemplo, o afastamento da natureza, níveis bastante elevados de pressão, ritmos de vida estressantes, agitados, corridos e também rotineiros.

Essa constatação é ainda ampliada na terceira etapa de questões do questionário. Esse último passo proporcionado pela execução do questionário constitui-se na verificação direta – pautada na percepção do público alvo – da relação entre as atividades físicas de aventura na natureza e as necessidades desencadeadas pelo modo de vida nos grandes centros urbanos da contemporaneidade.

Para esta verificação buscou-se, primeiramente, saber o motivo pelo qual estes indivíduos estão buscando atividades deste tipo. De acordo com os dados obtidos – lembrando que poderiam ser assinaladas mais de uma opção – o fator “reencontro com a natureza” aparece com grande destaque, cerca de 88% dos informantes – média realizada entre os três locais de coleta – citam este motivo como um dos que os levam à prática de tais atividades; em segundo lugar aparecem os fatores “quebra da rotina” e “alívio das tensões”, ambos com presença em 61% das respostas; logo em seguida aparecem os fatores “busca por aventura” e “fonte de emoção”, com presença em 51% e 43% das respostas, respectivamente. As opções “atividade de destreza física” com 9,5%, “levados pelas circunstâncias” com 9,5% e “curiosidade” com 4,7%, foram, mesmo em conjunto, muito pouco citadas.

Esses dados mostraram-se fundamentais para o propósito deste estudo. Não apenas confirmaram as constatações alcançadas durante o processo de observação, como reforçam as argumentações teóricas desenvolvidas na primeira parte desta pesquisa. O reencontro com a natureza – fator mais citado entre os que compunham o quadro de opções – está factualmente relacionado com os processos de desenvolvimento das sociedades, como foi

mostrado na construção teórica. O mesmo ocorre em relação aos fatores que vêm na seqüência: “quebra da rotina” e “alívio das tensões”, e “busca por aventura” e “fonte de emoção”, todos interligados uns aos outros e em relação às necessidades geradas, principalmente, em condições de vida verificadas em contextos urbanos e com alto padrão de modernidade e civilização.

Uma outra questão componente deste terceiro grupo pretendia que os turistas se posicionassem frente a uma possível relação entre as atividades de aventura na natureza e a solução para as pressões da vida moderna. A apuração dos dados mostrou, mais uma vez, que a realidade empírica encontrada é significativamente positiva no que se refere à confirmação do encaminhamento teórico desta pesquisa. Os dados mostraram que mais de 90% dos informantes consideram as AFANs atividades fundamentais para a solução das pressões da vida moderna. Eles se dividiram entre fundamental e extremamente fundamental.

Também foi perguntado aos informantes sobre a modalidade de preferência entre as que se enquadram no contexto de aventura na natureza. A atividade mais procurada é realmente o trekking. Este dado já havia sido levantado no Relatório Diagnóstico de 2005 do Ministério do Turismo. Por se tratar de uma questão aberta foi possível observar que a procura pela caminhada na mata é destacada, principalmente, pela busca do contato com a natureza, com o verde, com a água e a beleza das cachoeiras. Os dados convergem: o reencontro com a natureza foi o motivo mais citado na questão que tratava do motivo da busca por essas atividades. Para as outras atividades, também bastante citadas, como o rafting e as atividades verticais como o rapel, o cascating e a escalada são observados os mesmos motivos, mas acrescidos, nestes casos, de uma dose maior de necessidade de aventura.

A última questão deste terceiro passo teve por objetivo ampliar o conhecimento a respeito dos fatores que influenciam os informantes em sua escolha pelas atividades de aventura. Os dados mostraram que o grande agente motivador para essa escolha é a

“necessidade de viver experiências diferentes do cotidiano urbano”. Tal fato mostra que a formulação teórica responsabilizando as pressões do cotidiano urbano pelo desenvolvimento das características das necessidades de lazer na contemporaneidade é coerente. Para reforçar ainda mais esta colocação foi eleito também de forma bastante significativa o motivo “necessidade de excitação emocional”. A necessidade de excitação emocional é o reflexo das pressões do dia-a-dia, e pode ser compreendida como uma necessidade de equilíbrio entre as tensões sérias do cotidiano e as tensões emocionais de satisfação.

A coerência entre os dados empíricos encontrados e as argumentações teóricas é também reforçada nos outros itens desta questão. Foi dito anteriormente que essas atividades são miméticas. E, que em função desta perspectiva é que puderam muitas delas se desenvolver e cair no gosto de grande parte da população. A verificação da influência do fator mimético na procura pelas AFANs se deu por intermédio do fator segurança. Três itens relacionados ao fator segurança foram apresentados aos informantes para que estes se manifestassem em relação ao grau de influência dos mesmos na decisão pela procura dessas atividades. São eles: “sensação de que o risco inerente a estas atividades está sob controle”; “sensação de segurança amparada na evolução tecnológica e eficiência mecânico-funcional do equipamento utilizado”; “sensação de segurança amparada na confiança nos guias e instrutores”.

A confiança nos guias e instrutores teve grande destaque como fator de influência na procura pelas atividades físicas de aventura na natureza. Os fatores relacionados à segurança na evolução tecnológica e à sensação de que o risco está sob controle vieram logo atrás, com uma margem pequena de diferença.

Os dados a respeito da segurança na evolução tecnológica e eficiência do material utilizado, mesmo ficando atrás da confiança nos guias e instrutores, são também bastante significativos. Este fato se revela ao se considerar o dado de que a maioria dos turistas – tanto

os abordados por esta pesquisa quanto os levados em consideração para a execução do Relatório Diagnóstico do Mtur – mostraram preferência pelo trekking. Esta atividade, na grande maioria dos casos, não necessita de equipamentos de segurança mais sofisticados. Assim, se a maior parte dos informantes são adeptos de atividades que não necessitam de equipamentos sofisticados para a garantia da segurança, e ainda assim este item aparece de forma significativa nas respostas, isso significa que a maioria absoluta dos informantes adeptos de atividades de maior risco mostra-se segura em relação à tecnologia e eficiência do material utilizado – em observância à diferença não muito grande entre o número de resposta para os itens. Da mesma forma se mostra segura em relação aos guias e instrutores, pois, a identificação da importância de um dado não diminui a importância do outro.

Esses dados poderiam ser mais bem detalhados se aplicados apenas para aqueles que procuram por atividades com mais emoção, com mais aventura, deixando de lado aqueles que procuram apenas a caminhada. No entanto, para as conclusões pertinentes ao estudo aqui realizado os dados encontrados são suficientemente elucidativos. A sensação de segurança, tanto no material utilizado quanto nos guias e instrutores – para aqueles que vão em busca de atividades com um grau de risco mais elevado; ou apenas nos guias e instrutores – no caso daqueles que buscam apenas uma caminhada e o contato com a natureza –, atestam o entendimento de que a condição mimética dessas atividades é um fator de significativa importância para o seu desenvolvimento. Este entendimento é alcançado ao se conjecturar que essas pessoas só se dispõem a vivenciar essas situações – mesmo as de menos risco como uma caminhada por trilhas na mata – na condição de turistas e amparadas por um guia e a infraestrutura que as agências oferecem. O fato é que a sensação de segurança tem que se fazer presente para a maioria das pessoas para que possam se entregar a experiências que são distantes de sua realidade – fato que por si só é gerador de sentimentos de insegurança, de risco, e que mexem com o controle e com a emoção das pessoas.

Conforme visto na construção teórica, a esfera mimética possibilita a experiência de vivenciar emoções e excitações que resultam em um sentimento de prazer e satisfação frente a um contexto desencadeador de sensações as quais se experimentaria em situações sérias, e também de risco. Dessa forma, é argumentado que as atividades de lazer surgem e evoluem amparadas por uma função implícita de equilíbrio entre as tensões sérias vividas no dia-a-dia e tensões prazerosas – despertadas por atividades de lazer, principalmente as miméticas.

Neste contexto teórico, a grande carga de rotina, de controle e de stress, e a falta de possibilidade de viver situações de emoções fortes e de satisfação, assim como também o afastamento contínuo de ambientes naturais, seriam responsáveis pela potencialização de necessidades específicas para esta situação. Este mesmo contexto apresenta subsídios para o entendimento de que as atividades de lazer e, mais especificamente, as AFANs – como atividades miméticas – se configuram como possibilidade para a satisfação dessas necessidades.

A pesquisa empírica, constituindo-se em um avanço em relação a essas considerações, possibilitou a constatação de que a condição *sine qua non* das AFANs para a satisfação de tais necessidades – apontadas na construção teórica – são sentidas e confirmadas pelos turistas que buscam por este tipo de atividade, de sensação, de aventura, de contato com a natureza.

FIM DA AVENTURA?

*“Só há fim,
quando cessa a emoção!”*
(Sérgio de Andrade)

A aventura de estudar um fenômeno social nunca é fácil. As dificuldades são muitas e vão desde o cuidado com a leitura deste fenômeno em seu contexto social e com a complexidade do transporte de teorias gerais para nuances encontradas no particular até os cuidados com a generalização dos resultados. Contudo, o caminho sociológico indicado no pensamento eliasiano foi adotado como guia nesta aventura. Para facilitar o estudo aqui realizado, o estudo das atividades físicas de aventura na natureza, optou-se pelo confronto entre a construção teórica realizada sobre este objeto e a realidade encontrada nos dados empíricos.

A realização deste estudo – tanto a construção teórica quanto o levantamento dos dados empíricos – teve como linha mestra a evolução no trato de duas questões: as características das necessidades individuais de lazer desenvolvidas nas sociedades mais complexas e civilizadas do nosso tempo e as características dos fatos específicos de lazer desenvolvidos nas sociedades deste tipo para a satisfação destas necessidades. Essas questões, interdependentes e relacionadas com as necessidades humanas e sociais, foram apresentadas por Elias e Dunning como a base, o ponto de partida para quem pretende estudar o lazer.

A construção teórica realizada nos primeiros capítulos mostrou que com o ritmo de vida trazido pelo processo civilizacional desencadearam-se, concomitantemente à evolução das sociedades, necessidades específicas, desenvolvidas a partir das próprias mudanças nos estilos de vida destas sociedades. Essas mudanças, factivamente, constituem-se a base para a compreensão do desenvolvimento das características das necessidades individuais de lazer.

Essa mesma construção teórica apontou para o fato de que as AFANs poderiam, frente ao encaminhamento dos dados, ser compreendidas como o desenvolvimento dos fatos específicos de lazer desenvolvidos para a satisfação destas necessidades hodiernas. O levantamento empírico, não obstante, veio confirmar as constatações teóricas construídas a partir do material utilizado na pesquisa – referencial teórico e conhecimentos gerados pelas observações.

Essa fertilização cruzada, auxiliada por uma técnica de triangulação, propiciou, ao longo do percurso transcorrido, a verificação de que as atividades físicas de aventura na natureza constituem-se numa espécie de antídoto para os problemas desencadeados pelo processo civilizacional. As atividades de lazer, de um modo geral, atuam como um ponto de equilíbrio para as tensões sérias do dia-a-dia. As AFANs, não obstante, podem ser compreendidas, neste contexto, como uma espécie de evolução das atividades de lazer, como o antídoto adotado para a satisfação de necessidades complexas geradas por sociedades igualmente complexas e pelos padrões de vida que estas impõem.

Como se pôde observar, a vida cotidiana nas sociedades civilizadas acarretou problemas substanciais. Estilos de vida tumultuosos, agitados e vertiginosos, por um lado, e rotineiros, padronizados e sob controle, por outro, constituíram-se numa constante agressão à estrutura física e mental do homem. Neste contexto, que confunde os sentimentos – afinal, com toda essa complexidade da modernidade a sensação é de vazio –, o homem busca, continuamente, por atividades que preencham lacunas (que lhe estimulem sentimentos prazerosos, excitações emocionais de satisfação e também o reencontro com aquilo de que se afastou).

Assim, se o homem encontra-se em meio a uma multiplicidade de fatores que cerceiam e controlam os seus impulsos, suas atitudes e formas de se portar e de se conduzir, conseqüentemente, sente a necessidade de atividades e situações que lhe permitam extravasar

em ações os sentimentos que no dia-a-dia são impedidos de manifestações espontâneas. Se este mesmo homem encontra-se em meio a uma vida rotineira, marcada pela sobriedade dos atos, pelo mais profundo conhecimento dos passos a serem dados no decorrer do seu dia e pela segurança que essa esfera lhe confere, este sente a necessidade de atividades que o levem a uma esfera de expectativa, de insegurança, de tensão frente ao desconhecido; uma esfera que promova em si excitações que não fazem parte do seu cotidiano; ele sente a necessidade de atividades que estimulem em seus sentimentos a sensação do risco, contudo, concomitantemente – conforme já argumentado –, o sentimento de que esses riscos estão sob controle. As atividades miméticas tem esse poder, e as AFANs, em privilegiada condição enquanto atividade mimética, expressam de forma singular toda essa engrenagem de busca pela satisfação de necessidades. E se este homem encontra-se, ainda, no centro daquilo que fora aferido como o processo civilizatório, ou seja, em meio a um contexto urbano – como os grandes centros, as grandes cidades – mais uma vez as AFANs mostram-se em privilegiada condição enquanto atividades miméticas de lazer – elas permitem o reencontro com a natureza e a satisfação de necessidades e fantasias relacionadas a este meio.

As atividades físicas de aventura na natureza não apresentam muita complexidade em sua constituição. São atividades esportivas das quais, muitas delas, desenvolveram-se a partir da necessidade de locomoção e de transportes. Um fator comum entre elas, e central para o entendimento da relação aqui trabalhada, é o risco, a aventura que nestas atividades está implícita – principalmente pelo fato de serem desenvolvidas em meio à natureza. Esta característica é que confere a estas atividades uma condição *sine qua non* para a satisfação das necessidades que evoluíram a partir do aumento da complexidade das sociedades. São atividades que oferecem o simples quando há a saturação do complexo, do complicado; que oferecem o risco – na esfera mimética –, a aventura, quando o que se tem é uma vida regrada e rotineira; que oferecem excitação e tensão prazerosa quando o dia-a-dia é marcado pelas

tensões sérias e pelo stress; que oferecem a oportunidade de agir espontaneamente e com liberdade quando se é conduzido por normas e padrões de conduta; que oferecem a possibilidade do reencontro com a natureza quando se tem um cotidiano envolvido num contexto amplamente urbano.

REFERÊNCIAS

- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BETRÁN, J. O. Dossier: Las Actividades Físicas de Aventura en la Naturaza: análisis sociocultural. **Apunts**: Educación Física y Deportes, Barcelona: Institut Nacional d'Educació Física de Catalunya, n. 41, p. 5-8, jul. 1995.
- BRUHNS, H. T. Lazer e Meio Ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 86-91.
- CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Tradução Álvaro Cabral. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- COSTA, C. S. C. História da Formação Profissional do Esporte Escalada na França: preliminares para um estudo comparativo com o desenvolvimento desta prática no Brasil. In: Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, 8., 2002, Ponta Grossa. **Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**. Ponta Grossa: UEPG, 2002. 1 CD-ROM.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DENCKER, A. de F. M.; DA VIÁ, S. C. **Pesquisa empírica em ciências humanas** (com ênfase em comunicação). São Paulo: Futura, 2001.
- ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. Tradução Maria Luiza Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1980.
- _____. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 1 v.
- _____. **O processo civilizador**: formação do estado e civilização. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 2 v.
- _____. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. **Envolvimento e alienação**. Tradução Alvaro de Sá. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. **Sobre o Tempo**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ELIAS, N., DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: DIFEL, 1992.

EFCANYON – Escola Francesa de Descida de Cânion: base de dados. Disponível em: <<http://www.efcanyon.net/>>. Acesso em: 18 ago. 2005.

EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo: base de dados. Disponível em: <<http://www.embratur.gov.br/>>. Acesso em 22 jul. 2005.

FEIXA, C. La aventura imaginaria. Una visión antropológica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza. **Apunts**: Educación Física y Deportes, Barcelona, p.6-8, 1995.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREYRE, G. **Além do Apenas Moderno**: sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral, e do homem brasileiro, em particular. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

FROMM, E. **O Medo à Liberdade**. Tradução Octávio Alves Velho. 14. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.

GEBARA, A. Tempo Livre e Meio Ambiente: uma perspectiva histórica. **In: Coletânea do I Encontro Nacional de História da Educação Física e do Esporte**. Campinas: FEF/UNICAMP, 1994.

_____. **Conversas Sobre Norbert Elias**: depoimentos para uma história do pensamento sociológico. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2005.

_____. **Procedimentos Metodológicos**: a teoria do processo civilizador e a história da educação. No prelo.

GIDDENS, A. **As Conseqüências da Modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e Identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. **A pesquisa qualitativa**: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

HELLER, A; FEHÉR, F. **A condição política pós-moderna**. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

INTRAFTEFED – Federação Internacional de Rafting: base de dados. Disponível em: <<http://www.intraftfed.com/>>. Acesso em: 18 ago. 2005.

MAACK, R. **Notas preliminares sobre clima, solos e vegetação do Estado do Paraná**. Curitiba: Arquivos de Biologia e Tecnologia, v.II, p.102-200, 1948.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Portal Brasileiro do Turismo: diretrizes e manuais. Disponível em: <<http://institucional.turismo.gov.br/>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Relatório Diagnóstico**. Disponível em: <<http://institucional.turismo.gov.br/mintur/coroot/CMS/DocumentoItem/files/94D0BFDD-AC47-89DD-917450F51D697EDF.arquivo.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

NORBERT ELIAS Foundation: base de dados. Disponível em: <http://www.norberteliasfoundation.nl/index_NE.htm>. Acesso em: 03 nov. 2005.

QUIVY, R; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de Investigações em Ciências Sociais**. Tradução João Minhoto Marques e Maria Amália Mendes. Lisboa: Gradiva, 1992.

SENNETT, R. **A Corrosão do Caráter**: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução Marcos Santarrita. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Tradução Marcos Aarão Reis. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SILVA, E. L. da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas. 1987.

Universidade Estadual de Ponta Grossa. **Base de Dados**. Disponível em: <http://www.uepg.br/dicion/divisao_1b.htm>. Acesso em: 19 mar. 2004.

VASCONCELOS, E. M. **Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar**: epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

WAIZBORT, L. O mestre das figurações. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 22 jun. 1997. Especial para a Folha, Caderno MAIS!, p. 5-14.

APÊNDICES

Apêndice I – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Apresentação:

Pesquisa – mestrado

O objetivo central deste trabalho consiste em analisar a relação entre o aumento e consolidação das atividades físicas de aventura na natureza e necessidades geradas por estilos de vida relativos à modernidade e ao contexto urbano. De forma a contribuir com este objetivo buscou-se com esta entrevista:

- . Levantar o fluxo de turistas em busca das atividades físicas de aventura na natureza nos locais pré-determinados para a coleta de dados.
- . Identificar como é a distribuição deste fluxo durante o ano.
- . Identificar o local de origem destes turistas.
- . Identificar indicações preliminares do perfil deste turista.

• Entrevista:

Centrada.

Individualmente com um informante estruturalmente ligado com cada um dos locais escolhidos para a coleta de dados, e em seu local de trabalho.

Objetivo: obter suas experiências sobre os tópicos acima apresentados.

Foram determinados 3 ítems a serem debatidos:

1) O fluxo de turistas:

O fluxo de turistas na região.

O número de turistas em finais de semana.

O número de turistas em finais de semana com feriado prolongado.

O fluxo de turistas durante a semana.

Alterações de fluxo em função da diferença de clima durante o ano.

Média durante os meses e durante o ano?

2) Origem dos turistas:

De onde vem a maioria dos turistas.

Percentual aproximado dos pólos emissores de turistas para a região.

3) Perfil dos turistas:

Como é o deslocamento destes turistas para a região.

Eles vêm sós.

Vêm em família e amigos.

Vêm em grupos por agências de turismo.

Apêndice 2 – QUESTIONÁRIO

NOME: _____ IDADE: _____
 RESIDÊNCIA (cidade): _____ (endereço eletrônico): _____

QUAL A SUA PROFISSÃO E/OU OCUPAÇÃO (ramo de atuação)?

ESTUDO/ESCOLARIDADE: _____

OUTRAS ATIVIDADES SOCIAIS:

COMO VOCÊ CLASSIFICA O SEU DESLOCAMENTO E TEMPO DE ARTICULAÇÃO ENTRE AS ATIVIDADES?

COMO VOCÊ DEFINIRIA O SEU RÍTMO DE VIDA (o seu cotidiano)?

(pode marcar mais de um item)

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> tranqüilo | <input type="checkbox"/> corrido |
| <input type="checkbox"/> sem problemas | <input type="checkbox"/> agitado |
| <input type="checkbox"/> confortável | <input type="checkbox"/> estressante |
| <input type="checkbox"/> rotineiro | <input type="checkbox"/> muito estressante |

(espaço para comentários)

PERCEPÇÃO: atividades profissionais e do cotidiano

Tranqüila Estressante
 +2 +1 0 -1 -2

Emocionante Rotineira
 +2 +1 0 -1 -2

PERCEPÇÃO: atividades físicas de satisfação motora e emocional no seu dia a dia

Satisfatória Insatisfatória
 +2 +1 0 -1 -2

POR QUE ESTÁ PROCURANDO POR ATIVIDADES DE AVENTURA?

(pode marcar mais de um item)

- | | |
|--------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> curiosidade | <input type="checkbox"/> quebra da rotina |
|--------------------------------------|---|

- é só mais uma atividade atividade de destreza física
 fui levado(a) pelas circunstâncias fonte de emoção
 induzido pela propaganda reencontro com a natureza
 busca por aventura alívio de tensões
(espaço para comentários)
-
-
-

RELAÇÃO: atividades de aventura na natureza X solução para pressões da vida moderna

Fundamental Insignificante
+2 +1 0 -1 -2

QUAIS SÃO AS ATIVIDADES DE AVENTURA DESENVOLVIDAS NA NATUREZA QUE LHE DESPERTAM INTERESSE? POR QUE?

A QUE ESTÁ RELACIONADA A SUA ESCOLHA POR ESTA ATIVIDADE DE AVENTURA?

Necessidade de excitação emocional

Fundamental Insignificante
+2 +1 0 -1 -2

Necessidade de viver experiências diferentes do cotidiano urbano

Fundamental Insignificante
+2 +1 0 -1 -2

Sensação de que o risco inerente a estas atividades está sob controle

Fundamental Insignificante
+2 +1 0 -1 -2

Sensação de segurança amparada na evolução tecnológica e eficiência mecânica/funcional do equipamento utilizado

Fundamental Insignificante
+2 +1 0 -1 -2

Sensação de segurança amparada na confiança nos guias e instrutores

Fundamental Insignificante
+2 +1 0 -1 -2

Apêndice 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

Este é um convite para você participar voluntariamente do estudo “**MENTES BUSCANDO EXCITAÇÃO E PRAZER: Análise Histórico-social da Expansão das Atividades Físicas de Aventura na Natureza**”. A presente pesquisa é o trabalho de conclusão de Curso de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, na área de concentração Sociedade, Direito e Cidadania, na linha de pesquisa História, Cultura e Cidadania, na Universidade Estadual de Ponta Grossa, pelo mestrando José Roberto Herrera Cantorani, com orientação do Prof^o Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Jr. Por favor, leia com atenção as informações abaixo antes de dar seu consentimento. Qualquer dúvida sobre o estudo ou sobre este documento pergunte ao pesquisador.

- **OBJETIVO DA PESQUISA:**

Levantar dados a respeito da expansão das atividades físicas de aventura na natureza e sobre a necessidade sócio-psicológica deste tipo de atividade.

- **PROCEDIMENTOS:**

Observação; Entrevista; Questionário.

- **DESPESAS/RESSARCIMENTO DE DESPESAS DO VOLUNTÁRIO:**

Todos os sujeitos envolvidos nessa pesquisa serão isentos de custos.

- **PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA:**

A sua participação neste estudo é voluntária.

Diante do exposto acima, eu, _____ abaixo assinado, declaro que fui esclarecido sobre os objetivos, procedimentos e benefícios do presente estudo. Concedo meu acordo de participação de livre e de espontânea vontade. Declaro também não possuir nenhum grau de dependência profissional ou educacional com os pesquisadores envolvidos no projeto, não me sentindo pressionado de nenhum modo a participar.

Ponta Grossa, _____ de _____ de 2006.

Nome do sujeito experimental
RG:

Nome do Pesquisador
RG:

Apêndice 4 – CARTA DE AGRADECIMENTO

Gostaria antes de qualquer coisa agradecer pela contribuição e participação na pesquisa sobre a Expansão das Atividades Físicas de Aventura na Natureza. Com base nas respostas obtidas nas entrevistas e também nos questionários temos agora dados para uma compreensão mais objetiva a respeito da relação entre essas atividades e as necessidades inerentes ao contexto urbano e social da modernidade.

Aproveito para dizer também que após a apresentação da Dissertação, no dia 7 de Julho, a qual vocês também estão convidados, pretendo socializar com cada um dos colaboradores uma cópia deste trabalho. Por isso, solicito aos interessados que me encaminhem um e-mail avisando de seu interesse.

De qualquer forma, lembro mais uma vez que todo o material coletado para a realização da pesquisa está a inteira disposição de todos aqueles que queiram consultar ou copiar, é só entrar em contato.

Mais uma vez obrigado!

Um grande abraço,
Cantorani